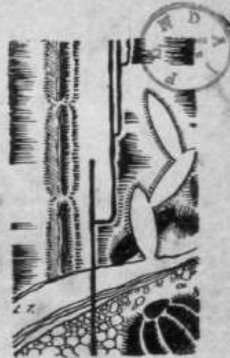




ARREBOLTE



"São os do Norte que veem..." (MANUEL BANDEIRA)

a Porta de Saída DAS GUERRAS

POEMA

Luiz Delgado



Quando a outra guerra acabou, há trinta anos atrás, a humanidade não estava apenas defrontando aquele problema, que é dolorosamente atual, da reconposição do vício dos povos, da tarefa de fazer entender e harmonizarem-se povos que acabavam impregar todas as suas energias para se destruir e matar.

Houve esse problema, sem dúvida, e o traço realizado com o intuito de resolvê-lo ficou atado na história em fases que ora foram finais ora desanimadoras e que agora escrevo pouco meticoloso em vão procuram classificar como vasta e enorme inutilidade: os debates torno das reparações, o drama da Liga Nações e de Wilson, o princípio de segurança para a França defensora, o de desarmamento proposto pelas Estados Unidos, o de equilíbrio das potências continentais desejado pela Inglaterra. Na verdade, tratou-se, com empenho que não devemos menosprezar, de liquidar psicologicamente a guerra e colocar a existência comum dos povos e dos Estados em batranquilas e justas.

Mas, subjacente a essas questões, no espírito da humanidade, havia outra angústia: pertava-se por todos os lados se a vida íntima de a povo era satisfatória, correspondia às aspirações dos homens, refletia os ideais de suas ciências. E era uma crise espiritual que devemos esquecer, neste re-avivorecer das lutas públicas, quando mergulham na poeira depois de um curto e sangüinolento esplendor, totalitarismos estatistas.

Reportava-se aquela crise a aspectos puramente políticos da vida universal, independente outras inquietações que tinham raízes econômicas. E poder-se-ia, defini-la dizendo-se, que a humanidade estava em dúvidas sobre a natureza e a bem-estar do regime democrático.

Um desencantamento já observável em quanta a literatura da segunda metade do século passado e dos primeiros anos deste século, propagando as massas pelos sofrimentos da guerra. Afinal, os gritos raivosos de Nietzsche contra a igualdade e a paternidade não haviam quebrado nenhum silêncio respeitoso: havia somente avultado no seio de um rumor semente. Ibsen, por exemplo, — e o exemplo é baseado num dramaturgo porque sua arte tem o contacto mais direto e sensível com o povo, mediante as suas ou as aplausos das plateias, — Ibsen testemunha muita coisa de desrecação do indivíduo com os regimes de opressão pública, fundados na decisão de maiorias nobrezas por interesses.

Depois de 1920, os que éramos, então, apenas meninos corria para os mais velhos, incomparavelmente mais sábios e mais fortes, — alguns deles, aliás, tão moços ainda que ali estão, ativos e idealistas, tomando parte nas eleições democráticas de hoje, — e eles em nós o eco de tais reprovações que enchem a atmosfera intelectual da Europa, que é o clima do tempo.

Fôra excessivo tentar expor aqui as causas que haviam conduzido a tal situação. Talvez, se pudéssemos elas ser sintetizadas no fato de que o movimento democrático possuía, então se dirigia contra o absolutismo instalado governos, um conteúdo positivo, apresentou sentido substancial: a proclamação constitucional dos direitos do homem, a reparação dos danos, a representação popular nas assembleias salativas — tudo isso servia a um fim prático evidente, procurava extinguir as monarquias absolutas. Mas, depois de conseguido esse objetivo, não se soube dar à máquina política, trabalhosa e construída um alvo sensível, uma finalidade que os indivíduos e os grupos pudessem aprender facilmente. Havia a técnica, um instrumento, uma forma de governo: não havia um ideal de ação. As condições democráticas era como se agissem no vácuo. E não só as suas deficiências foram sendo demasiado visíveis como também, nessa

desocupação espiritual, os vícios da competição e da astúcia foram ganhando relevo e ascendência.

"Há cem anos", dizia um escritor francês (L. Romier), em 1925, "a democracia não cessa de procurar uma fórmula que justifique logicamente suas inclinações instintivas, iluminando o seu futuro e garantindo a sua segurança. Não a achou. Constantemente oscila entre o humanitarismo, o nacionalismo e o estatismo — e cada avançada num desses rumos é seguida de uma decepção, isto é, de uma reação". Por essa falta de inspiração e de atividade, os sistemas democráticos de governo acabaram, segundo o mesmo autor, numa frase de espírito, por alterar a velha fórmula, substituindo governar é prever por governar é esperar: esperando-se, deixam-lo-se os sucessos seguirem o seu curso, assumem-se apenas responsabilidades negativas sempre difíceis de apurar, e preparam-se os interessados para acobitar no fim, por cansaço e desencanto, qualquer solução, sem muitas exigências. Isto, sem contar que outros problemas podem surgir, afastando para a sombra questões e preocupações que pareciam decisivas e catastróficas.

Poucos livros haverá, escritos entre 1918 e 1930, que, sendo representativos, não demonstrem uma equivalente posição de espírito.

A democracia entrara em crise à falta de ideias.

E verdade que uma generosa aspiração começara a crescer na alma humana desde os começos do século XIX: a elevação econômica e social dos pobres, dos trabalhadores manuais. No entanto, depois de Marx, essa aspiração que antes se identificava com o esforço de democracia política, começou a afastar-se dele. Baseando-se nos conceitos de luta de classe e de ditadura do proletariado, o socialismo que pretendia ter deixado de ser utópico e começou a ser científico, pôs-se a combater o que há de mais fundamental em toda verdadeira doutrina democrática — o reconhecimento dos direitos do homem, ainda hoje reduzidos a nada na experiência comunista da Rússia onde não há liberdade de partido, liberdade de imprensa nem liberdade de trabalho.

Deve-se uma grande parte do surto do fascismo não a Mussolini nem a Hitler mas à longa doutrinação de violência que o comunismo desenvolveu e que, sendo posta em prática, deixou como entontecidos os defensores dos métodos democráticos de persuasão e votação. Contra os processos de força bruta decorrentes da luta de classes, pareceu que só a força bruta — a negação dos direitos dos adversários, inclusive o direito à vida, — era eficaz: nascera o fascismo.

Recordemos outra circunstância, através de palavras relativamente recentes (1942), do erudito e ilustre escritor espanhol exilado Augusto Barcia Trelles: "durante a guerra, ficaram no campo de batalha dez milhões de homens, o melhor da geração chamada a dirigir a Europa nos últimos vinte anos. Nas trincheiras abertas desde as dunas da costa belga às montanhas dos Vosges, nas que se cavaram na Itália, e nos países balcânicos, nas que iam desde o mar Báltico ao mar Egeu, ceifou-se a flor das universidades, das fábricas, dos laboratórios, das fazendas, dos campos, — todos os elementos que deviam receber os luzes espirituais legados pelo século XIX ao século XX. Rompeu-se a grande cadeia civilizadora, operou-se uma cisão moral nos domínios da cultura. E quem foi preencher esses claros? Uma juventude chamada precocemente à vida prática, com todas as taras de uma educação não somente descuidada senão também — o que é pior — levada a efeito num ambiente de luta feroz, de pugna implacável e de sucessos aterrorizantes". Os meninos de 1914 que, durante quatro, nos, não ouviram falar senão de mortes, incêndios, misérias e crueldades, fruí-

(Conclui na 2.ª página)

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada)
Chovia.
Chovia numa trinta chuva de resiquacas
Como contraste e consolo ao calor tempestuoso
da noite.
Então me levantei,
Bebi o café que eu mesmo preparei,
Depois me deitei novamente, acendi um cigarro
e fiquei pensando...
Humildemente pensando na vida e nas suas
heranças que amei.

Manuel Bandeira

Dois "10 poemas manuscritos" — Edições Condé

SUMÁRIO

- COLABORAÇÃO de Manuel Bandeira, Luiz Delgado, Estêvão Pinto, Mário Melo, Jorge de Lima, Aderbal Jurema, Pinto Ferreira, Cristóvão Camargo, Olívio Montenegro, Jorge Abranches, Luiz Felipe Vieira, Sócrates Times
- de Carvalho, José Carlos Cavalcanti Borges, e Jaime Santos.
- DESENHOS de Fortinari, W. Goeldi, José Pessoa, Luiz Teixeira e Ramirez —
- CINEMA — ESPORTES — BIBLIOGRAFIA

Na Porta De Saída Das Guerras

(Conclusão da 1.ª página)

tos envenenados da violência, entravam, em 1930, a participar da vida com o coração endurecido, a consciência prostituída e a inteligência perturbada".

Tudo isso: o desencanto democrático, a repulsa à mentalidade burguesa, a lição das brutalidades da guerra, a pregação da luta de classes e da "ação direta" em política — representa o lastró moral destes tempos. Uma mocidade que não pudera adestrar-se devidamente para as tarefas que seria chamada a exercer e crescer sob os choques emotivos da guerra, defrontando a ausência de ideais característicos de sua época, ausência constatada e censurada desde muito, — julgou que as inclinações para a nobreza e o heroísmo que havia na sua alma só encontravam saída e aplicação nas durezas do autoritarismo e do totalitarismo. Ela entregou-se a um instinto, em vez de procurar uma solução. E ofereceu-se em sacrifício à vontade de chefes absolutos tanto na Rússia quanto na Alemanha, morrendo e matando por eles.

Ora, é dispensável lembrar como, à saída desta outra guerra que acabou há poucos meses, a humanidade vem colocar-se em situação idêntica à que sumariamente ficou descrita.



NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346 — Sala 33 — 6.º andar

Redator-chefe: Aderbal Jurema
Gerente: Fernando Barros Lima

Número avulso Cr\$ 2,00
Número atrasado Cr\$ 4,00

Todos os livros enviados a esta revista serão registados independente de crítica assinada. Solicitamos permuta com as publicações congêneres.

Os sofrimentos desequilibraram de novo a nossa sensibilidade e intimidaram a nossa consciência. Os problemas do futuro, desde a bomba atômica ao imperialismo dos russos, desde a organização universal até o castigo dos criminosos de guerra, desde a necessidade de reerguer as nações que não foram derrotadas apenas mas destruídas, até a urgência de defender o mundo contra as novas conflagrações que elas queiram, no seu ressentimento e na sua ambição, provocar, — os problemas do futuro inquietam-nos ainda mais do que nos inquietavam ontem. Apenas uma circunstância mudou muito: a curta e pesada experiência totalitária fez-nos sófregos da liberdade que desprezávamos em 1920.

Mas, isso mesmo impõe-nos que não nos deixemos levar por impulsos, como aconteceu no período em que, decepcionados da democracia liberal, buscamos as ditaduras. O exagero do princípio da autoridade, que sabíamos necessária, foi um erro doloroso e tremendo: ele será repetido se não equilibrarmos moral e racionalmente a sede de liberdade que temos hoje. Todo simplismo social é uma fonte de males.

Nenhum exemplo merece, a esse respeito, mais atenção, do que o oferecido, mesmo em sua história mais recente, pela Igreja Católica. Ela não se deixou arrastar pelos entusiasmos excessivos do liberalismo, enquanto corria o século passado; muitos corações inflamados chamaram-na, por isso, de retrógrada. Mas, quando os homens se desiludiram da liberdade e correram para as ditaduras, ela estava apta a adverti-los com o seu equilíbrio secular e sábio. E apareceu como o refúgio e o asilo das liberdades verdadeiras e essenciais. Proclamou-o Einstein, perseguido; sabemos-lo todos.

Nem chega a ser bastante radicar e fundar a liberdade na invocação da dignidade humana — como tanto se faz hoje e, sob certo ponto de vista, com a maior e melhor das razões. Como se deve entender essa dignidade? Ela não há de ser defendida apenas contra as coações vindas do exterior senão também das degradações realizadas no interior. Há de ser defendida contra nós mesmos, inspirando-se incessantemente por algum ideal mais alto do que as nossas quedas, mais firme do que as nossas fragilidades. A dignidade humana não pode ser, por isso, mais perfeitamente compreendida do que quando é compreendida à luz da idéia da filiação divina e da união da divindade e da humanidade na pessoa de Jesus Cristo.

As novas jornadas democráticas purificarão a democracia de velhos erros e compensarão os homens de seus recentes e trágicos sofrimentos, se forem iluminadas e verificadas por algum nobre e operoso ideal — o que não aconteceu quando o mundo saiu da outra guerra. Mas, num regime que presuppõe e implica a liberdade, o governo do homem por si mesmo, esse ideal não pode limitar-se à ordem social: há de ir mais longe e ter um sentido moral e religioso, mostrando às consciências o seu destino em Deus e o seu modelo naquele que se chamou o Caminho, a Verdade e a Vida.



PÔSTO SÃO GONÇALO

Barros, Wanderley & Cia. Ltda.

RUA DE SÃO GONÇALO N.º 132 — FONE: 2099

Lavagem e Lubrificação

Acabamos de montar um elevador automático para a lavagem do seu auto.

* Marque seu dia e sua hora para uma lubrificação completa no seu carro.

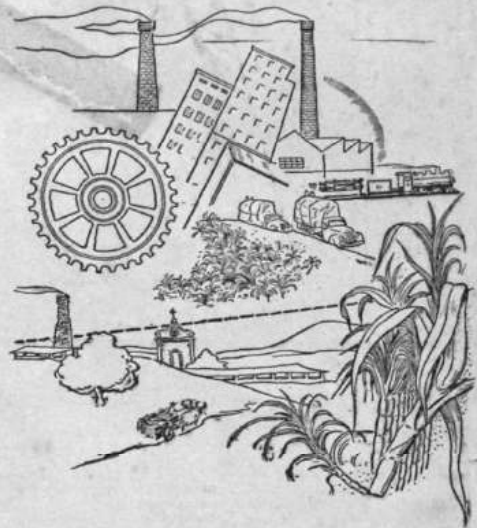
Peças OPEL

* Para os afamados carros OPEL temos todas as peças necessárias.

* Desde o menor parafuso até a mudança completa do cardan.

Consertos em geral

* Com todo o cuidado e aperfeiçoamento fazemos o conserto do seu automóvel. Entregamos seu carro em perfeito estado com rapidez e bom preço.



Crédito e Progresso

O crédito é um grande descortinador de rumos novos. A perfeita compreensão de suas finalidades, consequentemente a sua distribuição honesta e patriótica, visando sempre, acima do egoísmo individual, a necessidade coletiva — torna-o portanto um esteio do bem estar social, uma fonte inesgotável de benefícios para o futuro de um país.

A segura orientação seguida pelo BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO, S/A, nestes dez anos de sua nova e definitiva fase de progresso, — pode ser apreciada como uma identificação total com a vida econômica de Pernambuco, servindo com o mais vivo interesse ao desenvolvimento do nosso comércio, da nossa lavoura e das nossas indústrias.

Esclarecem-no as admiráveis cifras de seu movimento em traço sempre ascensional, dentre as quais se destacam os Depósitos, numa afirmação de confiança e conceito que não se pode subestimar.

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S. A.

CAPITAL E RESERVAS: 20.073.442,30

Avenida Rio Branco, 155 - Recife-Pernambuco

Leite Maltado contem ferro util ao sangue e fosfato para os nervos e tecidos do corpo.

Na Sorveteria "AS GALERIAS"

De FIDELIO LAGO

Avenida Marquês de Olinda, 58

Telefone 9314

O inglês Koster NO BRASIL

Estavam PINTO

poucos tempos, Luiz da Câmara Casado prestou-nos um grande serviço — traduziu e anotou a célebre obra de um ante inglês, que esteve no Nordeste brasileiros meados do século XIX. Trata-se de Koster, singular figura de estrangeiro e enamorado do Brasil. Esta coisa ainda não está esclarecida em o a Koster. Parece que esse autor nasceu em Portugal, mas era, sem nenhuma dúvida, pais britânicos. Tendo adoecido na Ira, veio, a conselho médico, para o Brade, a princípio, se instalou em Pernambuco num sítio chamado de "Cruz das Almas", do a maior parte do seu tempo em excursões arrabaldes da cidade, excursões que, se estenderam às capitâneas da Paraíba, ará, do Piauí e do Maranhão. Mais tarde, teve oportunidade de conhecer o capitão

re os balcões mouriscos do Recife do tempo de João VI. A narrativa de Koster provocou a atenção dos meios literários da Europa, tendo sido logo traduzida em algumas línguas. Pensava Koster que já mais tornaria ao Brasil; agravando-se, porém, a implacável moléstia, regressou novamente a Pernambuco, onde veio a falecer por volta de 1820.

Quando Koster aporta ao Recife, num dezembro assolado de 1809, a sua primeira impressão é a de um homem meio atordado. O forasteiro, ainda atônito do espetáculo, para ele inédito, das jangadas que deslizam em torno do navio, depara-se com uma cidade por assim dizer oriental. A algazarra dos negros de lan-

vive com os vaqueiros, dos quais nos traça um maravilhoso retrato. Não esquece os lazaretos, os recolhimentos, as rodas de engeitados. Descreve as várzeas, os taboleiros, as campinas, as praias cheias de cafés e de mangabas. Classifica a população. Observa, enfim, a vida tão estranha dos escravos, — os angolas, os congos, os rebolos, os nocambiques, — achando que gozavam eles, entre nós, de mais regalias do que os seus irmãos das colônias britânicas.

Em nenhum momento, Koster demonstrou o menor desprezo em relação aos nossos costumes, o menor desdém em relação à nossa gente. Pelo contrário. Dormia em rede. Usava faca-de-ponta. Servia de padrinho aos meninos pobres. Seu próprio nome foi, em breve, aporuguesado, — era ele o Henrique da Costa, tal qual John Whitall ficou conhecido, em Santos, pelo nome de João Leitão. Seu prestígio, entre nós, era tão grande que foi escolhido, pelos revolucionários de 17, como parlamentar para tratar da capitulação do Recife junto ao comandante do bloqueio real. Não duvido mesmo que Koster acabasse usando as chinelas e o chambre do capitão-mor, se tivesse vivido alguns anos mais no Brasil.

Ao tempo de Koster, o inglês ainda era, para nós, uma espécie de animal meio estranho. No interior, sobretudo, quando Koster falava, cercavam-no logo numerosas pessoas espantadas. — "Fala a língua dos negros" (diziam). — Mas logo se fez sentir a influência dos estrangeiros. As damas brasileiras já começavam a passear a pé, durante a tarde, seguindo o exemplo das inglesas e, como elas, vestindo-se de musselinas e outros tecidos leves. Também já se começava a usar o chá da Índia, que, até então, só se vendia nas farmácias. Foram os ingleses que modernizaram, no Brasil, a técnica do transporte. Devia ser também inglês, esse Tomás Sayer, o qual, por volta de 1840, inaugurou no Recife os primeiros omnibus do tipo, que os franceses chamam de impériale. Não é sem razão que o Vocabulário Pernambucano de Pereira da Costa registra o termo "inglesias", isto é, maquinárias, inventos, instrumentos, depois corrompido em "ingrinas", agora com o sentido de complicações, de trspalhada, de barulho.

Onde foi enterrado Koster, é o que não consegui saber. Se foi sepultado no velho cemitério inglês de Santo Amaro, sua lousa foi retirada e já não existe. É possível que algum dos seus numerosos amigos e compatriotas tivesse tido a idéia de transportar os restos mortais do inglês para Londres. Pelo menos, tal pensamento passou pela cabeça do velho capitão do brigue, no qual Koster fizera uma das suas viagens de ultramar, — isso no momento em que correu a notícia de que o mesmo estava às portas da morte.

O processo era dos mais primitivos e simples; fazer o cadáver viajar em um tonel de rum. E o velho capitão chegou a mostrar a Koster o tonel sinistro, dizendo-lhe, como quem se quer desculpar: — "Julga você que eu o abandonaria nesta terra, em meio de um povo que não lhe quereria dar sepultura cristã?"

Na lousa de Koster, o fiel Koster, o bom e honesto Koster, caberia bem o seguinte epitáfio: "Amo o lugar onde tanto vivi", — palavras que ele escreveu logo no primeiro capítulo do seu livro.



VENDA EM RECIFE

(Do livro de Maurice Rugendas "Voyage Pittoresque dans le Brésil")

r de Bom Jardim. E essa amizade proporcionou-lhe, então, o ensejo de visitar os sertões Nordeste.

Em princípios de 1812, de volta de sua viagem ao interior, Koster instalou-se no engenho varbe, que abandonou, um ano após, para pegar-se, em Itamaracá, à cultura da cana-de-çúcar. Tal vida agreste também não teria durado muito tempo, porquanto, em 1815, se viu como plantador de canas na contingência de emigrar à Inglaterra.

Em Londres, Koster escreveu e publicou, em 1816, o seu trabalho — "Travels in Brazil", deido ao historiador e também poeta laureado Bert Southey. O volume vinha acompanhado de algumas estampas coloridas, sendo a mais bonita delas a que nos mostra uma dama da roda, passando, em seu palanquin, por en-

ga. O pregão dos vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituando à nova paisagem, então sucede a esse estontamento a mais sôfrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cigano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

LEVANTANDO-SE contra os holandeses, quando Portugal, para segurança da paz na Europa, estava em negociações com os Países Baixos, mercê das quais as capitâneas ocupadas ficariam em poder dos inimigos, e expulsando-os ao cabo de nove anos de guerra, entendiam os pernambucanos que podiam governar-se como em "República livre", isto é, como povo independente.

A classificação é do Conde de Obidos, governador geral do Brasil, com sede na Bahia, e os fatos, antecedentes e consequentes, provaram que tinha este razão.

Vencidos os invasores e enxotados de Pernambuco e capitâneas anexas, assumiu o governo civil quem tinha o militar: o mestre de campo — general Francisco Barreto, a quem desde as vésperas da primeira batalha dos Guararapes, por ele dirigida e que constituiu sua primeira vitória no Brasil, fora entregue o comando geral dos insurgentes.

Barreto não era brasileiro. Apenas melo-sangue português. Filho bastardo dum pe-rnambuco com o morgado de Quarteira, nascido em Calhau e levado pelo pai, que o reconhecera, a Portugal, onde o educara.

Não deixou, em Pernambuco, traços de seu governo civil. Tão grande, porém, foi sua fama com a vitória obtida sobre os holandeses, que a coroa portuguesa o designou para governador geral do Brasil.

Sucedeu-o, aqui, André Vidal de Negreiros. Se bem que nascido na Paraíba, Vidal de Negreiros tinha a maior parte de seus bens na capitania de Pernambuco e particularmente na de Itamaracá, então e para sempre anexada à de Pernambuco. Um dos principais inspiradores, senão o principal, da insurreição pernambucana, e um dos chefes militares de mais prestígio. Segundo Rio Branco, fora ele e não Vieira, o diretor da guerra, o que é aceitável, porquanto militar de carreira.

Mazumbo, isto é, filho de portugueses, de pai que começara a vida como carpinteiro, tomara parte em todos os acontecimentos decisivos de Pernambuco, a partir do combate da Casa Forte.

Representara os vencedores na capitulação da Campina do Taborda e fora o escolhido para levar a el-rei a notícia da expulsão.

Dali voltara com a nomeação de governador do Maranhão e Grão-Pará e mais ainda a mercê, que nenhum outro tivera: direito de go-

vernar Pernambuco e Angola, por si ou substituto que nomeasse.

Francisco Barreto continuara a governar como se fora unicamente comandante-chefe. Todas as classes ficaram indispostas.

Vagando a capitania de Pernambuco, pela sua elevação a governador geral do Brasil, coube a sucessão a Vidal de Negreiros, que tomou posse a 26 de março de 1657.

Foi um alívio para os pernambucanos, cuja sorte procurou minorar, desfazendo injustiças praticadas por Barreto que, entretanto, como governador geral, tinha agora mais poderes.

E deu-se o rompimento. Barreto ordenava, da Bahia, e Vidal não compria.

O governador geral queixou-se ao rei da indisciplina do governador de Pernambuco. Temperamento impulsivo, antes das providências, baixou um alvará de suspensão de Vidal de Negreiros, do governo da capitania, e mandou que D. João de Sousa e Antônio Dias Cardoso, comandantes das forças de infantaria paga do Recife, tomassem conta do governo, até a chegada do desembargador Cristóvão Burgos Contreiras, ouvidor-geral do crime da Bahia, que dali partia com o regimento do coronel Nicolau Aranha Pacheco.

Vidal de Negreiros usou de estratégia política: cedeu. Cumpriu as ordens do governador geral mas recorreu à Coroa.

E o resultado foi um "carão" ao governador geral:

"Francisco Barreto de Menezes — El-Rei vos envio muito saudar. Havendo mandado ver o que me escreveu o governador André Vidal de Negreiros sobre as dúvidas que entre vós e ele se moveram em matérias de jurisdição, de vós mandado um desembargador e um mestre de campo para fazer dar cumprimento às vossas ordens: me pareceu dirigir-vos (se assim é) que nesta resolução se faltou muito a meu serviço. Porquanto havendo vós recorrido a mim com as razões de vossas queixas, e estando me a causa afeta, deveris aguardar resposta minha, sem no interim inovar coisa alguma, nem passar adiante na matéria, a menos com armas e novas devassas, dando com isso ocasião a tumultos e guerras civis entre meus vassallos. Logo que esta receberdes, (se já não o houverdes feito, tomando melhor conselho) fazei recolher todos os ministros da guerra e justiça, que tiverdes man-

(Continua na página 14)

Se o povo prefere

FRATELLI VITA

Por que contrariar o povo?

Democracia e Planificação

Aderbal Jurema

A CONSCIÊNCIA burguesa desenvolveu-se dentro do *laissez-faire* em todos os sentidos. A concepção individualista do *laissez-faire* exigia um Estado neutral em relação às atividades do indivíduo na sociedade. As grandes invenções, os descobrimentos, a Reforma e o Renascimento marcam o início da consciência burguesa em plena atividade em todos os planos da sociedade. Deante dessa nova técnica de vida, a consciência feudal sucumbiu na Revolução Francesa decapitada simbolicamente em praça pública. Mas não se destroem totalmente, nas profundezas da alma humana, todos os pequenos hábitos que formam uma consciência histórica. E as sobrevivências mal assimiladas pelo cidadão republicano provocaram as contra-marchas napoleônicas que de um fenômeno francês se transformaram num caso europeu e também mundial. Não só a estrutura econômica, mas também a social do novo regime conseguiram, por fim, a vitória do capitalismo industrial que era uma fase organicamente histórica dos povos europeus com novos continentes e destravara, nova técnica de produção, novas concepções políticas e novas atitudes espirituais.

O signo da época individualista era a liberdade sem restrições de espécie alguma. E, à medida que o mundo crescia desordenadamente, o regime se tornava irresponsável pela confusão de seu idealismo. Chocavam-se os homens no terreno prático da vida embora estivessem de acordo no terreno abstrato das idéias. Neste choque, Marx apoiou a sua crítica das contradições íntimas do capitalismo puro, porque, como observou o "O Capital", a economia capitalista criou um novo servo — o proletariado. A produção livre ia aumentando num ritmo catastrófico, sem encontrar correspondência com o poder aquisitivo dos que a produziam. Berdiaef entra em cena e apela para uma nova idade média, esquecido, talvez, de que a roda da história pode levar na sua superfície os detritos do passado, mas, jamais, mover-se ao contrário.

Quando o capitalismo individualista dos economistas clássicos tornou-se irresponsável pelas suas operações, as massas proletárias reagiram e a classe média apavorou-se. A luta generalizou-se aguda entre os que produziam e os que distribuíam a produção. Toda vez que o Estado se sentia ameaçado pelas contradições básicas do regime e tentava intervir, reagiam acerbamente os teóricos do *laissez-faire* em nome das liberdades individualistas, legado da Revolução Francesa. Com a Grande Guerra, no entanto, deu-se a rotura do primeiro elo da cadeia com a vitória de um proletário na Rússia. E as consequências sociais e literárias desse pós-guerra foram mais consequências econômicas e psicológicas da vitória do Partido Comunista russo do que do próprio fenômeno guerreiro. Com a queda do Czar e do regime feudal-burguês russo, deslocou-se o eixo de interesse da Europa central para a parte oriental. Pela primeira vez o *laissez-faire* fora ferido mortalmente. Os teóricos cruzaram os braços desanimados, mas os homens espertos, de que não fala Mannheim, distenderam os músculos e tentaram a economia dirigida. Brigada no sentido de salvar a ordem social vigente e não no sentido de aplinar as desigualdades sociais e econômicas existentes. O Estado foi se tornando forte a ponto de cristalizar não só a economia, mas todas as manifestações sócio-culturais. Já não se tratava mais de liberdade e sim de manter os privilégios de meia-idade de homens, privilégios adquiridos com a neutralidade desse mesmo Estado que agora chamava a si a responsabilidade de conservá-los. Operou-se a concentração do governo e da administração. Concentração material e espiritual através dos monopólios estatais e do telefone, telegrafo, rádio, imprensa, ferro-carril, automóvel, indicada por Karl Mannheim em seu livro recentíssimo: "Diagnóstico de Nosso Tempo". Através do controle das técnicas sociais tentou-se, pela força, disciplina econômica e paralisar as irresponsabilidades do *laissez-faire*. Nasceu, assim, o Estado Totalitário, que não era um Estado planejado como querem alguns críticos do nosso tempo, mas um plano de centralização em benefício de poucos. Negro nos Estados totalitários da Alemanha e da Itália a sua essência planificadora, embora Mannheim e Laaski admitam dois tipos de planificação, a boa e a má, classificação que, como se vê, fica no domínio ético. Mas isso será outra história que nós abordaremos mais adiante. Diz, por exemplo, Mannheim que "deve se fazer uma distinção entre a planificação como instrumento da conformidade e a planificação como instrumento da liberdade e da variedade". (liv. cit. pg. 18). Esta será uma diferença, em certo sentido, da planificação consentida e constitucional e da comunista por intermédio de uma ditadura do proletariado e nunca em relação aos Estados totalitários ou fascistas.

Estados Totalitários

O prof. R. MacIver, em sua tese sobre "Leviathan an the people", apresentada à Louisiana University, depois de traçar um magistral capítulo intitulado "Fim do Laissez Faire", acredita que o problema essencial do capitalismo moderno está em superar as repetidas crises psicológicas e políticas produzidas nos períodos de crises agudas, com uma solução puramente técnica. Problema que, segundo MacIver, envolve "não só um sistema econômico, senão também um sistema político-econômico". (liv. cit. pg. 106). O fascismo tentou, por uma centralização rígida, acabar com as crises entre o capital e o trabalho, servindo-se, para isso, de um aparelhamento bélico formidável. Desapareceu, com a doutrina totalitária, doutrina da improvisação política e do espírito orgânico, a alma do capitalismo que era o *laissez-faire*. Em seu lugar colocou-se o monstro do Estado, no apelido de MacIver, que pelo emprego da força brutal das técnicas sociais, referidas por Mannheim, dispôs das classes sociais, simplificando e abafando, nos campos de concentração e nos fusilamentos coletivos, os seus antagonismos e as

suas reivindicações. Realizou o fascismo o que se pode chamar de um entendimento compulsório entre os trabalhadores e capitalistas. Criou, no vazio ideológico de sua maneira de agir, a mística nacional do Estado Forte e outras místicas de raça e de religião, mais ou menos desenvolvidas de acordo com as tradições de cada país onde a monstrosidade fascista se instalava. A cidade da cultura do século XIX transformou-se na taba rude de um Estado que se mantinha graças aos meios técnicos de que dispunha uma polícia super-alimentada pelos que tentaram parar a dinâmica social. Ao invés de o homem dominar a máquina, o Estado totalitário partia do princípio de que a máquina é que determina a vida do homem. Deu-se, por isso mesmo, a tremenda inversão dos valores humanos, o endosseamento da máquina e a materialização do homem. E este fenômeno se revela até nos fatos mais conhecidos desta última guerra em que a vida do homem, por parte dos Estados totalitários, perdeu completamente o seu valor cristão ou simplesmente humano, com os aviões suicidas, no Japão, e as bombas voadoras, na Alemanha. Nos aviões suicidas, o homem era uma coisa secundária, o que valia era o objetivo a alcançar. Na bomba voadora, nem de homens precisavam, era a máquina valendo por si só.

O conhecido líder trabalhista inglês Harold J. Laaski, em "Reflexões sobre a revolução de nosso tempo", aceita, em parte, a crítica marxista ao Estado Totalitário de caráter reconhecido de decadência a que chegou o regime capitalista, por não poder resolver a crise entre a produção e o poder aquisitivo das massas, e daí concluir que o fascismo é o último recurso para manter um estado de coisas em confusão e decadência. Recurso que eles apontam como drástico pela compressão das liberdades públicas que informam, em última análise, a democracia burguesa na época de seu esplendor. A medida que foram crescendo as suas contradições e aumentando o número do proletariado consciente, herdeiro, como eles afirmam, da cultura burguesa, o Estado neutral e liberal foi-se transformando num Estado participante da luta e como o Estado, dialeticamente, é a superestrutura da classe dominante teria que ser um Estado interessado em defender os privilégios dessa mesma classe. Não só defender, como tentar esmagar toda possibilidade de alteração no *status-quo* social, econômico e político, mesmo com sacrifício do seu conteúdo ideológico, que era a livre concorrência, a liberdade de comércio e de circulação do pensamento. Harold Laaski sugere, no entanto, que a crítica marxista não abrangiu completamente a questão, no que, aliás, está de acordo com Rudolf Rocker na apreciação que este faz aos vários nacionalismos na sua obra "Nacionalismo e Cultura", traduzida diretamente do alemão. Um outro alemão, Bernhard Groethuyzen, estudando "A formação da consciência burguesa durante o século XVIII", na França, sugere que o fascismo é, em verdade, produto do estado laico, do burguês materialista e ateu que perdeu a noção cristã do trabalho. Todos estes publicistas e mais alguns outros de várias correntes democráticas estão, no entanto, de acordo em que o Estado fascista não resolve a crise do capitalismo. O que consegue, em última análise, é uma espécie de estacionamento de todas as fontes da vida e da cultura. Estacionam no bárbaro e anti-humano que se mantinha na força e pela força foi preciso destruí-lo. Não vai, nesta minha afirmativa, a idéia de que o fascismo já possa ser considerado um caso liquidado. Antes, pelo contrário, se materialmente está extinto, o perigo de sua sobrevivência e revivência continua vivo se não tivermos serenidade e coragem para retornarmos a linha de uma democracia militante, capaz de superar e coordenar as várias correntes honestas do pensamento que desejam abrir uma larga avenida de paz e de justiça social para o porvir da humanidade.

Planificação comunista e planificação democrática

Eis, sem medo das palavras e dos assuntos, as duas pontas que se ofereceram à humanidade para conseguir atravessar o abismo cavado pelos Estados Totalitários.

Antes de mais nada, é preciso salientar a importância histórica que possui a Revolução Russa, importância não comparável à Revolução Francesa para a idade contemporânea. Tenho pensado, principalmente nas minhas aulas de História da Civilização, não na igualdade de processos, mas nas semelhanças que permitem um estudo comparativo entre as consequências

políticas e sociais destas duas grandes revoluções da humanidade. Embora o tempo decorrido ainda não ofereça garantia para uma dedução sociológica rica de fatos históricos, já podemos avançar, sem receios ou vaidades intelectuais disfarçadas e gatinhantes, no terreno severo das afirmações, que a revolução de que precisava o proletariado foi feita pela guerra. (v. meu artigo "Idéias e Partidos" — JORNAL DO COMMERCE — 7-10-1945). Da mesma maneira que, depois da proclamação sangrenta da Revolução Francesa em República, os países da América realizaram a queda de suas monarquias e seus feudalismos com paradas militares, onde o vermelho brilhava nas ruas, não nas sarjetas e nas barricadas, mas no barrête frígido dos oradores populares que contavam o povo a se governar a si mesmo.

Depois da grande revolução republicana e liberal, que foi a francesa, quais foram outros povos que tiveram de pagar na mesma moeda quando substituíram os regimes feudais-monárquicos por republicanos-liberais-industrialistas? Na realidade, todos os Estados do mundo são, na realidade, Repúblicas e mesmo quando guardam o arcabouço tradicional da monarquia, como no caso da Inglaterra, o seu espírito é fundamentalmente republicano e liberal. Peculiaridades nacionais é que influenciam para a escolha dos palcos grandiosos dessas duas revoluções que abalaram o mundo. Depois a sua influência, as suas consequências vão sendo adaptadas pelo espírito humano variado aos diversos continentes e países. O mesmo se vem dando, muito recentemente, com a experiência socialista da União Soviética em relação à revolução permanente de Trotsky que se revelou, sobretudo, um grande idealista e um péssimo sociólogo. A revolução em Trotsky era fumaça que não se apaga nunca, como em Robespierre, fumaça tão ardente e arbitrária que terminou por devorar a ambos.

Em 1917, os comunistas com Lenine à frente, tinham a certeza, deante do mundo que os cercava, de que o capitalismo só desapareceria da face da terra com a tomada do poder pelo proletariado e de que somente o proletariado, dirigido pelo Partido Comunista, numa ditadura integral, poderia anular as classes sociais para criar, no futuro, uma sociedade sem classes, pelo menos no terreno das diferenciações econômicas e culturais, já que nunca foram bastantes claras a respeito das variedades psicológicas do homem, variedades tão profundamente esquadrihadas por outro russo de gênio — Dostoiévsky.

Passaram-se os anos da segregação da União Soviética e veio outra guerra, guerra em que os dirigentes do sistema capitalista concentrado encontraram a maior reação dentro das próprias formas democráticas do capitalismo em crise. E, o esperado por uns e nunca prevista por outros, deu-se. — As democracias chamadas capitalistas, pelo seu sistema de produção, distribuição e consumo, tiveram na ditadura do proletariado russo o seu grande aliado. (Nesta altura não se deve esquecer a realização socialista do Estado mexicano e nem tampouco, a miniatura de letivista da República do Uruguai). Ambos, sem lutas comparáveis aos sangrentos "dez dias que abalarão o mundo", embora com antipáticas lutas religiosas, vem realizando a planificação progressista de seu povo).

No alvorecer da vitória aliada os cânticos aos heróis se misturaram com preces a Deus para nos indicar o rumo certo e seguro do pós-guerra. A própria Rússia parece ter compreendido que a sua missão trasladou-se do terreno diretamente interessado das agitações internacionais para o terreno do exemplo histórico. Essa, talvez, a significação mais aguda do desaparecimento da 3.ª Internacional, significação que nós sugerimos, embora os seus autores tenham pensado, sem dúvida, numa manobra de diplomacia e de política.

A última guerra trouxe, em carne viva, para o povo dominado pelo fascismo, a consciência do seu valor e a exata compreensão do que significava o desaparecimento da democracia, mesmo no seu sentido formal como foi a burguesia até 1939. Durante os anos de guerra, os povos de países como a França, a Inglaterra e, principalmente, os Estados Unidos da América do Norte, verificaram ser possível disciplinar e dar uma orientação ao esforço coletivo sem sacrificar profundamente as liberdades individuais.

E se isso foi possível num estado de emergência, muito melhor se poderá fazer num estado de serenidade e de paz. Daí, ao meu ver, terem caducado os métodos soviéticos da revolução proletária que estão sendo substituídos, com uma grande vantagem para a nossa formação latina, pela participação direta do povo através da democracia. Democracia nem bur-

guesa e nem proletária, porquanto o futuro, graças à interdependência econômica, cultural, não será um mundo de antagonismo de classes e de raças e nem tampouco da dura de uma classe. Será um mundo de participação democrática de todas as classes seu sentido funcional em relação ao domínio cultural dos bens da terra, e o sentido capitalista da seleção pelos meios e pelos trutes matematicamente organizados numa matemática sem fim que nos tem símbolo de uma periódica.

Nunca, como agora, a sugestão do psicólogo William James, de que o problema da psicologia moderna está em encontrar um substituto para a guerra, se tornou tão premente. Numa democracia que marcha ou deve chegar para a planificação, a fim de que se tem as revoluções sangrentas, há necessidade "um propósito unificador que opere tão fortemente como a guerra, e que estimule, sem cessidade de um inimigo, o espírito de alto mo e de sacrifício em grande escala". (heim — liv. cit. pg. 56).

Democracia planificadora e Cristianismo

O antagonismo filosófico entre a ação do materialismo histórico e a concepção mundo cristão é uma realidade de todos os dias. Mas, da mesma maneira que o Cristianismo se absteve de participar organizada da injustiça do regime capitalista, como q cerrando-se dentro da sua liturgia, — se quecermos, no entanto, as encíclicas papais atualmente éler não pode deixar de part do destino do mundo porque é o seu próprio.

Karl Mannheim, um dos teóricos da planificação social, autor de um admirável ensaio sobre "Liberdade e Planificação", traçou, com sua autoridade de sociólogo e de filósofo seu último trabalho "Diagnóstico de Nosso Tempo", um capítulo de exposição de uma sociedade planificada onde procura mostrar não são incompatíveis com a democracia planificada os dogmas e concepções da Igreja, alguma corifeus do Cristianismo se acomodam a uma ordem econômica, social e política de lamentáveis e injustas atitudes morais, a Igreja, pela voz autorizada de seus Papas e de seus teólogos e filósofos, tem autoridade para tomar parte saliente na direção espiritual de uma democracia planificada. Mente aos ensinamentos de Cristo quem queira ser um bom cristão sua vida privada e nas suas relações pessoais sem se preocupar muito com a ordem social política em que vive. Esta era uma atitude decorrente do liberalismo que deu em resultado o hipócrita, na sua afirmação mais bárbara, o hitlerismo alemão. Por isso Karl Mannheim é da opinião que "hoje mais do que nunca uma questão de consciência para todas as Igrejas que se ponham a prova, à luz dos valores cristãos, os princípios básicos da organização social". (liv. cit. pg. 177). Jacques Maritain em "Cristianismo e Democracia", condena o regime democrático capitalista, chamando-o de democracia do dinheiro, e diz textualmente: "pende do supremo esforço da liberdade humana, na luta mortal em que está empenhada a vida que a idade em que entramos não seja a idade das massas e das informes multidões alme das, oprimidas e levadas ao maltrato por seus deuses infames, senão a idade do povo e do homem da humanidade comum, — cidadão e herdeiro da comunidade civilizada, — cones te da dignidade da pessoa humana em si mesmo, construtor de um mundo mais humano orientado para um ideal histórico de fraternidade humana". (pg. 144).

E preciso, portanto, encerrar a planificação social como uma planificação para a liberdade e a revalorização da pessoa humana. Tudo resumir-se em mudar o curso do raciocínio um bom burguês quando volta à tardinha lar, no seu automóvel macio, sem o perigo de bordas saltando fora dos trilhos ou a impugnação das filas intermináveis: "É preciso defender meu automóvel e meu lar nem que seja a qualquer preço". Porque éle não raciocina assim: "que poderíamos acabar com essas ameaças não traçassemos um plano para que todos dessem ter um automóvel e um lar". O cristão sistemático responderia, sem dúvida, o pensamento do bom burguês só pode ser diferente, pois representa uma superestrutura infra-estrutura econômica etc., etc. Mas, quando o Cristo enviou as suas mensagens em rábolas foi porque Ele sabia da eternidade suas verdades. Bem que elas hoje estão, a que poderão encontrar, numa sociedade planificada, a avenida livre de seu trânsito seu justo e eterno.

INCERTO

José Carlos Cavalcanti Borges

De Mattias (Aparelho digestivo e anexos) falou em Caruarú.
— O sr. acha mesmo, doutor, que a mudança me fazia bem?
— É, um clima de montanha, pois não; mantendo lá mais ou menos a dieta, não desprezando os medicamentos...
— Mas o senhor recomenda, mesmo?
— Pois não, pois não.
— Recomenda?
—

Pensava na gravidez de Maria Leticia — o primeiro filho, no quarto mês; salam para o interior, se afastavam dos parentes, que serviam tanto, assim logo num tempo em que papai, promovido na repartição, cheio de trabalhos novos, mas a mulher estava pronta:
— Para demorar muito?
— Uns trinta dias.
— Ora, mesmo que fosse mais, você não precisa?
— Faria bem, papai, faria?
— Os médicos são quem sabe, meu filho...
— A partida ficou para sábado; em três dias, na certa, terminava uns negócios.
— Sábado estava bom, não estava? Papai ficava vigiando a casa fechada? — "sim"; — olhe, passava todos os dias por lá? — "sim, sim"; — dava uma vista nos livros, algum rato não viesse... "sim"; — uma vista no jardim, na criada pra não deixar as teias de aranha tomar conta? — "sim"; —

Maria Leticia amanheceu o sábado reafriada; só a garganta seca, podiam ir.
— Viagem de trem, você assim, minha filha?
— Tomo um comprimido, melhor.
— E a poeira?
— Com tanta chuva! —

"Papai:
Maria Leticia sentiu-se adoentada, julgou mais acertado não seguirmos.

Apareça, para conversarmos.
Marcelino".

Consultou Moreira Ramos, mais um amigo que médico:
— Dr. Mattias me aconselhou, você crê que serve?
— Sim, por que não? Depois, seriam umas férias forçadas pra você, você dormia as noites todas e não estudava; lia coisas ligeiras, andava a pé. Conhece Caruarú? Você gosta.
— Faz um mês que eu estava mesmo de partida, sabe? Não fui por causa de Maria Leticia. Até eu sempre tive vontade de passar um tempo sem Caruarú, todo mundo me fala bem.
— Eu vou, sempre que posso.
— Pois eu vou. Em junho. Em junho, tem S. João, eu vou.

— Se você não tivesse dinheiro, estava querendo ir.
— O, minha mulher, e não estou querendo?
— Mas não precisa.
— O, não precisa?! Vai servir tanto a minha colite — os médicos não dizem?
— Então vamos.
— Vamos.
Era junho. Ficou só no gabinete, tomou a nota interrompida. Reviu os livros em ordem, nas estantes; ali podia trabalhar confortavelmente. Desceu — também na sala de jantar tudo quieto, morno, manso. Dava voltas sem destino pela sala — a sala, que aconchegou. Acendia-se, estava se acendendo, por encanto, no espirito, a solução do caso Simões; parou, a solução crescia com toda clareza. Como é que não tinha imaginado antes aquela maneira de vencer o caso?... Pronto, requeria ao juiz a citação no último dia de prazo! Mendes — inteligência de rábula — não desconfiava, acreditava a causa de Simões ganha; então, no último dia do prazo, pronto!, entrava com o pedido de citação; não havia tempo de Mendes preparar as testemunhas, de interpor qualquer objeção; o juiz tinha que deferir.
Subiu, sentou-se à mesa revolvida, riscou a nota, aumentou, rabiscou, bateu na máquina.

— Maria Leticia!
A petição surgia de um jato, sem esforço.
— Então vamos, não é, filha?

Depois foi o bilhete:
"Papai:
Faça jeito de passar por aqui, quando voltar da cidade.
Quero ouvi-lo sobre a solução que penso para o caso Simões.
Marcelino".

No guarda-roupa cheirando a sândalo, as duas pilhas de roupinhas-arrumadas, revistas — quantas vezes revistas: seis camisetas de linho cor de rosa, seis azuis, seis brancas, a mesma renda creme, tão fina, em todas, presente de tia Mirandolina; em baixo, vestidinhos de manga comprida, para quando tivesse dois meses (menina? menino?) e não fosse dia de sol; mais seis, de seda, para os passeios...
— Dona Leticia!
— Já vou.
Dava pena deixar o guarda-roupa pra cuidar do almôço.

Quanto mais se tivessem ido, mesmo, para o interior. Marcelino precisava, mas não podia sair, não, ele tinha razão, ele tinha vontade, tinha necessidade de ir, as despesas não faziam falta, graças a Deus, mas um advogado novo... Ele tinha razão, um advogado novo, pra estar se afastando... Verdade — que ele já estava fêto, tinha nome... E podia vir trabalhar quando precisasse, Caruarú a duas horas de auto, trem todo dia.
— Dona Leticia!
Quando Maria Leticia ficava, assim, um tempo, em pé, sentia dificuldade em reconhecer a andar.

Encontrou Moreira Ramos na rua:
— Então, de volta? Como deixou Caruarú? Mais gordo.
— Não, de volta, não. Continuo com o projeto.
— Ainda?
— Pois é. Logo que o menino nascer.
— Pra quando?
— Uns dois meses.
— Lembraças.
— Escute. A água, lá, pode-se ter confiança?
— Pode-se. Vá tranquilo. Adeus.
— As casas são saneadas, o hotel?
— São, homem.
— Boa luz?
— Boa luz. Adeus, Marcelino velho.
— Adeus.

Qual inteligência de rábula, qual nada! Mendes

des fez uma contra-ofensiva, presentiu o que ia se passar, tomou uma decisão desmorteante. Marcelino meteu-se nos livros, faltou até à audiência de outro caso — diabo de rábula chicaniata! —

Pelo fim da semana — foi, mesmo, um trabalho — estavam prontas as minutas todas, copiadas na legítima sa citações.

— Mas quando reia, os conjuntos, não se satisfaziam; revia; devia ser aquilo justamente, não tinha objeção; e não se agradava.

As opiniões dos autores, concordés, alinhadas, os comentários desenvolvidos... Que era que faltava, que era?
Buscou o tratadista mais velho, quasi esquecido, encontrou-lhe o pensamento, também sem discrepância. Relia, a convicção sem aparecer. Seria alguma contradição que não descobria por detrás de tantas palavras? Que não descobria, adivinhando?

Alguma afirmação mais forte a concluir dos autores? Devia empregar linguagem mais branda? —

Tinha nada não; mais tarde mostrava a papai e ele dizia com certeza, claramente, seguramente, o que achava, pois não era? —

Já Marcelino se aquietava, tinha nada não, já estava mais firme; embora papai não entendesse bem as leis, nem as questões, mostrava e ele dizia o que achava, pois não era?... Papai dizia...
—

Foi menina: trez quilos e seiscentas grammas, sem cabelo, alvinha, dormia, dormia. Diva. Batizou-se ainda na Maternidade, Maria Leticia pediu na última hora do batizado que ficasse Diva Maria.

Marcelino se chegava pra junto do berço com cautela:
— Diva Maria, ei?...
A garotinha dormindo.
— Ei, Diva Maria, acorde — cicava. —
Quero lhe mostrar vôvô...
— Fuzava o pai:
— Olha vôvô, olhe, tome a bênção...
O veltote sorria, Maria Leticia sorria.

A partida se perdeu, definitivamente, para o Mendes, no caso Simões. O juiz escreveu um despacho que foi elogiado. Nas entrelinhas até os colegas divisavam referências animadoras ao modo como Marcelino tinha conduzido a questão.

Mas, sem se poder explicar, Diva Maria, com três meses, adoeceu; febre, vômitos, emagrecendo a olhos vistos; chorava a noite inteira. O pai chamou dois médicos, Maria Leticia fez promessas de missa a Santa Teresinha do Menino Jesus.

— Divinha, pai... — de vez em quando queriam ver se a garotinha achava graça.

Dr. Tobias Lima prescreveu, por fim, clima de montanha:

— Concorrerá, prontamente, para a cura.
— Que lugar, doutor?
— Caruarú, por exemplo.
— Acha bom?
— Caruarú tem outros recursos de cidade, por isso me lembrei.
— O senhor recomenda, acredita que serve?
— Acredito, recomendo.
— E o hotel, lá? E as casas? E...
— O olhar de Maria Leticia susteve a impertinância.

Desde que tinham chegado à estação (o trem partia às 4 e dez), Marcelino procurava seu Manuel; tinha traido no carro os volumes menores; a maior maleta, com os agasalhos e a roupa de cama de Diva Maria — seu Manuel carregara na cabeça muito antes, para estar cedo, no vagão, arranjar lugar a salvo da enchente da hora da saída. Seu Manuel tinha saído às duas de casa e nada!

(Continua na página 18)



A DEMOCRACIA SOCIALISTA

Pinto Ferreira

1. A teoria do determinismo histórico de Marx. — Na história do homem, jamais deixou de existir uma complementação harmônica e recíproca das instituições sociais. A superestrutura ideológica de um povo é sempre condicionada pela sua infraestrutura econômica e produtiva, resultado de uma técnica e de uma ciência, como a grande força explosiva da evolução social.

A teoria do determinismo histórico, fino labor da cerebração genial de Marx, veio comprovar a atuação poderosa das relações materiais de produção e da técnica de trabalho na formação das instituições políticas e culturais.

Em frase lapidária, ele acentuou na sua "Zur Kritik der Politischen Ökonomie", que a consciência do homem não forma a sua existência social, mas a própria existência social é que molda a sua consciência (1). O homem não constitui nenhuma abstração, é ao contrário o produto das suas relações sociais (das menschliche Wesen ist kein Abstraktion. In seiner Wirklichkeit ist es das Ensemble der gesellschaftlichen Verhältnisse). A própria religião seria mesmo um produto da sociedade (das religiöse Gemüth selbst ein gesellschaftliche Produkt ist).

Daf a sua conclusão célebre: "Na formação social da sua vida, os homens são ligados por certas relações indispensáveis, independentes da vontade deles, relações de produção (Produktionsverhältnisse), que correspondem a determinado grau da evolução das suas forças produtivas materiais. O conjunto das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, o fundamento real sobre o qual se eleva a superestrutura jurídica e política".

O processo da produção social é o ajustamento da comunidade à realidade natural objetiva, onde ela busca o material assimilável necessário às suas necessidades (2). Não é, entretanto, o único fator determinante da evolução social, porém tão só o seu elemento preponderante, que exerce uma influência fundamental na modelação da estrutura social. Como resumiu de uma maneira cintilante o grande mestre do socialismo, Fr. Engels, há numerosas forças que se entrecruzam, uma série infinita de um paralelogramo de forças, que conduzem a um resultado e acontecimento histórico.

É as condições base do determinismo histórico de Marx, em confronto com os princípios sociológicos atualmente aceitos, de Vebler, Ogburn, Sorokin, Pareto, Max Weber, Guthrie, demonstram a contento essa multiplicidade de fatos interferindo na realização do acontecimento histórico, para cuja precipitação social é relevante a infraestrutura econômica. Esse condicionamento ontológico das relações materiais de produção teria a sua força motriz no antagonismo das classes econômicas, conforme o famoso "Manifest der Kommunistischen Partei" de Marx-Engels, de que a história de toda a sociedade é a história das lutas de classes: "Die Geschichte aller bisherigen Gesellschaft ist die Geschichte von Klassenkämpfen".

A sociologia epistemológica contemporânea, com Max Scheeler, Mannheim, Sorokin, realizam uma convergência científica, a esse último ponto do pensamento marxista, e acentuando uma correlação funcional (functional relationship) entre forças produtivas e cultura ideológica, eleva a ideia de uma cultura integrada (integrated culture), de complementação recíproca de todas as forças sociais. (3)

2. A formação histórica da democracia. — A democracia nasceu com a revolução. O Estado primitivo, quando surgiu historicamente, foi um instrumento de dominação de classes sociais privilegiadas, que exploravam e esmagavam a totalidade orgânica do povo.

O domínio dos meios de produção, por essas classes que monopolizavam a riqueza social, lhes permitia o controle da economia, do trabalho humano e das instituições políticas, e a dominação do homem sobre o próprio homem. Essa exploração histórica foi afinal quebrada pelo ciclo das grandes revoluções sociais e políticas, que concederam ao povo o direito da liberdade.

A democracia foi introduzida nos Estados modernos pelas revoluções, de uma maneira idêntica ao que aconteceu nos Estados antigos. Na Roma clássica, os patrícios fizeram a sua revolução contra a realidade no ano 510 a.C., do que decorreu a proclamação da República aristocrática; depois disso sucederam-se conflitos violentos entre a plebe, que não tinha direito de voto, e a aristocracia dos patrícios. A plebe, por suas revoluções sucessivas, com a retirada ao Monte Sagrado ou Aventino, com a instituição dos tribunais do povo, com a lei agrária Cássia, e afinal com a formosa "lex canuleia", conseguiu no ano 445 a.C., a sua participação nos elevados cargos do Estado, que lhe era vedada. Foram, assim, verdadeiras lutas de classes sociais entre a nobreza e as camadas populares, que provocaram a formação da República democrática romana mediante as contínuas revoltas dos plebeus.

Na Grécia clássica, onde primeiro abrochou o modelo histórico da democracia em toda a civilização, a aristocracia fez a sua revolução contra a realidade no ano 1045 a.C., na Atenas gloriouza, conferindo o poder supremo do Estado aos arcontes, ou magistrados eleitos pela nobreza, os eupátridas, que acumulavam as riquezas sociais em detrimento das camadas populares. As

sucessivas revoluções da plebe contra a aristocracia privilegiada trouxeram afinal a legislação de Solon, no ano 594 a.C., com a "seisacteta" ou lei da abolição das dívidas, e os primeiros fundamentos da República democrática grega. Essa democracia tomou formas definidas com a vitória do partido democrático de Clístenes sobre a oligarquia aristocrática dirigida por Iságoras, em 507 a.C., vindo a atingir o seu apogeu na idade de Péricles. (4)

No mundo moderno a democracia foi também conquistada pelo povo mediante o processo revolucionário. Em Inglaterra, as revoluções de 1648 e 1688 vieram lançar as formas iniciais do regime parlamentar e constitucional; os Estados Unidos tiveram a sua revolução democrática em 1776; e a França teve a sua grande Revolução de 1789, a grande e rica sementeira dos ideais de liberdade e igualdade da civilização cristã.

Assim é que o Estado de privilégios (monarquia, aristocracia) foi substituído pelo Estado democrático, fundado na liberdade e na igualdade. Um novo Estado surgiu, um Estado de todos e não de alguns, um Estado dirigido e controlado pelo povo, e não por uma minoria privilegiada.

A democracia é sempre uma conquista. Uma conquista histórica do povo contra as classes sociais primitivas, que a princípio dominavam a estrutura política do Estado à margem dos interesses comuns da sociedade.

Do infatigável esforço de muitas gerações, através das grandes revoluções históricas, foi guardado no santuário do coração humano essa herança sagrada e imortal.

3. Os fundamentos econômicos da democracia. — As primeiras florações dos ideais de liberdade e igualdade se objetivaram na forma da democracia burguesa, com fundamentos capitalistas. Foi o que justamente aconteceu na Grécia e Roma da antiguidade.

O sistema capitalista constitui a infraestrutura econômica da democracia burguesa, da qual o Estado demoliberal é a superestrutura ideológica e política.

Segundo Werner Sombart, o mesmo estio de que nasceram o novo Estado e a nova Religião, a nova Ciência e a nova Técnica, cria também a nova vida econômica: o Capitalismo. A ordem econômica do capitalismo é caracteristicamente livre. É o verdadeiro regime do "laissez faire, laissez aller", onde o indivíduo tem a plena liberdade de iniciativa particular no campo da atividade econômica. E justamente essa ideia de liberdade econômica é donde se levanta a liberdade política do povo, a comunidade nacional decidindo o seu próprio destino. (5)

Recentemente, toda a história moderna deve partir do conceito de "cultura integrada", que tem a sua infraestrutura econômica e a sua superestrutura ideológica, a se interdependem funcionalmente. Cada cultura constitui um espaço-tempo histórico específico, com o seu ritmo e as suas fases de evolução, e se desenvolvendo no panorama total da civilização humana.

Na "cultura integrada" da antiga Grécia, a infraestrutura das forças de produção e a superestrutura ideológica e política, revelavam uma profunda correlação funcional. Por isso mesmo, os sociólogos modernos, a exemplo de Breybig, Spengler e von Martin, falam de uma idade-méda da cultura grega, do ano 1000 ao 750 a.C., que teve como se sabe a sua forma correspondente na cultura europeia. Nessa época da vida da antiga Hélénia, dominava uma grande nobreza latifundiária ao lado de um Estado feudal e da economia natural, ao que se correlacionava uma cultura espiritual do sentido épico, mítico e religioso. (6)

Uma grande revolução econômica encerrou o defeito do Estado feudal grego, que foi a introdução da moeda, simbolizando uma transmutação sociocultural idêntica àquela operada na Europa pela revolução industrial. E o que se esclarece Zimmern de uma maneira decisiva: "A primeira moeda cunhada com peso fixo para servir como meio de troca, foi lançada pelos reis Lídios, no século VII. Parece uma mudança simples, mas o seu efeito sobre o camponês é tão desastroso como a invenção da máquina a vapor. Criou uma revolução econômica nas comunidades mediterrâneas comparável àquela de que a Europa só agora se está reconstituindo". Al começa o capitalismo grego a dinamitar a estrutura da economia feudal, abrochando a burguesia comercial e o Estado democrático-burguês em substituição à cultura medieval.

O espírito do lucro e do ganho (Erwerbssinn, Gewinnprinzip), que segundo Sombart caracteriza a mentalidade capitalista, se projeta com extraordinária intensidade. Atenas transmuta-se no grande império do comércio e do lucro da antiguidade, desenvolvendo na sua cultura a dissimetria brusca entre plutocracia e proletariado, latente no sistema capitalista. O apogeu do capitalismo grego dá-se em seguida às lutas imperialistas com os persas, guerras essas que, interpretadas à luz da sociologia moderna, tiveram a sua causa real no desejo de controle dos mercados econômicos da Ásia Menor, do Mar Egeu e adjacências; e atinge o seu clímax, o seu ponto sociológico de saturação, com a descoberta das minas de prata de Lauréon, em 483 a.C., permitindo a absoluta floração da economia monetária e da idade de ouro do libe-

ralismo e do Estado democrático-burguês, com Péricles. (7)

Pohlmann, o eminente e lúcido historiador do problema social na antiguidade, assim descreve o antagonismo das classes sociais nesse período: "Nos Estados econômica e politicamente mais desenvolvidos do mundo helênico, entre outros de um lado uma minoria de mentalidade plutocrática, que sente do modo mais opressivo a soberania popular, a confecção das leis pelo povo, como sendo uma servidão natural dos mais fortes, dos mais elevados social e intelectualmente, e estava sempre pronta a isso refugiar — e de outro lado o povo, cuja consciência democrática era um individualismo tão unilateral no interesse das massas, quanto a mentalidade oligárquica no interesse dos ricos. Se a oligarquia financeira pretendia sempre emancipar-se da pressão política do Estado, que limitava o seu intuito de lucro, — a parte radical do povo tudo exigia do Estado, em benefício das massas. Uma oposição que se cada vez mais irraigar... crescendo o abismo entre a minoria proprietária e a maioria de um proletariado cada vez mais numeroso e miserável... E assim as oposições sociais dividiram a sociedade em duas partes inimigas".

E o que igualmente observa o famoso sociólogo russo Rostovtzeff, mostrando como a ciência grega, que se desenvolveu a par do capitalismo, introduziu métodos novos de aperfeiçoar a produtividade da terra e o cultivo dos cereais, como adubagem regular do solo, rotação das colheitas e progressos na irrigação artificial. Esses processos realizaram uma transformação rápida na estrutura social: "métodos primitivos de cavar o solo cederam o lugar a um sistema capitalista, no qual o trabalho exercava representativa a parte principal". Por isso mesmo conclui Rostovtzeff: "Era irresistível, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do proletariado, em parte devido ao crescimento natural e em parte à ditadura do capitalismo e à transferência de numerosas terras para as mãos de grandes proprietários. Final, as condições de vida se tornaram intoleráveis e instáveis em quase todas as cidades gregas. O abismo entre os ricos e os pobres, entre a burguesia e o proletariado cresceu cada vez mais".

Verifica-se a contento, na sociologia cultural grega, como a democracia liberal e burguesa emergiu historicamente das condições econômicas do capitalismo; floresceu enquanto o espírito do capitalismo se conservava na eufêmbria de sua harmonia interior; e entrou em uma fase de descensão e declínio à medida da decadência do regime econômico do "laissez faire, laissez aller". E, em toda a história da cultura romana e da cultura europeia, a democracia liberal e burguesa sempre permaneceu intimamente relacionada à ideologia naturalista do capitalismo. (8)

4. O conceito da democracia. — Convém, no entanto, elucidar com o necessário rigor científico, o conceito da democracia. Os vocábulos impróprios são os maiores inimigos da realidade e, por isso mesmo, os conceitos científicos nunca devem fugir a uma profunda adequação com a vida histórica e social.

Jellinek, na sua "Allgemeine Staatslehre", joierando o pensamento político da antiguidade e o fino labor da obra renascentista de Maquiavel, vê na democracia o sistema político fundado na dominação da vontade popular. Ele alude a duas formas de governo: a Monarquia e a República. Na Monarquia, a dominação política pertence à vontade de um só pessoa, que não reconhece juridicamente nenhuma outra pessoa como superior. Já a República pode ser aristocrática, quando a dominação política pertence a uma classe privilegiada dentro da comunidade popular, ou democrática, quando a massa dos cidadãos adutos de uma coletividade é que decide os destinos históricos do povo. O princípio majoritário esclareceria assim a essência da democracia.

Contrariamente, o professor Harold Laski, na sua brilhante síntese "Democracy", afirma que o verdadeiro ideal do Estado democrático é o princípio da igualdade: "That notion of equality points the way to the essence of the democratic idea...". Somente a plena realização do regime de igualdade político e econômico permitiria a objetivação plena da democracia na vida social.

Já Hans Kelsen, na sua "Allgemeine Staatslehre" e "Vom Wesen und Werte der Demokratie", adverte que a verdadeira essência da democracia é dada pela ideia de liberdade. Ele admite duas modalidades de formas de governo, dois métodos de criação de normas jurídicas, e que são justamente a democracia e a autocracia: a forma política que corresponde à ideia de liberdade, é a democracia, na qual são os próprios sujeitos das regras de direito que as estabelecem; na autocracia, pelo contrário, eles nunca participam na sua criação, a qual é função de um único indivíduo, que não está sujeito a elas, o autocrata, o qual, por consequência, aparece como senhor de todas os outros indivíduos.

Acontece, entretanto, que os conceitos da democracia de Jellinek, Laski e Kelsen, são visualizações parciais da ideia autêntica e ampla da democracia. Jellinek só observou o aspecto sociológico da democracia, a sua fundamen-

tação sociológica na vontade popular; Laski acentuou o momento econômico, a tendência da democracia para a igualdade econômica; e Kelsen, afinal, como normativista puro, reduziu a democracia a uma forma jurídica, a síntese de uma ordem jurídica superior das diversas liberdades individuais e a sua conservação recíproca, surgindo a liberdade coletiva do povo.

Uma apreciação objetiva e científica da democracia, realizando uma correção às três perspectivas parciais do seu conceito, vê a sua realidade de conjunto como superestrutura política e jurídica, cuja essência é a liberdade política dos cidadãos, fundamentada, porém, em uma infraestrutura econômica e social, que é uma relativa igualdade econômica dos indivíduos para permitir a expressão real da vontade popular.

A democracia é, assim, a situação de um povo, onde o poder supremo de decisão do Estado reside na totalidade livre dos cidadãos, iguais entre si em relação aos privilégios existentes na vida social.

5. A democracia socialista. — A democracia socialista é a verdadeira vocação da natureza humana. Não há, nunca houve uma crise da democracia em si, da democracia em sua essência. A história mundial somente conheceu a democracia burguesa, a democracia capitalista, a democracia de classe. Essa democracia burguesa está em crise.

Com efeito, a parcela de poder efetivo que o indivíduo exerce na vida real, não depende de regras jurídicas, mas sobretudo da sua situação econômica de fato, ou com mais precisão, da sua propriedade. Ao lado dos privilégios que a prendem ao nascimento, crença ou raça, e incompatíveis com o conceito puro da democracia, está o grande grupo dos privilégios decorrentes da riqueza. Por isso mesmo, é que Laski e Mannheim falam de uma "democracia planejada", que seria o verdadeiro ideal de realização da essência da democracia.

A riqueza econômica é que situa o indivíduo dentro de uma classe social, conferindo o seu estatuto burguês ou proletário. A sociedade capitalista, provocando um antagonismo social entre uma minoria burguesa, que detém os meios de produção, e um proletariado cada vez mais numeroso e miserável, é uma sociedade formada segundo o princípio classista, envolvendo assim um verdadeiro estatuto privilegiado de fato, conquanto que não no seja de jure.

A essência da democracia (Thoma, Laun Hauriou, Aristóteles, Willems) é a eliminação dos privilégios existentes na vida, quer eles a prendam ao nascimento, crença, raça, como também à riqueza econômica; sociedade de classe e democracia são conceitos sociológicos que se excluem reciprocamente.

Assim, a verdadeira essência da democracia é a sua progressiva formação vital como democracia socialista, realizando uma complementação harmônica entre a democracia política e a democracia econômica.

Essa democracia socialista não é uma verdade dogmática, porém é sobretudo uma verdade histórica, para que está marchando gradativamente o mundo social. Os grandes teóricos e homens de ação referem-se constantemente a essa marcha da democracia burguesa para a esquerda: Roosevelt e Wallace falam de uma "democracia de esquerda", o famoso jurista polonês Mirkin Guetzévitch acentua a necessidade de uma "democracia racionalizada", os eminentes sociólogos Laski, Mannheim e Mário Lins defendem os princípios de uma "democracia planejada", enquanto o grande guia espiritual da revolução russa, Lênine, controla a sua arquitetura de uma "democracia igualitária".

A própria ideologia cristã, depositária de rica sementeira dos ideais da liberdade e igualdade, na sua crítica aos fundamentos da sociedade burguesa, feita por Maritain, Ducatillon, Bernanos, alude a uma "democracia pessoalista e cristã", colimando uma superação espiritual da atual divisão em classes. Aquilo mesmo que Marx reputava como o destino da história da humanidade, pregando em seu "Das Kapital" e "Zur Kritik der Politischen Ökonomie" ser a chamada sociedade sem classes (Klassenlose Gesellschaft) a própria finalidade da história, é o verdadeiro pensamento de Maritain, quando esse "Humanismo Integral" pretende magistralmente a realização de uma "sociedade sem burguesia e sem proletariado", com fundamento cristão e personalista.

Essa democracia socialista será de fato a majestosa realização da pureza evangélica da filosofia cultural do cristianismo, será uma democracia humanista, a primeira floração real de expressão política do cristianismo. (9)

E essa marcha da democracia burguesa para a democracia socialista é que Marx previu com uma lógica impressionante. E a sua famosa lei da acumulação do capital, conforme a qual, no curso da evolução econômica, toda a produção será concentrada em algumas poucas empresas colossais. Devido à bancarrota dos pequenos produtores e à crescente exploração dos trabalhadores, não só a riqueza como o maquinário técnico tende a concentrar-se em poucas mãos de acordo com a lei da acumulação do capital: "A acumulação do capital representa um aumento do proletariado. Enquanto há uma progressiva diminuição no número dos magnatas capitalistas, que usurpam e monopolizam todas as vantagens do processo de transformação, ocorre um aumento correspondente na massa da pobreza, opressão, escravidão, degeneração, e exploração" da grande massa trabalhadora (Marx, Das Kapital, I, cap. 23).

"Pelo nome de proletário deve-se entender economicamente, o trabalhador salariado (Lohnarbeiter), que produz e valoriza o capital, que é sumariamente abandonado (aufs Pfahle geworfen). Os franceses dizem: 'jeté sur le pavé', logo que é inútil às necessidades de 'Mon Dieu Capital' (10). Assim, a crescente concentração dos meios de produção e a miséria crescente das massas, em combinação com a anarquia do sistema capitalista, levam à possibilidade catastrófica das crises, cada vez mais devastadoras. A teoria das crises (crisis the-

(Continua na página 11)

Os Grandes Problemas Econômicos, Políticos e Sociais da Hora Que Passa

Idéia e Sugestões de um Grande Industrial Pernambucano

"A reabertura dos debates em torno das questões públicas do país, propiciada pelo levantamento da censura à imprensa, pelo processo de redemocratização ou, apenas, democracia do país, em andamento, e pela incontestável repercussão nacional dos problemas mundiais, veio suscitar entre nós duas séries de assuntos de interesse genérico: o de ordem política e o de natureza econômica. Segundo a linha evolutiva dos fatos e das teorias destes últimos anos deste começo de pós-guerra, o mundo inteiro tende inexoravelmente para a democracia, como termo do processo político, e para a libertação das massas, como etapa final do processo econômico, intimamente ligados um ao outro e até capitulados sob a expressão única e corrente de "democratização," acrescido do conceito dessa palavra de um sentido material e concreto. Há os que concedem prioridade à solução do problema político, correntes há os que vêem a questão econômica como primordial. Nota-se, entretanto, uma tendência predominante para a execução da segunda parte dessa tarefa nacional e mundial dentro dos quadros tradicionais do regime democrático-representativo e pluripartidário, sem que seja necessário lançar mão dos métodos extremistas e do absolutismo de Estado, contra os quais esta guerra foi uma reação. Os próprios representantes genuínos das correntes esquerdistas, afastados de sua antiga teoria revolucionária, já apelam, hoje, para os métodos democráticos e eleitorais, de proclamação à colaboração harmoniosa entre as forças da produção e da política, sem exclusivismos de classe e de partido. Dirigem-se, principalmente, para que eles chamam "burguesia progressista" e ao "capitalismo esclarecido," para o desenvolvimento de todas as possibilidades materiais da nação, em benefício da coletividade. Trata-se, a seu ver, de acelerar um ritmo de produção ainda muito vago, de modernizar técnicas obsoletas, de melhorar os padrões gerais de vida e de aumentar o poder aquisitivo das populações, para criar um grande mercado interno de consumo das utilidades industriais.

E aí estão, realmente, as chamadas classes conservadoras, com os seus problemas particulares e de frente dos ingentes problemas coletivos. Já agora não lhes é lançado, como há ainda poucos anos, um desafio, mas uma sugestão. Elas são chamadas à palavra, nesta hora delicada do Brasil e de todos os povos e, coletivamente, já falaram, através dos seus representantes à recente Convenção de Teresópolis.

O JORNAL DO COMMERCIO, como em relação a outros assuntos de interesse público, inicia, hoje, uma enquête, em bases amplas, sobre estas questões, ouvindo, desde o começo, uma série de industriais pernambucanos. Procurámos, em primeiro lugar, o sr. José Pessoa de Queiroz, figura de maior expressão de nossas classes conservadoras, diretor-presidente da Usina Santa Teresinha S. A., S. A. Usina do Outeiro (Camos) e Banco Industrial de Pernambuco e diretor-gerente da Cia. Agro-Industrial de Pernambuco e das Indústrias Rurais de Comércio Ltda. Eis o que declarou à reportagem o conhecido homem de negócios:

Fidelidade ao sistema democrático

"Somos dos que pensam que a solução ideal para o caso brasileiro ainda e sempre residirá na fidelidade ao sistema democrático, dentro do qual foi possível ao país traçar os lineamentos do seu incipiente progresso. E' de mister, fora de dúvida, acelerar e desenvolver ao ponto máximo essa prosperidade, pelo estímulo das nossas fontes de riqueza e pela crescente valorização da mão de obra. Num caso, o problema é de ordem técnica: melhores aparelhamentos industriais e agrícolas, métodos sempre em dia com as últimas aquisições da ciência; e, no outro,

mais firme e mais corajosa política de assistência social e econômica ao trabalhador, não somente com melhores remunerações ao seu esforço produtivo, como, principalmente, pela solução dos problemas relacionados com sua saúde e sua instrução. Dentro desse quadro, não vemos como fazer apêlo à instauração de regimes estranhos à formação do Brasil, pois o mal em si não é de regimes e sim dos que se propõem conduzi-los.

O exemplo norte-americano e inglês

Olhemos o exemplo da grande democracia yankee, que acaba de oferecer ao mundo uma incomparável demonstração do que seja o trabalho organizado, nessa espantosa mobilização bélica, conduzida com inteligência para a luta contra o nazismo. Nem a fabricação dos engenhos de guerra, nem a pronta adesão do operariado à política de guerra, exigiram o menor abalo na estrutura política dos Estados Unidos. Por sua vez, a Grã-Bretanha — e com ela seus Domínios — suportou sôzinha a luta contra a Alemanha hitleriana, nos dias mais difíceis da guerra. E, rigidamente fiel às suas melhores tradições democráticas, pôde sustentar os mais rudes embates, aumentando, em grande escala, a sua produção agrícola e desenvolvendo rapidamente as suas indústrias para as necessidades da guerra, sempre com seu povo e seu governo mantidos como um bloco homogêneo para a vitoriosa resistência contra as ameaças do nazismo triunfante no continente europeu.

A Rússia

Não é também de desdenhar o exemplo da Rússia que, sem medidas drásticas e sem transigências em relação à sua estrutura política, manteve incólume o seu regime, pondo em pé de guerra o maior exército do mundo, suportando sem desfalecimento todos os azares que lhe impôs a ocupação germânica, e mantendo, com energia, o lugar proeminente que conquistou no mundo contemporâneo.

A respeito da diversificação política que os separa, cada um desses países soube preservar os seus regimes, graças à circunstância de terem seus dirigentes um programa firme e claro, e de estarem em condições de executá-lo, com a participação do povo nos campos, nas fábricas, nas repartições públicas, no Exército, na Marinha e na Aeronáutica.

Governadas por sistemas políticos antagonicos, essas potências mostraram rigorosa identidade na colaboração de que foram capazes, na organização interna de que se revelaram possuidoras, na decisão — a mesma — dos seus governos, e na capacidade e bravura dos seus respectivos povos.

O milagre dessa homogeneidade não teria sido possível sem a obediência a princípios gerais de índole política e administrativa de que ainda, e infelizmente, estamos distanciados.

Homens capazes para os postos de mando

Para realizarmos o progresso social e econômico do Brasil, o de que necessitamos, em primeiro lugar, e com uma urgência que os fatos tornam, dia a dia, mais incontestável, é a entrega dos postos dirigentes a homens capazes — e sempre aos mais capazes. Os homens capazes estarão habilitados a fazer crescer a riqueza nacional, quer situados — e algumas vezes, mas não sempre, o têm sido — nos Ministérios ou na diplomacia; quer nos serviços públicos, do Lloyd e da Central do Brasil, até o mais humilde posto no mais humilde setor das atividades públicas; e nas usinas, como nas fábricas e nas fazendas.

Não menos imperioso se torna assegurar trabalho às massas operárias e

camponesas, conduzindo-as, sob melhores padrões de vida, à produção abundante de utilidade tanto para consumo interno como para a exportação em larga escala. Principalmente, quando sabemos que a colheita de cereais e legumes se realiza num ciclo de 90 dias, não vemos como ainda se desdenha a adoção de uma política de trabalho interno e racionalizado do qual resultaria, paralelo ao enriquecimento do país, o suprimento das nossas necessidades internas e dos nossos aliados e dos países devastados.

Menos fiscalização e mais produção

Como medida subsidiária, devemos cogitar da redução do número dos funcionários (fiscais) nomeados para fiscalizar uma produção de gêneros alimentícios que não existe, e, concomitantemente, promover-se a criação de maior número de produtores, de agricultores e criadores, ou, por outra, estabelecer-se,

em termos ortodoxos, a fórmula "menos burocracia e mais eficiência."

Essas medidas e mais outras a serem sugeridas e suficientemente examinadas antes de serem postas em prática, tenderiam a evitar o perigo inflacionista, por remover o desajustamento econômico que se apresenta como primeira etapa das grandes crises sociais.

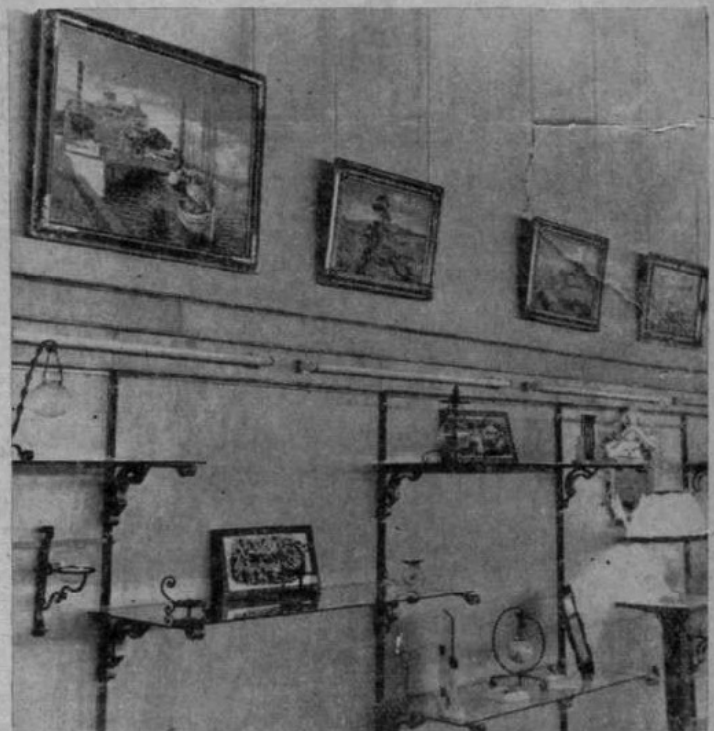
O capital não pode ser desdenhado

O meu pensamento é o de um homem que tem direito a supor que num país de economia ainda estabelecida em bases movediças, ninguém desconhece que o capital não pode ser desdenhado como fonte de criação de riquezas nacionais. Mas que sente que esse fator de enriquecimento nacional não pode estar à mercê das linhas oscilantes e negativistas, através das quais, até nossos dias, vêm sendo norteados — e submetidos a uma crise de negativismo improdutivo — os problemas básicos sobre os quais assenta o progresso do país. Acredito enfim — sem sombra de dúvida — que num clima verdadeiramente democrático, de liberdade e segurança, incentivando-se o capital e o trabalho, solucionando-se pacificamente suas divergências, o Brasil crescerá, podendo manter entre as grandes potências o lugar que bem merece e conquistou com a bravura e o sangue de seus filhos."

(Do JORNAL DO COMMERCIO, de Pernambuco, edição de 31 de maio de 1945).



"Casa Jardim", Uma Nota De Elegância E Bom Gosto Na Vida Da Cidade



Um aspecto da galeria de arte da "Casa Jardim"

Constituiu um acontecimento de marcante expressão, na vida da cidade, a recente inauguração da "Casa Jardim", à rua da Imperatriz.

O nável estabelecimento se impôs, desde logo, pela discreta elegância de suas instalações, pelo comprovado bom gosto que nestas predomina, constituindo, mesmo sob tal aspecto, um exemplo e uma lição que bem poderiam ter imitadores.

Transcuremos, abaixo, para as nossas colunas, alguns conceitos da reportagem que o "Diário de Pernambuco" dedicou à Casa Jardim, no dia seguinte ao de sua inauguração:

"Abrindo os salões de sua casa, aos artistas, os proprietários da "Casa Jardim," incentivam sobremaneira os pintores locais que lutam com grandes dificuldades para expor seus quadros no Recife. A galeria será permanente e os quadros serão substituídos por outros à medida que forem sendo adquiridos.

Outra atração da casa são os azulejos folclóricos brasileiros, da autoria de Paulo Rossi. Quase todos os motivos são nordestinos e apre-

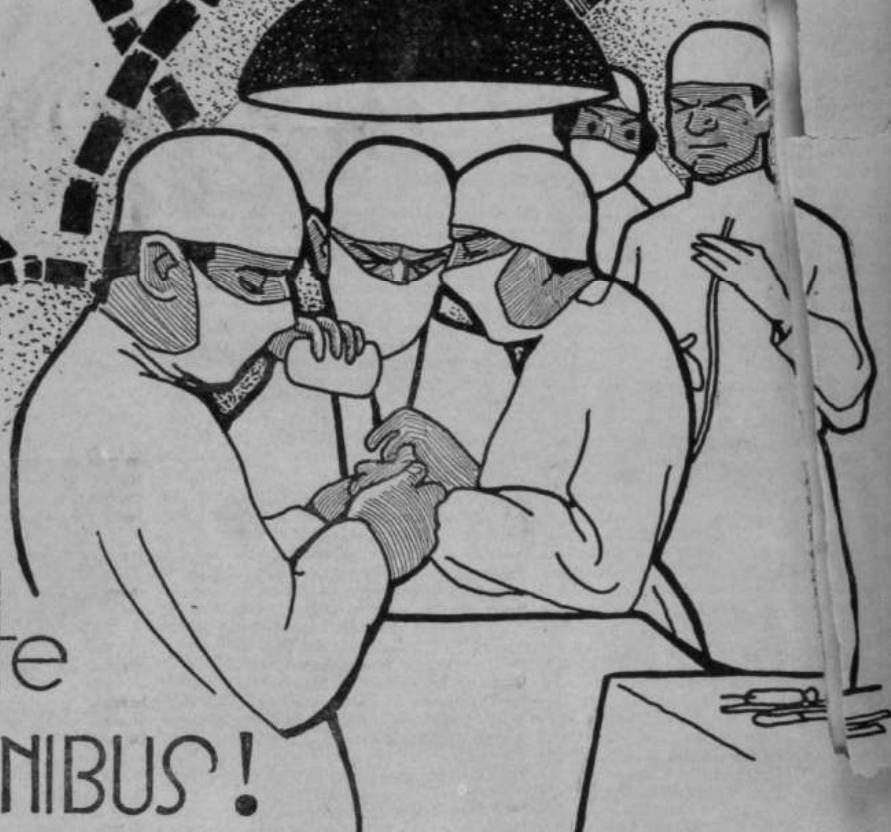
sentam tipos de festas populares, de páteo de igreja e da roça; vaqueiros, coronéis, vendedores; cenas de colheita, plantação, de feiras, de beira de rio, etc.

Dentro de um moderno e bem iluminado ambiente notamos artigos para presentes, mobiliário de ferro, cinzeiros artísticos, "abat-jours", estatuetas, azulejos multicores, mesas de vidros, espelhos de cristal, escrivânias, flores de parede, porta-retratos, porta-chapéus, material decorativo de mesa, jogos de cinzeiros para mesas de jogo e salas de visita, em onix com suportes metálicos; estatueta em bronze, com base em onix, apresentando o símbolo filosófico chinês de "Ver, Ouvir e Calar"; jogos para secretárias em onix, com símbolos do direito, farmácia, medicina, etc.; porta-livros; serviços para "cocktails" e chá. Logo à entrada salienta-se uma "Diana, a Caçadora" em base onix sobre um consolo Regência.

Na "Casa Jardim" penetra-se no domínio da porcelana, do ferro, do aço, do óleo, vidro e da aquarela."

SANGUE NOVO

PARA AS ARTÉRIAS DA CIDADE



Brevemente
mais **50** ÔNIBUS!

PERNAMBUCO AUTOVIÁRIA LTDA.

Quatro Poemas Negros de Jorge de Lima

Essa negra Fulô

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô!
ficou logo pra mucama
para vigiar a Sinhá
prá engomar pró sinhô!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
vem coçar minha coceira
vem me catar cafunê,
vem balançar minha réde,
vem me contar uma história,
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

"Era um dia uma princesa
que vivia num castelo
que possuía um vestido
com os peixinhos do mar.
Entrou na perna dum pato
saiu na perna dum pinto
o Rei-Sinhô me mandou
que vos contasse mais cinco.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
Vai botar para dormir
esses meninos, Fulô!
"Minha mãe me penteou,
minha madrastra me enterrou
pelos figos da figueira
que o Sabiá beliscou."

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá
chamando a negra Fulô)
Cadê meu frasco de cheiro
que seu Sinhô me dandou?
— Ah! Foi você que roubou!
Ah! Foi você que roubou!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi ver a negra
levar couro do feitor.
A negra tirou a roupa.
O Sinhô disse: Fulô!
(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô)

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
Cadê meu lenço de rendas,
Cadê meu cinto, meu broche,
Cadê meu tórço de ouro
que teu Sinhô me mandou?
Ah! Foi você que roubou!
Ah! Foi você que roubou!

Essa negra Fulô!

O Sinhô foi agóitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
rou o cabeção,
dentro dele pulou
a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou
foi você, negra Fulô!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

As outras montanhas se cobrem de neve, de
[nuvem, de verde!
E tu, de Loanda, de panos-da-costa, de argolas,
[de contas, de quilombos!
Serra da Barriga!
Eu te vejo da casa em que nasci:
que medo danado de negro-fujão!

Serra da Barriga, buchuda, redonda,

E as gerações dessas gerações quando apagarem
a tatuagem execranda,
não apagarão de sua alma, a tua alma, negro!
Pai-João, Mãe-negra, Fulô, Zumbi,
negro-fujão, negro-cativo, negro rebelde,
negras cabindas, negros congos, negros iorubas,
negros que foram para o algodão de U. S. A.
para os canais do Brasil,
para o tronco, para o colar de ferro, para a canga
de todos os senhores do mundo;
eu melhor compreendo agora os teus blues
nesta hora triste da raça branca, negro!

Olá, Negro! Olá, Negro!

A raça que te enforca, enforca-se de tédio,
E és tu que a alegras ainda com os teus jazzes,
com os teus songs, com os teus lundús!
Os poetas, os libertadores, os que derramaram
babosas torrentes de falsa piedade
e fizeram de ti um motivo literário
não compreendiam que tu ias rir!
E o teu riso, e a tua vingandade e os teus medos
[e a tua bondade
mudariam a alma branca cansada de todas as
[crueldades!

Olá, Negro!

Pai-João, Mãe-Negra, Fulô, Zumbi
que traíste as Sinhás nas Casas-Grandes,
que cantaste para o Sinhô dormir,
que te revoltaste também contra o Sinhô;
quantos séculos há passado
e quantos passarão sobre a tua noite,
sobre as tuas mandingas, sobre os teus medos,
[sobre tuas alegrias!

Olá, Negro!

Negro que foste para o algodão de U. S. A.
ou que foste para os canais do Brasil,
quantas vezes as carapinhas hão de embranquecer
para que os canais possam dar mais doçura
[à alma humana?

Olá, Negro!

Negro, ó antigo proletário sem perdão,
proletário bom,
proletário bom,
proletário bom,
blues,
jazzes,
songs,
lundús...

Apanhavas com vontade de cantar,
choravas com vontade de sorrir,
com vontade de fazer mandinga para o branco
[ficar bom,

para o chicote doer menos
para o dia acabar e negro dormir!
Não basta iluminares hoje as noites dos brancos
[com teus jazzes,
com tuas danças, com tuas gargalhadas!

Olá, Negro! O dia está nascendo!
O dia está nascendo ou será a tua gargalhada
[que vem vindo?

Olá, Negro!
Olá, Negro!

*

Não há mais chic...



UNIVERSAL
Genève

RELOGIOS E CRONOGRAFOS DE PRECISAO
UNICOS DISTRIBUIDORES NO RECIFE:
REGULADOR DA MARINHA
Rua Nova, 223



Pai João

Pai João secou como um pau sem raiz.
Pai João vai morrer.
Pai João remou nas canoas.
Cavou a terra.
Fez brotar do chão a esmeralda das folhas;
— café, cana, algodão.
Pai João cavou mais esmeraldas que Pais Leme.

A filha de Pai João tinha um peito de vaca
para os filhos de ioiô mamar:
Quando o peito secou, a filha de Pai João
também secou agarrada num ferro de engomar.
A pele de Pai João ficou na ponta dos chicotes.
A força de Pai João ficou no cabo da enxada
e da foíce

A mulher de Pai João o branco furtou
para fazer mucama.
O sangue de Pai João se sumiu no sangue bom
como um torrão de açúcar bruto
numa panela de leite.
Pai João foi cavalo
para os filhos do ioiô montar.
Pai João sabia histórias tão bonitas
que davam vontade de chorar.
Pai João vai morrer.

Há uma noite lá féra como a pele de Pai João.
Nem uma estrela no céu.
Parece até mandinga de Pai João.

Serra da Barriga

Serra da barriga!
Barriga de negra-mina!

do jeito de mama, de anca, de ventre de negra!
Manda-te lambeu! Manda-te lambeu!
Cadê teus bum-buns? teus jongos? teus sambas?
Serra da Barriga?

Serra da Barriga, as tuas noites de feitiço, chei-
[rando à maconha,
cheirando à liamba?
Os teus meio-dias: ti-bum nos peraus! ti-bum
[nas lagôas!

Pixains que saem secos, cobrindo sovacos de
[sucupira,

barrigas de baradna!
Manda-te lambeu! Manda-te lambeu!
De noite: tan-tans, curros-curros
e bumbas, batuques e baques!
E bumbas!
E cucas: ô ô!

E bantos: é é!
Aqui não há cangas, nem troncos, nem banzos!

Aqui é Zumbi!

Barriga da Africa! Serra da minha terra!
Eu te vejo bulindo, mexendo, gozando Zumbi!
Rei Zumbi! Rei Zumbi! Rei Zumbi!
Depois minha serra, te vejo caindo, caindo,
levando nos braços — Zumbi!

Olá! negro

Os netos de teus mulatos e de teus cafusos
e a quarta e a quinta gerações de teu sangue
[sofredor,
tentarão apagar a tua cor!

Falam os Críticos:

O LIVRO DO MÊS

Falam os Editores:

DO SUL:
"RANGER DE DENTES"

"Romance regional! Mas não no sentido, daquelas pitorescas imagens da paisagem e dos homens, daquelas sentimentais considerações sobre a dificuldade e a miséria da existência sertaneja. Antes a tentativa de esculpir pelos fatores físicos e pelas condições econômicas daí derivadas o caráter da vida coletiva e individual, o choque entre o antigo feudalismo e as idéias modernas, o atrazo de uma civilização que só lentamente está crescendo, o afundar de uma camada social rija nas bases econômicas e psicológicas, uma após outra, desaparecem.

E', se assim podemos dizer, um romance de fase, a do acordar do sertão, o tomar de consciência de uma população perante velhas injustiças e inercias desigualdades, o ranger de dentes antes da rebelião aberta. Mas não é uma tese personificada em bonecos que cada um por sua vez, vêm apresentar as diversas faces do problema. São homens vivos que nos conhecemos, com quem vivemos e de quem nos lembramos como se os tivéssemos encontrado na rua no lar. E não me admiraria se, entre eles, houvesse amigos e primos do autor aos quais teria retratado com nitidez, por vezes com crueldade e sempre com um profundo sentimento humano.

Pois esse romance regional, esse romance de fase é sobretudo uma história muito humana. Sim, são parábolas que surgem, porém, mais que parábolas são homens, são nossos irmãos, com as nossas qualidades que conhecemos e os nossos defeitos que tantas vezes ignoramos. E quando a tese que os homens e a sua ideologia, mudam conforme as condições econômicas, nunca se esquece porém em "Ranger de Dentes", o importante papel que, na evolução humana, desempenha o fator individual. A personalidade, "suprema felicidade dos entes terrestres", segundo a expressão de Goethe, sempre intervem no evoluir do indivíduo.

(Ernesto Feder — O Despertar do Sertão Nordestino — O JORNAL, do Rio — 28-10-45.

atitudes ou a questão delas e que devem tornar clara a psicologia. A coerência ou incoerência dos gestos e palavras das personagens é que devem marcar-lhes a personalidade. Diante de Adabas podemos, sem interpretações especiais, (estas notas de rodapé!) compreendê-lo a constituição, o caráter, o temperamento, a educação; imaginá-lo mesmo o condicionamento familiar, o grau de cultura, os recálculos, as ambições, etc. Com essa técnica, tenta-se no romance não um simples espelho de uma ou mais vidas, porém uma revelação essencial da vida através de seus mais despretensiosos elementos".

"Diário Crítico", de Sérgio Milliet — DIÁRIOS DE NOTÍCIAS, do Rio — 28-10-45.

RIO BRANCO

"O sr. Alvaro Lins tem do pernambucano a belicoseidade política e a paixão política. Um dos traços de seu humanismo é precisamente de apresentar sempre um contraste, até mesmo uma vitória, contra alguma coisa que no fundo resiste, alguma coisa de negro e bruto, como ficou sempre na alma indomável de um Jackson de Figueiredo. Pois bem, o que havia em Rio Branco de belicoso e de político foi sempre, a meu ver, aparente e superficial. O que é ele foi temperamental, o que é sempre quis ser, por tendência natural, por inclinação inenunciável de um homem de estudo e de gabinete. O único pósto que disputou acerbamente, toda a sua vida foi de cônsul, para poder ficar livre de outras ocupações profissionais absorventes, e mais próximo das fontes europeias, ainda em seu tempo pouco exploradas, para o estudo de nossa história. O temperamento de Rio Branco era o do estudioso e do dilettante. O grande parâmetro de sua vida foi justamente ter tido preferências. Se não o tivesse tirado de seu canto, ninguém ousaria negar que não teria sido sendo um historiador de arquivos e um conservador notívago sem a mais leve preocupação de cargos públicos, e pugnas nacionais ou internacionais. Nos seus papéis íntimos, encontrou o sr. Alvaro Lins o leit-motiv da fuga para a Passagemada, sob a imagem da "fazenda paulista" que ele provavelmente viu sob o signo do Ebrão do seu grande amigo Ebrão Prado".

(Tristão de Ataíde — "Rio Branco" — DIÁRIO DE PERNAMBUCO — 21-10-45).

RUY BARBOSA

"Luiz Delgado, em livro de raro equilíbrio, (Livreria José Olympio Editora) se detém em Ruy Barbosa, num esforço que chamou de compreensão e não de, para tirar da obra e da vida do "deitado" da República, como o chamava Andrade Figueira, um modelo para o homem de ação. A ação em Ruy Barbosa foi a continuação da sua vida de intelectual. O homem dos livros não se escondia atrás das estantes para fugir do mundo. O livro para ele foi sempre um elemento de luta. A literatura e a jurisprudência alimentaram um político que, acima de tudo, punha as suas obrigações para com a pátria e a sociedade. No ensaio de Delgado, livro escrito com magistral consciência e com profundo amor a um ideal superior de vida, aparece um Ruy que nos toca e nos convence. Da impulsão generosa do jurista e as afirmações claras de suas idéias sobre o governo e o povo, estão expostas pelo crítico Delgado com clareza de dia de verão. Fica-se encantado com Ruy Barbosa que João Mangabeira fez esteve em seu monumental repatório de fatos e situações. Fica-se com uma justa ideia das concepções políticas e ideológicas do senador inenunciável, com a esplêndida síntese que Delgado nos deu.

José Lins do Régio — "Mais um Livro sobre Ruy Barbosa" — O GLOBO, do Rio — 15-9-45).

"Sociologia", de Gilberto Freyre



GILBERTO FREYRE
Desenho de Ramirez

ESTA seção terá por finalidade apontar ao público o melhor livro do mês. Para determinar o norte desta classificação levaremos em conta não somente o valor intrínseco da obra, como também a repercussão que haja alcançado dos críticos e dos leitores. Poderemos, por isso, indicar ou classificar nem sempre o livro mais perfeito, mas, seguramente, o melhor recebido pela crítica e pelos leitores.

No mês de outubro, no meio de uma porção de livros interessantes de escritores do sul, do centro e do norte, quis o destino desta seção que coincidissem o seu aparecimento com a publicação dos dois primeiros volumes da "Sociologia", do es-

critor pernambucano Gilberto Freyre. E, ao classificar "Sociologia" como o melhor livro do mês, conseguimos, de início, uma credencial para esta seção ao invés de fazer uma homenagem ao mestre de "Casa Grande & Senzala" que, se não fosse um temperamento natural de escritor, já andaria, a estas horas, um tanto "grogue" de elogios. Mas, em Gilberto Freyre, a crítica eufórica, ao invés de perturbá-lo, age como estimulante para aguçá-lo a sua auto-crítica em face das suas responsabilidades que vão aumentando para com o público brasileiro.

Saudamos, com a publicação desses dois volumes de "Sociologia", não só o intérprete honesto e culto da nossa história social, como também o sociólogo que inicia uma obra de divulgação cultural elevada sem o ranço didático mais formal do que intimo de obras dessa natureza.

"Sociologia", nos seus dois primeiros volumes agora nas livrarias, abrange o seguinte sumário: Introdução ao Estudo dos seus Principios. Posição da Sociologia. Sociologia e Sociólogos. A obra ficará completa no quinto volume, conforme notícia do seu editor, José Olympio, do Rio. Tudo o que nós esperávamos do talento, da experiência, do senso literário e da seriedade intelectual do sr. Gilberto Freyre vem se realizando com reais vantagens para a cultura brasileira.

A. J.

O QUE DIZEM OS LEITORES

Em todos os números publicaremos, nesta seção, a opinião do leitor sobre os últimos livros de autores brasileiros.

— Envie a sua opinião, datilografada a 2 espaços em uma só lauda de papel tipo carta, ao redator-chefe desta revista: Rua Real da Torre, 701 — Recife.

BOLETIM CULTURAL O LIVRO ESTRANGEIRO

I Centenário do nascimento de Eça de Queiroz

Neste mês os povos da língua portuguesa irão comemorar o I centenário do nascimento do romancista Eça de Queiroz. No Recife, a Diretoria de Documentação e Cultura, da Prefeitura do Recife, instituiu dois concursos para dar maior realce às comemorações. O 1.º consta de 3 prêmios no valor de três, dois e um mil cruzeiros aos três primeiros colocados no concurso de uma monografia sobre Eça. O 2.º, com três prêmios iguais ao 1.º, para os três melhores tipos da galeria de personagens eicanos sob forma de desenho ou pintura. A diretoria de Documentação e Cultura irá escolher quatro intelectuais para constituir a comissão julgadora. No dia 25 do corrente será dado a conhecer o nome dos concorrentes vitoriosos.

Conferências

Ainda por iniciativa da Diretoria de Documentação e Cultura, o escritor rio-grandense Viana Moog, autor de "Eça de Queiroz e o Século XIX", virá ao Recife, na segunda quinzena de novembro, realizar uma conferência sobre o romancista português.

Poesia

Cecília Meireles publicou recentemente um livro de poemas: "Mar Absoluto e outros poemas", em edição da Livreria do Globo.

Ensaio

"Brigada Leigera" é o primeiro livro do crítico paulista, sr. Antônio Cândido, em edição da Livreria Martins, de S. Paulo.

DO RIO GRANDE DO SUL:

"Tiarajó"

Manoelito de Ornelias, que dispõe de tantos e tão variados recursos no tratar e desenvolver os temas mais diversos, certamente não se sentiria acanhado ou tolhido na tribuna ou na cátedra. Ao contrário, é bem evidente em grande porção das suas muitas páginas de crítica, a tendência para o debate e a pregação das idéias.

Publicou, em 1938, o seu "Vozes de Ariel", obra na qual aprecia o moderno movimento literário rio-grandense. "Tradições e Símbolos" (conferência), em 1940. De 1943 são os seus ensaios reunidos no volume intitulado "Símbolos Bárbaros". De 1945, "Caminhos Originais do Brasil" (conferência).

A estes livros que encontraram singular repercussão no cenário das letras nacionais, vem juntar-se agora "Tiarajó". Manoelito de Ornelias dá-nos com esta obra um admirável e emocionante poema em prosa sobre o lendário cacique das Missões, e atinge indubitavelmente a um dos pontos mais altos de sua carreira literária.

(Trechos das abas do livro "Tiarajó" — Editor: Livreria do Globo — Pôrto Alegre, 1945).

DE SAO PAULO:

"Esbôço de História da Educação"

Neste livro o autor, que é professor de pedagogia da Escola Normal de Pernambuco, expõe e analisa, numa síntese tão resumida quanto possível, as idéias e doutrinas pedagógicas, como as instituições escolares, da antiguidade aos tempos modernos. A exposição é clara, precisa e apoiada em boas fontes. A análise, feita sempre de pontos de vista católicos, se desenvolve com segurança e lucidez. No estudo das instituições pedagógicas, o ilustre professor da Escola Normal do Recife prestou a devida atenção a todos os sistemas, que apresenta nas suas grandes linhas e nos seus detalhes mais importantes. Todo um capítulo é consagrado à educação nas sociedades primitivas e vários outros, às instituições dos povos antigos, antes de abordar a exposição dos sistemas escolares modernos.

(Abas do livro do sr. Ruy de Ayres Bello — "Esbôço de História da Educação" — Editora Nacional — São Paulo, 1945).

DO RIO:

"ESPIRITO DE REFORMA"

Em "Espírito de Reforma" Ademar Vidal trata de assuntos político-sociais de grande oportunidade. São doutrinas e temas que preocupam os estudiosos do mundo contemporâneo pela profundidade e inteligência que representam. Temas e doutrinas merecedoras de análise para melhor debate e divulgação esclarecedora. E' variada que alguns deles não colhem aceitação geral não só pelo exotismo das idéias como ainda por inadequados à índole de certos povos. No entanto se mostram tão interessantes aos comentaristas que não podem ficar ausentes de qualquer estudo político-social por menos consciencioso que se fizer.

Ademar Vidal faz uma longa apreciação em torno da democracia, do comunismo, etc., numa série de conferências que proferiu durante os dez primeiros anos da Revolução Brasileira e o faz com a proficiência de cultura, agudeza crítica e viva chama espiritual. Pela forma como escreve e pela aridez dos assuntos, estes ficam até acessíveis aos indivíduos porventura mais desinteressados dos problemas político-sociais, rumando-os por estradas que convidam a vastas excursões intelectuais.

(Trechos das abas do livro "Espírito de Reforma", editor: Livreria José Olympio, Rio, 1945).

DA PROVINCIA:

"ANTOLOGIA DE POETAS PERNAMBUCANOS"

Este livro destinado a obter simpatia em todos os centros literários.

E' mais um testemunho de quanto Pernambuco trabalha pela nossa grandeza espiritual, assim observado, desde a remota inspiração de Bento Teixeira Pinto até aos estros mais novos dos seus poetas de hoje.

(Abas da "Antologia de Poetas Pernambucanos", do sr. Fernando de Oliveira Mota — Cooperativa Editora e de Cultura Intelectual de Pernambuco Ltda. — Recife, 1945).

O QUE SE ANUNCIA

A PARECERA em dezembro a primeira série de ensaios de crítica do sr. Aderbal Jurema: "Jornal da Província".
— "Memórias de Gandhi" aparecerá ainda este mês em tradução do sr. Livio Xavier, edição da José Olympio.
— "Euclides da Cunha" será o próximo livro do sr. Silvio Rabelo, na Coleção "Documentos Brasileiros".
— América-Editis anuncia para breve "3 Ensaíos", do sr. Olívio Montenegro, autor do "Romance Brasileiro".
— João Condé Filho editará uma plaquette manuscrita contendo dez poemas de dez grandes poetas modernos do Brasil escritos pelo próprio punho dos autores e ilustrados por Santa Rosa e Portinari.

"Ruy Barbosa" é a obra mais recente do professor Luiz Delgado, edição da José Olympio, um ensaio de interpretação das idéias de Ruy e da sua posição nos acontecimentos históricos de seu tempo. Este livro também faz parte da "Coleção Documentos Brasileiros", dirigida pelo escritor Otávio Tarquínio de Sousa.

TAMBEM AS RUAS MORREM...

O passado e o futuro: a velha rua da Florentina e a projetada avenida Dantas Barreto — Uma mulher de Florença... — Doação, no século XVII, à Ordem Terceira de São Francisco — O primeiro arranha-céu — Os problemas da desapropriação

Jorge ABRANTES

ESTA com seus dias contados uma das mais tradicionais, prestigiosas e movimentadas ruas do Recife, que ainda resiste como um traço de outras eras na parte arrazada do bairro

No tempo das maxambombas

Rua da Florentina... Assisti, ali perto, à construção do Teatro Santa Isabel pelo engenheiro Louis Leger Vauthier, agitou-se nos transe das agitações populares e no delírio dos carnavais do passado, abrigou a freguesia das maxambombas, que na altura de sua desembocadura na praça da República aguardavam a saída dos trenzinhos, sem fila nem nada. Uma das fotografias que ilustram estas notas, traz uma intensa recordação daquele tempo.

ela. Este confirmou o projeto do arranha-céu, mas excusou-se de prestar mais informações, dizendo que se tratava de questão ligada ao patrimônio da instituição, o que o impedia de falar sem prévio conhecimento da Mesa Regedora. Esse patrimônio vem do século XVII, do ano de 1696, quando se confirmou a doação do terreno aos franciscanos, por meio de uma escritura datada desse mesmo ano, na qual se declarou que o terreno doado era o que a esse tempo existia ao lado sul do Convento, começando do muro junto ao Cruzeiro até o outro muro da parte do rio da Boa Vista, correndo pelo acris-

nunca se positivou. Mas o que quero dizer é o seguinte: deixe-me ver... Al por 1906, se bem me lembro, aqui neste prédio faziam uns folguedos, essa brincadeira que aqui vocês usavam... como é lá o nome?... Bom: o que sei é que andava por aqui um gajo, o Herotides... Sim, o pastor. E esse gajo dizia umas coisas descabeladas. Santo Deus!

Que a coisa demore

Na rua da Florentina está também uma



A rua da Florentina, à esquerda, numa fotografia de 40 anos atrás, onde se vê numa nota inconfundível daquele tempo: o trenzinho da "maxambomba"

ro de Santo Antônio — a rua das Florentinas, ou da Florentina, como é o mais certo. Decretada está a sua pena de morte, a ser executada, em nome do progresso, pelos soldados da Prefeitura, com os seus instrumentos implacáveis. A coisa não é iminente, mas não deve durar muito tempo até que comece a delinear-se no mesmo local o traçado da monumental avenida Dantas Barreto, constante do plano de remodelação do engenheiro Ulhoa Cintra. E enquanto isto, a velha artéria continua vivendo uma vida normal, como se o término dos seus dias não fosse um evento próximo e fatal. Quem por ali passe a qualquer hora do dia, há de ter essa impressão. E' o mesmo o seu intenso movimento e são as mesmas as cores do seu pitoresco panorama urbano. Os vastos e sólidos armazéns — sinal e característica do velho comércio português — estão atulhados de mercadorias e os secos e molhados derramam-se quasi até às calçadas, oferecendo-se aos passantes. Casas retalhistas de todo os ramos estão no ponto mais alto dos seus negócios. E o pequeno comércio ambulante ocupa o espaço dos passeios, os pontos estratégicos das esquinas e os desvios dos becos, em tendas ou sobre o chão, onde se vêm miudezas, pequenas ferragens,ervas, louças, tecidos, livros velhos e impressos multicores com a letra das sambas em voga. Lá também estão os caminhões possantes e as velhas carroças puxadas por homens ou animais, na tarefa incessante da carga e da descarga. E a multidão dos fregueses, e os grupos de carregadores musculosos e sujo entregues aos bate-papos das horas de folga, os pedintes, os especuladores e, afinal, a onda dos transeuntes, que passam em correntes desordenadas.

Uma mulher de Florença...

Por que Rua da Florentina? Porque — diz a crônica — ali morou uma italiana, filha de Florença. Não encontramos dados que indicassem o papel dessa estrangeira na vida íntima da rua, a sua classe social, as suas ocupações. Mas qualquer um tem o direito de usar os recursos da conjectura e da fantasia e imaginá-la uma bela penitenciar, de pele morena e cabelos e olhos negros, talvez um pedaço de mau carnhão... Ou seria uma comerciante operosa, segura nos cálculos e hábil na especulação? Uma coisa parece razoável: ninguém batizaria a rua com seu nome, se ela não desse na vista... E o mais é divagação inocente, para amenizar a reportagem. "Florença, Florença — a mais humana das cidades vivas, a mais divina das cidades mortas!" O veso de destruir as tradições da cidade veio substituir, há alguns anos, o velho nome da rua pelo de João do Régo. O mesmo foi feito com a Rua Nova e tantas outras, mas graças a Deus voltaram as velhas, doces, pitorescas denominações. E é pena que a grande avenida que há de nascer com a morte da antiga rua, tenha que usar um nome novo, que virá apagar o antigo da memória da população.

Um arranha-céu da Ordem Terceira de São Francisco

O repórter entrou num dos velhos armazéns da rua, o que fica numa das esquinas com o pátio do Paraíso. Quería saber como vão se atar os locatários dali com as próximas modificações. Quería também identificar a avó das casas comerciais da rua, a mais antiga. O gerente explicou:

— O problema para nós está resolvido. Este prédio e o terreno, bem como a maior parte dos desta rua, pertencem à Ordem Terceira de São Francisco. E esta, na defesa dos seus interesses e cooperando para o progresso da cidade, vai construir neste quarteirão um grande arranha-céu de dez andares, dando preferência de locação aos atuais inquilinos. De modo que nós ficaremos onde estamos... A firma aqui tem vinte e cinco anos de existência e há muitos anos está situada neste local.

Velho patrimônio

Com esta informação, mais tarde, procuremos um dos elementos de direção da Ordem Terceira, para que nos falasse sobre o mesmo assunto, visto que é de um interesse direto para

ela igreja, etc. Três séculos depois, vão levantar-se em parte desse terreno os edifícios de um Recife moderno, que pouca coisa será de comum com o velho e saudoso Recife de outros tempos.

Por este ou aquele motivo, os demais inquilinos não têm entre as suas preocupações presentes o problema da desapropriação. Nenhum foi ainda notificado e um dos negociantes nos disse que no Brasil, em geral, as coisas andam muito devagar...

Pastoris de Herotides, na rua da Florentina

Um grossista luso, gordo e risonho, depois de informar que o problema não o afeta diretamente, pois não é locatário mas sub-locatário, uma vez que o prédio pertence a uma firma de automóveis que mudou de lugar e o locou ao Instituto do Açúcar e do Alcool e este, por sua vez, sub-locou em parte à firma, puxa pela memória e tenta lembrar coisas passadas:

— Este prédio deve ser muito antigo. Aliás, de passagem, é preciso dizer que estas coisas de desapropriação não são recentes aqui na rua. Eu cheguei a Pernambuco em 1897. Era rapazole e me lembro que já o Franco, ali na esquina, andou às voltas com o problema e a coisa

das padarias mais antigas da cidade, que vem conservando o mesmo nome apesar das periódicas mudanças de dono. Em 1915 ganhou ela o grande prêmio de honra da Exposição de Milão. O atual proprietário, conversando com o repórter, disse que desde dez anos atrás pensa em mudar-se. Com a construção do Palácio da Justiça, viu que a rua estava condenada a desaparecer. Entretanto, não tomou, ainda, nenhuma iniciativa. Mesmo, essas coisas de obras públicas estão muito ligadas à política... A situação mudou, vai mudar mais ainda e ninguém sabe o que virá. Deseja, de qualquer maneira, que o arrastamento da rua não venha logo, pois o seu comércio terá muita dificuldade para transportar-se para outros locais.

E os pequenos, a miúçalha dos ambulantes? Estes não se dão por achados. Qualquer ponto lhes serve, como nos disseram vários, acrescentando a nota da resignação:

— De qualquer jeito se vive!

Vai, pois, sacrificar-se a rua da Florentina, para que o Recife viva. Não o velho, mas o novo Recife, o Recife do futuro. Tão longe, a época e a história daquela mulher de Florença, que lhe deu o nome!

O PRIMEIRO POETA e o Primeiro Crítico

Olívio MONTENEGRO

SE, politicamente, a primeira reação do nosso gênio nativista, a primeira afirmação do nosso amor próprio nacional fez-se com a guerra contra os holandeses; literariamente, teria sido com a obra de Gregório de Matos. Não por nenhuma imaginação épica que nessa obra se encontre posta em função da nossa história, mas pela indole mesma da sua inspiração e do seu verbo.

E éste é o motivo porque a destacamos de preferência à poesia épica do pernambucano Bento Teixeira Pinto, e mesmo a que seguiu depois, de Durão e Basílio da Gama.

É caso raro uma poesia da primeira idade ainda da nossa história e com o sabor crítico, a vivacidade lírica, a surpresa de idéias de muita da poesia de Gregório de Matos. E sente-se muito mais o autor brasileiro nesse poeta que tanto se inspirou para a sua poesia na vida de costumes da sua terra do que nos outros poetas do seu tempo, aqueles que voando para a epopéia atrás de topar com o gênio de Camões, não passaram da oratória; do verbo, feito éle não espírito ou carne, mas feito de pedra.

A poesia de Gregório de Matos, a sua poesia satírica, sobretudo, apesar de todo o gênio de burla e de troça, que a torna, em tanto tre-

cho, de um ar fescenino, encerra dentro desse humor um dos quadros mais vivos, vivíssimos do drama da nossa formação étnica. Poesia em que muito nos pinta o poeta dos conflitos psicológicos e morais resultantes do encontro das três raças, donde saímos.

Gregório de Matos, esse branco mazombo, chega a dar a impressão do primeiro brasileiro bem forjado — o primeiro brasileiro saído de acórdio com a nossa forma nacional — e que se tornasse então espectador da luta dos seus irmãos mais novos para se completarem a si mesmos no seu verdadeiro tipo. Mas um espectador irônico e que observasse dessa luta sobretudo o jôgo enormemente cômico das suas contradições.

Mas seja como for, pondo em verso tudo isto deu-nos o poeta balano um dos aspectos mais dramáticos do conflito das nossas tendências raciais ansiosas pelo seu eixo de equilíbrio.

O que ainda faz desse poeta um caso singular da nossa literatura é que apesar de todos os desregramentos fesceninos da sua imaginação, do realismo muitas vezes cínico de tantas das suas sátiras, não é o que se possa chamar um poeta libertino. Não é como Coquillard, o mediocre poeta francês, com que tão mal o com-

param certos críticos, e que fizesse da sua musa um simples jôgo de libertinagem, um vício espiritualoso. Pelo contrário, nota-se de vez em quando no fundo mesmo das suas sátiras mais perversas uma intenção crítica que não é despida de senso moral.

O que, aliás, não admira tratando-se de um autor dos poderes de introspecção de Gregório de Matos, de um homem em quem a dúvida não era, como nos céticos, a base do seu temperamento. E que vacilasse entre o vício e a via tude, o amor e o ódio, a hipocrisia e a sinceridade como entre valores da mesma espécie. Gregório de Matos era um pessimista mas não era um cético.

E essa diferença bem que importa: a tendência do pessimista para a negação não se deve confundir com a tendência do cético para a dúvida.

O pessimista nega quasi sempre pela obsessão de uma perfeição ideal que ele concebe em si mesmo, e com a qual os fatos da vida comum, da vida que o cerca parecem em constante e irônica desarmonia. Seja como for, porém, há uma qualidade afirmativa, profundamente afirmativa no fundo da negação pesi-

(Continua na página 14)

Votem na casa que procura servir bem ao povo

Casa José Araújo

BEM NA PRACINHA

TELEFONE, 6219
Caixa Postal, 748

CAIXA DE CREDITO MOBILIARIO DE PERNAMBUCO

End. Teleg. CREDIMOBIL - Telefone, 9041
Caixa Postal, 649

AVENIDA RIO BRANCO, 23 -- RECIFE

DEPOSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

Paga as melhores taxas de juros aos seus depositantes

CIC de movimento - retiradas livres	4%o ala
CIC populares - limites de Cr\$ 10.000,00.	6%o ala
CIC aviso previo de 10, 20 e 30 dias para retiradas, até 30, 60 e 100 %o sobre o saldo da conta	6%o ala

TECIDOS EM GROSSO

NUNES & CIA.

Importadores e Exportadores

RUA DA PRAIA, 83 - RECIFE - PERNAMBUCO
Caixa Postal, 745 - End. Teleg. NUNECIA
Telefone, 6747

FILIAL - RUA PRESIDENTE JOÃO PESSOA N.º 70
Campina Grande - Paraíba

BAR LERO-LERO

A sua especialidade é o incomparavel Nilet

PRACINHA - RECIFE

MERIDIONAL Cia. de Seg. de Ac. no Trabalho ESTADOS UNIDOS Companhia de Seguros	FABRICA HORST Ltda. Tintas - Vernizes - Esmaltes - Thinner ROCCO R. J. ALOISE Acessórios de borracha
--	---

SOC. PERNAMBUCANA COMERCIAL LTDA.

(SOPERCOL)

Comissões - Representações - Seguros - Conta Propria

Tele / Gramas Sopercol / Fone 9424

Caixa Postal, 193
Rua Vigário Tenório, 33 - Recife - Pernambuco

Empresa Construtora Universal

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DE SORTEIOS DO BRASIL

Matriz: Avenida Rangel Pestana, 1538 - São Paulo

Agente Geral no Estado de Pernambuco:

AUGUSTO MENDONÇA

Edif. Sloper - Rua Nova - 1.º andar - Sala 13 - Tele. 6978

José Lôbo & Cia.

Tubos - Chapas onduladas de cimento

"Brasilit"

Av. Marquês de Olinda, 125

FONE: 9293

Recife - Pernambuco

LABORATÓRIO FARMACEUTICO "CÍCERO DINIZ"

Soro Fisiológico, Soro Glicosado, Amps. de Cloz. de Emetina nas dosagens de 0,01 a 0,06, Tártaro Esmético, Glu-
- conato de Cálcio. —

Direção técnica: —

CÍCERO DA FONSECA DINIZ

— AV. MARQUES DE OLINDA, 67 —
RECIFE — PERNAMBUCO

Alguns dados comparativos do movimento da

"SUL AMERICA"

Companhia Nacional de Seguros de Vida

ATIVO EM 1896 — 1.º Exercício — Cr\$ 5.375.838,90
ATIVO EM 1944 — 49.º Exercício — Cr\$ 706.788.070,10

CARTEIRA DE SEGUROS EM VIGOR

Em 1896 — 1.º Exercício — Cr\$ 12.023.000,00
Em 1944 — 49.º Exercício — Cr\$ 4.175.139.999,00

Pagamentos a segurados e beneficiários

Desde a fundação: — Cr\$ 695.755.335,50
Em 1944: — Cr\$ 47.587.642,00

Sucursal em Pernambuco: — Rua Sig. Gonçalves, 51 — Edif. "Sul América"



“Como Era Verde O Meu Vale...”

Socrates Times de Carvalho

QUANDO, em 1922, o COMERCIAL de São Paulo, visitou o Recife, a preliminar do jogo contra o selecionado local foi disputada entre o quadro da imprensa e o 2.º time do Varzeano Futebol Clube, agremiação filiada à antiga LPDT e participante do campeonato do Estado. A fotografia que ilustra esta crônica, além de oferecer uma agradável reminiscência aos seus integrantes, aguçava a curiosidade dos apreciadores do popular jogo bretão. Pena é que também provoque uma comparação pouco recomendável para os nossos dias de hoje.

Bastaria a própria posição dos jogadores para indicar que a fotografia é antiga. E de outros tempos. Porque embora pareça sem importância, a verdade é que a distribuição revela método, disciplina. Pode ninguém reconhecer, ou mesmo conhecer, o centro atacante. Mas sabe que é, dos cinco sentados, o do meio. Assim também como sabe que o triângulo era, de fato, composto pelos três jogadores que estão de pé. E não tem nenhuma dúvida de que a linha média era formada pelos outros três jogadores ajoelhados. Na mistura das fotografias de hoje, bem que essa é um indicio de ordem.

Mas, se isso não bastasse, o chapéu, o colarinho e o colete do tenente Colares — efetivamente o elemento mais reconhecível dessa foto, porque é o único que continua na estacada, e é ali, no pé da conversa, firme no seu pósto de marechal do nosso futebol — indicariam outros tempos, embora não tão distantes quanto possa supor um calculista apressado que se oriente pela fisionomia atual do atual secretário da Federação Pernambucana de Desportos... E a pose do juiz — esse de junto do Colares — de camisa com os punhos e colarinho engomados, e de gravata-borboleta? E os calções dos dois jogadores ao lado, que outros não são senão dois grandes ases do período áureo do futebol pernambucano e que integraram o

selecionado no encontro daquela tarde — José Peres e Osvaldo Guimarães — mostram que aquela época ainda não havia racionamento algum: — nem de pano nem de compostura.

Primeiro, expliquemos: o centro médio e o zagueiro esquerdo são estranhos ao nosso meio. Eram dois jornalistas de São Paulo que acompanhavam a embaixada do COMERCIAL em

seu excursão. Foram incluídos no quadro que representava nossa imprensa como uma homenagem à imprensa paulista. O engenheiro Carlos Guilão e o bacharel Luiz Zico defenderam arduamente as cores dos seus colegas pernambucanos. Tanto assim que a defesa do esquadra da imprensa não caiu uma única vez sequer.

Os rapazes escreviam bem tanto na banca como no gramado. Venceram de 4x0. O meia-direita marcou três goals e o centro-atacante fez um. Quem será esse meia-direita furor, “scorer” da tarde? Ora, amigos, é o nosso conhecido jornalista e poeta... Quem? Herclício Celso, senhores!...

E o centro-atacante? Ah!, se eu lhes disser que esse rapaz sentado, com as pernas cruzadas, e os braços cruzados por cima das pernas, esse rapaz “cantudo”, que não podia se enganar com a calvice devastadora que o aguardava, esse centro-atacante do quadro que defendia as cores da imprensa de Recife, é... Vejamos se eu consigo puxar pela memória de vocês e se vocês conseguem — já que não existe perigo algum... — fazer um ligeiro “reconhecimento”... Esse antigo deanteiro da imprensa de Recife é, hoje, um beletista festejado, membro de realce da Academia Brasileira de Letras. Nada ainda? Pois então, ouçam mais: é redator-chefe de um dos mais antigos e acreditados jornais da metrópole, é um ex-deputado federal, líder de sua bancada... Valeu? Não? Verifico que vocês estão realmente com a memória estragada... E não quero mais obrigá-los a novo esforço mental. Eis o homem: é o ilustre presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, candidato a governador do Estado, a excelsa o sr. dr. Barbosa Lima Sobrinho.

Cícero Brasileiro — o irmão do sempre saudoso Uilases Pernambucano — e Maviel do Prado, perdidão, os drs. Cícero Brasileiro e Maviel do Prado defenderam as cores do IMPRENSA. Jogaram e estão ali

Quem são, afinal, os jogadores

O Marechal De Nosso Futebol

MUITA gente por aí estranha a teimosia com que o tenente Colares insiste no seu Flamengo. “Muita gente”, aliás, é fraqueza de expressão... Porque a verdade é que 99% dos desportistas estranha a caturrice do tenente. E convenhamos que 99% não é “muita gente”: é toda a gente.

Só mesmo o sistema de eliminatória, que precedeu ao atual campeonato, seria capaz de afastar o Flamengo da disputa do certame de 1.ª categoria. Só mesmo uma lei seria capaz de impedir que o Flamengo entrasse em campo para enfrentar os chamados clubes fortes. Sim, porque com o tenente Colares, lei é lei, e pronto. Não interessa que ela seja dura ou mole. E’ lei, e é o quanto basta: cumpria-se!...

Enquanto não houvesse uma determinação que proibisse expressamente o Flamengo de pisar no gramado para competir com um adversário visível e comprovadamente superior, o Flamengo continuaria no seu pósto. E, ainda assim, era necessário que essa determinação não afetasse, especificamente ao Flamengo. Era preciso, portanto, que todos os clubes, todos eles, estivessem sujeitos à mesma emergência, numa situação de igualdade. Fora disso não haveria acôrdo. Ou melhor, não haveria rendição. Não seria aquela tunda de 19x2, perversamente infligida pelo América no final do campeonato do ano passado, que de-

res do time da imprensa. Qual foi o resultado do jogo? Quais foram os goleadores? Atendamos a essa natural curiosidade dos leitores.

soa excursão. Foram incluídos no quadro que representava nossa imprensa como uma homenagem à imprensa paulista. O engenheiro Carlos Guilão e o bacharel Luiz Zico defenderam arduamente as cores dos seus colegas pernambucanos. Tanto assim que a defesa do esquadra da imprensa não caiu uma única vez sequer.

1921, levantado brilhantemente pelo AMÉRICA, o FLAMENGO conquistou o título para seu segundo quadro. E conquistou contra o SPORT, que jogou invicto até o fim do campeonato! Nos treze jogos daquele certame, o SPORT não perdeu nenhum. Consignou, ao final, 22 pontos, porque empatou em quatro partidas. O FLAMENGO sofreu uma derrota e um empate. Não teve a satisfação de terminar invicto. Mas conquistou a glória de ganhar um campeonato contra a situação privilegiada e a justa pretensão de um clube que foi do princípio ao fim sem sofrer uma derrota!

Quem E’ O Bamba?... Rio Ou São Paulo?

AO invés de campeonato brasileiro, teremos, este ano, a disputa de várias Copas e Taças. Estávamos, mesmo, precisando de uma variaçãozinha... Porque o chamado “certame nacional” entrou num círculo vicioso de tal porte que desembocou para a monotonia. Nenhuma emoção. E interesse, só financeiro... Não é outra coisa aquela modalidade, engenhosamente arrumada nos últimos, de “melhor de cinco” em lugar de “melhor de três”. Depois, não há paciência nem boa vontade que resista ao matemático e enervante resultado: ou Rio ou São Paulo.

Causa até espécie que, anualmente, todos os Estados da Federação façam tanto esforço e se sujeitem ao mesmo estubulo. Quando os jornais publicam a programação do campeonato brasileiro, qualquer cego, se quiser, opde ler logo a manchete com que a imprensa estampará a notícia derradeira: OS PAULISTAS VENCERAM, ou, então, OS CARIOCAS TRIUNFARAM...

Mas, passemos um relance pelos quadros do último certame e indaguemos onde está a “superioridade” de um ou outro. Enquanto o selecionado de São Paulo lutava pela SUPREMACIA DO FUTEBOL PAULISTA e tinha sua linha atacante composta de Luizinho, Servílio, Leônidas, Remo e Hércules, o selecionado carioca combatia pela SUPREMACIA DO FUTEBOL CARIOCA e apresentava sua linha atacante formada por Pedro Amorim, Ademir, Pirilo, Pericó e Djalmá. Dos cinco componentes da linha PAULISTA dois eram mineiros, dois cariocas e um baiano... Dos cinco integrantes da linha CARIOCA um era pernambucano, um alagoano, um baiano, um mineiro, e o outro, gaúcho... E haja uma interessantíssima disputa em “melhor de cinco” pela superioridade do futebol paulista ou carioca... Quem é o bamba?

NORDESTE, em seu primeiro número, tem a satisfação de apresentar através de sua página desportiva, uma sugestão que ponha fim a essas pelepas que são, antes de tudo, uma “disputa” pelo que é dos outros... Não que NORDESTE tenha a ilusão de que seu grito chegue a reboar pelas sólidas paredes cedebenses, nem que seu choro vá repercutir nos

também sólidos timpanos dos dirigentes daquela entidade. Seu intuito é o de que a FEDERAÇÃO PERNAMBUCANA DE DESPORTOS considere sua sugestão e seja porta-voz de uma idéia que concentrará, sem dúvida, o desejo de todos os Estados brasileiros constantemente aborvidos pelas falsas representações do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Encabeçando um movimento que se bata pela constituição de selecionados estaduais compostos exclusivamente de elementos “da terra”, por-certo que a F. P. D. aglutinará o direito e o desejo de todos os filiados à C. B. D., e que todos os anos se inscrevem numa disputa sem a menor esperança de vitória. A F. P. D., portanto, conduziria um movimento nacional. Seria a dirigente de uma transformação significativamente triunfante. Porque o Pará apoiaria a modalidade que lhe permitisse, por exemplo, a convocação de Chico, de Yevê e de Pinhegas. E a Bahia, podendo requisitar Pedro Amorim e Servílio para composição de sua ala direita, ou Minas Gerais, tendo o direito de chamar Procópio, e Jaime, e Remo, às suas fileiras, seriam decididas e entusiasmadas solidárias à idéia defendida pela F. P. D., que a seu turno teria a possibilidade de apresentar em campo uma representação que oferecesse o espetáculo de uma linha atacante integrada por China, Ademir, Tará, Orlando e Siduca.

Aproveitemos o intervalo deste ano e tentemos a iniciativa. Começemos a ofensiva: cada Estado representado pelos seus próprios filhos!

na fotografia. Na defesa ou no ataque? Bolas, que vocês, também, são péssimos fisionomistas. Conquanto pacatos, eram da ofensiva. Olhem-n’os ali sentados, composto a ala canhota! E o outro atacante, parceiro de Herclício, o goleador? Esse sofreu uma transformação: era incapaz de arengar nos campos de futebol e vive hoje eternamente às turras nos tribunais trabalhistas: dr. Prudenciano de Lemos... Al está a ofensiva do quadro da imprensa: Prudenciano de Lemos, Herclício Celso, Barbosa Lima Sobrinho, Cícero Brasileiro e Maviel do Prado. Jogariam em sistema W?...

Na linha intermediária somente o eixo era estranho. (Continua na pag. 19)

Antecedentes de Autonomia em Pernambuco

Mário Melo

(Conclusão da página 5)

dado a Pernambuco, e que tudo se reponha no mesmo estado, até eu mandar tomar na matéria que se fica vendendo, a resolução que for servida, do que vos mandarei avisar. Escrita em Lisboa aos 15 de abril de 1659 — Rainha".

(Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, n.º 54, pg. 161).

Naturalmente os pernambucanos tomaram logo, por ver que o desprestigiado fôra o governador geral.

Barreto pediu imediatamente demissão "porque não me atrevo a servi-lo (ao Rei) entre desobediências e supostas culpas castigadas", mas não lhe foi concedida. Também Vidal continuou, até que foi governar Angola.

Sucedeu-lhe, em 1661, o almirante Brito Freire, que tomara parte na última fase da expulsão dos holandeses.

Quase nada se sabe de seu governo, mas é bem possível que não haja dado freio aos pernambucanos.

Seguiu-se-lhe Jerônimo de Mendonça Furtado, que o povo alcunhou de Xumbergas, tendo ficado no linguajar o verbo "xumbergar", com o significado de tomar bebida alcoólica, embriagar-se.

Foi nesse tempo que o Conde de Obidos, governador geral do Brasil, a propósito de organização de Terços, escreveu, ao mestre de campos Dom João de Sousa, longa carta em que há este trecho:

"Aqui vi uma petição, assinada pelos capitães que haviam de ficar reformados. E não é tanto para estranhar o excesso das razões que achou a inconsideração das suas vozes (sempre sendo muito mal fundada) como a dissimulação de seus Cabos; pois se imputa sempre a eles (ou pelos terem mal disciplinados, ou por entender que tacitamente se conformou as suas ações) o descrédito de semelhante absurdo: porque a nação portuguesa está muito bem avaliada: e isto

de motins, e tumultos, só se acabam donde há concurso de outros. As ordens reais não de se guardar com uma obediência mui cega. E só nessa se mostram bem as presunções dos que pesam o que são. Mas como essa Capitania se imagina hoje República livre: bastam os exemplos que tem para o melindre com que todos andam, até nas maiores obrigações que lhe tocam". (Carta de 30-12-1664. DOCUMENTOS HISTÓRICOS, vol. IX, ps. 212-216).

Note-se que o Conde de Obidos fôra quem sucedera a Francisco Barreto. Pernambuco estava como ao tempo em que o governador Vidal de Negreiros julgando-se República livre.

E era mesmo. O governador Jerônimo de Mendonça Furtado caíra na antipatia. Era preciso que dele se libertassem os pernambucanos. Entraram a conspirar. Da conspiração faziam parte o próprio D. João de Sousa, destinatário da carta acima, e Antônio Dias Cardoso, comandante do outro regimento.

Na tarde de 31 de julho de 1666, o governador foi preso e deposto e mandado para Lisboa. Ainda hoje o folclore o recorda:

O Mendonça era furtado
Pois dos paços o furtaram;
Governador governado,
Para o reino o despacharam.

A Câmara de Olinda comunicou o caso com toda simplicidade ao governador geral e a André Vidal de Negreiros. E o governador geral, que já sabia que os pernambucanos se julgavam em República Livre, não só se limitou a acusar a comunicação — "fiquei entendendo a deliberação com que os povos dessas Capitânias se reterminaram em depôr do governo e haverem preso a Jerônimo de Mendonça Furtado" — como nomeou André Vidal de Negreiros para o governo da Capitania. Houve, talvez, o receio de que não deixassem outrem desembarcar e sabia-se que André Vidal de Negreiros era pessoa grata, estimadíssimo e, pelos seus antecedentes, obedecido.

Estava doente e velho e preferia a paz de seu engenho, porém o sacrifício lhe foi imposto até que substituiu lhe dessem.

E como procedeu a Coroa, deante da insubordinação dos súditos que depunham o governador por a. majestade nomeado, e o devolviam preso?



Os melhores produtos nos seus mais lindos e variados sortimentos, apresenta a

Companhia Fiação e Tecidos de Pernambuco S. A.

Capital: Cr\$ 29.600.000.00

Tricolines - tipos Sonia - Celina.
Os afamado brins Volga e 777

Exijam sempre, como certificado de garantia, a marca **TORRE**

O governador geral comunicou à metrópole o que acontecera em Pernambuco.

Procure-se qualquer recriminação na seguinte carta-régia, dirigida à Câmara de Pernambuco, (Olinda), ostensivamente cabeça da conspiração:

"Eu el-rei vos envio muito saudar. Enquanto não chega governador a essa capitania, fui servido encarregar do governo dela a André Vidal de Negreiros, por entender o fará com todo o acôrto, que pede meu serviço, na forma da carta que lhe mando escrever, e éle vos mostrará, do que vos mando avisar, para que o tenhais entendido e cumprais, e façais dar cumprimento às suas ordens pela maneira referida, como eu espero de vós. Escrita em Salvaterra de

Magnos, a 19 de fevereiro de 1667 — Rey". (Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, n.º 54, pg. 176).

A vista desses fatos, perfeitamente documentados, será muito de estranhar que os pernambucanos se tenham levantado em 1710 contra o governador Sebastião de Castro e Caldas, o tenham metido numa emboscada, hajam atirado contra éle, o obrigassem a fugir para a Bahia, e por fim o cabeça do movimento — Bernardo Vieira de Melo — propusesse fazer de Pernambuco República livre, quando, cerca de meio-século antes um governador geral do Brasil notara e esboçava que a capitania que expulsara os holandeses já se julgava República livre?...

O Primeiro Poeta e o Primeiro Critico

(Conclusão da página 11)

mista, que não tem nunca o ar volutuosos e cínico da dúvida do cético.

No pessimismo mais tórcio não é difícil encontrar um espírito de luta, uma vontade de resistência, uma audácia contra o destino. O deserto que à custa de negação o pessimista faz em torno da vida não exclui a visão de uma miragem. Mas o espírito sutil de que se nutre o cético é sempre o da contradição: é o homem de todos os pontos de vista.

Dai o não sei que de impio, de aurdamente imoral, e de misteriosamente inhumano que transparece da critica de todos os célicos. Qualquer coisa de intimamente perverso e hostil à vida, e que afinal repugnaria à obra de um pessimista ao getto de Gregório de Matos.

Na critica de Gregório de Matos não se descobre nenhum desses segredos de intima, profunda e universal dissolução das obras negativistas por natureza. As sátiras do poeta baiano que parecem de um impulso mais rancoroso ou de um acento mais burlesco, estas mesmas, trazem, num verso e noutro, alguma coisa de afirmativo e humano que lhes albranda o fogo de inferno.

De Gregório de Matos pode-se dizer que foi o primeiro autor introspectivo do Brasil; foi o primeiro poeta a tirar de si mesmo, das suas inquietações interiores, dos seus sentimentos, das suas idéias, motivos de poesia. E de nenhum homem que se volta para si mesmo, que se interna na sua pobre alma doído por interpretá-la nos seus menores impulsos, seria justo dizer que perdesse a fé no seu destino, ou fizesse da vida um jogo de perde-ganha. É antes um ho-

mem que luta contra todos os azares do seu temperamento para se renovar e melhorar.

Com todos os defeitos que não seria difícil destacar da poesia de Gregório de Matos, éle foi uma prodigiosa exceção na primeira vida literária do Brasil. Trinta e cinco anos de vida passados em Portugal, e pegando aí o período das mais fortes reações individuais, que é o da adolescência, não fizeram murchar nele a independência de espirito, nem tão pouco o firmeza de um tipo europeu. O que há de influencia do classicismo português naquella época na sua poesia não dá como em tantos outros para descaracterizar a personalidade do autor. Não existem anacronismos de Coimbra nos seus versos, sentimentalidades literárias em torno do Tejo e do Mondego, a preocupação de um estro requintado e vernacularmente puro em que se excederam os melhores dessa geração de precursors: os Duões, os Baullios da Gama, os Cláudios, etc.

A maior influencia sobre Gregório de Matos foi, como propriamente destacou João Ribeiro, dos dois poetas espanhóis Gongora e Quevedo. Mas uma influencia que não deu para dissipar o espirito brasileiro da obra do poeta baiano. Dai poder dizer Silvio Romero dessa mesma obra "que é o documento par onde podemos apreciar as primeiras modificações sofridas pela lingua portuguesa da America".

Depois de Gregório de Matos, até o século XIX, ou melhor até Gonçalves Dias, de um modo geral pode-se dizer que foi a literatura do Brasil uma literatura passiva, sem a reação de nenhum espirito critico, ou de qualquer sensibilidade mais ativa posta em consonancia com a realidade da terra.

CARTA ABERTA

Aos Produtores Nacionais

Seria demais de nossa parte pretender nesta abertura aos produtores nacionais dar lições de arte cinematográfica. Aos técnicos, exclusivamente, compete o assunto. Queremos, sim, falar aos que tentam fazer cinema, no Brasil, para levar-lhes a nossa crítica honesta, que procede da observação atenta de todos os ângulos da indústria nacional de filmes que, há longos anos, luta para obter as vantagens de uma situação mais definida, que lhe permita galgar, sem dúvida, um plano mais elevado.

O imenso campo de atividade do cinema não pode ser dominado de uma só vez. Nem se o pode medir ou comparar, como geralmente se faz, esse com aquele, porque seria, realmente, pretender chegar a conclusões falsas, principalmente quando se visa o ponto de vista puramente artístico. Nesse particular, chega a ser inútil anotar pontos de referência entre o cinema brasileiro e o norte-americano, que universalizou a arte, à custa de fabulosos capitais, e goza, hoje, de uma situação que a nenhum outro será dado desfrutar, pelo próprio desenvolvimento a que o lado industrial atingiu. São fatores ou contingências que não queremos analisar nesta oportunidade.

O que nos move, dirigindo-nos aos produtores nacionais, é tão somente a análise imparcial e desapassionada do cinema brasileiro, cujas atividades vimos, desde há muito, acompa-

nhando com natural interesse.

Não há, digamos com franqueza, indústria organizada, no país, para a exploração da cinematografia. Parece-nos — e nada autoriza pensar o contrário — que ela está intimamente ligada ao negócio de filmes, à sua industrialização, dependendo desta, em parte, o êxito artístico, pela obtenção dos necessários recursos financeiros. Naturalmente, são duas máquinas que se movem em direções opostas, mas paralelamente uma à outra, ligadas pelo objetivo comum que é fazer cinema. Tanto mais harmônica é essa conjugação de inteligências e atividades, tanto mais brilhante a tarefa será executada. E o julgamento final pertence ao público.

Mas, no Brasil, não se pensou ainda em fazer cinema, como coisa séria, em verdade. Quanto muito se terá tentado fazer filmes, com maior ou menor dose de boa intenção.

Os que se têm atirado à tarefa de produzir, entre nós, o fazem como que movidos pela certeza de um sucesso que não têm o direito de esperar, uma vez que lhes falcem as necessárias credenciais para levar a cabo a empresa.

A cinematografia depende, sobretudo, da técnica. O afastamento das suas leis básicas importa num fracasso inevitável.

De elemento humano capaz, sobretudo, se ressentem o cinema brasileiro e não encontramos explicação para o fato de

não terem ainda sido chamados a colaborar, senão os maiores engenheiros de som, "cameramen" ou diretores estrangeiros, pelo menos pessoas que nos possam mostrar os segredos mais superficiais dessa técnica que nos tem faltado.

A nossa "equipe" de técnicos não possui experiência a não ser aquela muito elementar conquistada sem disciplina dentro dos nossos incipientes estúdios, onde quasi tudo é improvisado.

No caso de que se trata, o fator boa vontade ou ainda sinceridade nada significa, porque o tratamento ou a linguagem cinematográfica não dependem dele, de nenhum modo, sendo antes um resultado de vários procedimentos técnicos inteligentemente jogados. O limite é o mesmo para todos, dentro do estúdio cinematográfico mais ou menos organizado e aparelhado. Cumpra aos que manuseiam o seu material saber fazê-lo, e disso não há para onde fugir: ou se é competente e se atinge plenamente o objetivo, ou se revela incapaz e, nesse caso, o resultado é negativo. A luta, por exemplo, que se nota entre os vários estúdios norte-americanos é uma competição de valores, apenas de valores, porque os recursos que as diversas organizações dispõem são quasi idênticos. Mas há, todavia, os valores pessoais em choque, daí a luta pelos diretores, produtores, argumentistas, intérpretes, que não regiamente pagam para vencer essa concorrência. Eles podem,

em troca, oferecer idéias originais, dignas da admiração das platéias.

Fazer cinema é tarefa que requer, sobretudo, conhecimentos sólidos do "metier", adquiridos à custa de grande experiência própria. Ninguém pode, com efeito, rodar um filme pelo simples fato de querer fazê-lo.

Naturalmente, nada mais lógico do que isso, mas é, em tudo, esse o nosso cinema, a verdadeira situação do cinema brasileiro.

Parece-nos que, em nenhuma outra arte mais do que na cinematográfica o talento é tão posto à prova, porque a complexidade, na confecção de um filme, exige uma visão e coordenação perfeitas, em todas as fases dos trabalhos.

Não é desconhecido o processo de fazer filmes no Brasil, e já ninguém ignora como se trabalha dentro de um estúdio nacional. Via de regra, o diretor de cena, que é sempre o diretor da empresa, o seu próprio responsável financeiro, gerente, técnico, ensaiador, argumentista, etc., é o homem mi-lagroso que tudo vê e ordena, que põe e dispõe. E é sempre o que, pela importância do volume das suas atribuições, o que não aceita nem pede sugestões, porque só ele sabe manejar aquela máquina complicada.

Ora, sabemos que um filme depende de esforço conjugado de numeroso grupo de pessoas, cada qual eficiente no seu ofício, que, embora agindo isoladamente, visam ao mesmo objetivo. A voz de comando é a do diretor, que é o coordenador de todas as esparsas atividades que têm lugar dentro e fora dos estúdios. Mas, essa voz nunca vai além de limites justos, nem se imiscue de mais em cada uma das grandes ou pequenas responsabilidades de um estúdio, senão naquilo que compete orientar, para a boa marcha dos serviços.

Em todo o mundo, na Argentina, no México, nos Estados Unidos, na França, na Alemanha, na Itália, em toda parte, enfim, onde existir uma fábrica de películas lá vamos encontrar gente de todas as nacionalidades, dando o seu talento à causa cinematográfica. O exemplo de Hollywood, então, é dos que mais ilustram essa afirmativa, pois em nensum outro lugar mais do que ali o ambiente é tão heterogeneo e a soma de valores estrangeiros é superada pelos nacionais.

O grande progresso do cinema argentino ou mexicano é devido ao elemento estrangeiro, mais experimentado, sem dúvida, do que o nacional, que não tivera ainda a oportunidade de um contacto com técnicos es-

pecializados na arte das imagens.

E' isso, precisamente, o que falta ao cinema brasileiro: esse estágio, esse aprendizado inicial, que possibilite aos nossos os conhecimentos mínimos.

Sem essa iniciação indispensável, estacionaremos na planície, como até agora, e do cinema nacional nada será justo esperar a não ser amontoados de tomadas teatrais, sem nenhum senso cinematográfico.

Luiz Felipe Vieira

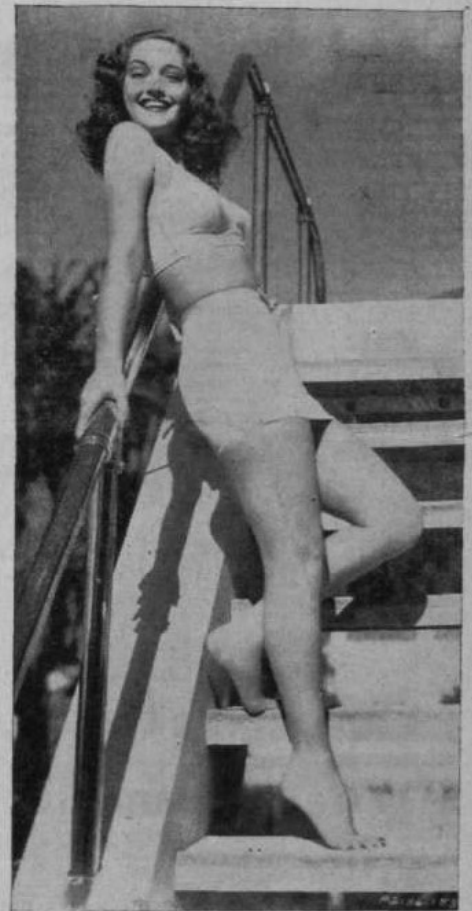
co, sem nenhuma profundidade artística, sem uma gota de originalidade — uma completa ausência de cinema, na luz, no som, na imagem, no cenário.

Final, os nossos produtores precisam de se compenetrar, de uma vez por todas, que cinema tem ritmo, tratamento, movimento próprio, tanto mais afustado do teatro e seus vícios quanto mais puro.

Concluindo diremos que a ausência do profissional, mais do que a incapacidade dos nossos diretores e a pobreza dos nossos estúdios deve-se o fracasso dos nossos filmes e das nossas atividades cinematográficas em geral. Esses profissionais, já o dissemos, não podem ser encontrados entre nós, mas procurados lá fora — o que, de resto, não representa nenhum desdouro.

Voltamos, assim, a repetir, destas colunas, o nosso refrão: permanece inexplorada uma grande fonte de riqueza no Brasil: o filme nacional.

DOROTHY LAMOUR



A escultural ESTHER WILLIAMS

SOCIEDADE COMERCIAL
CASA REX S. A.
RECÍPE

pele seu

Clube de Mercadorias

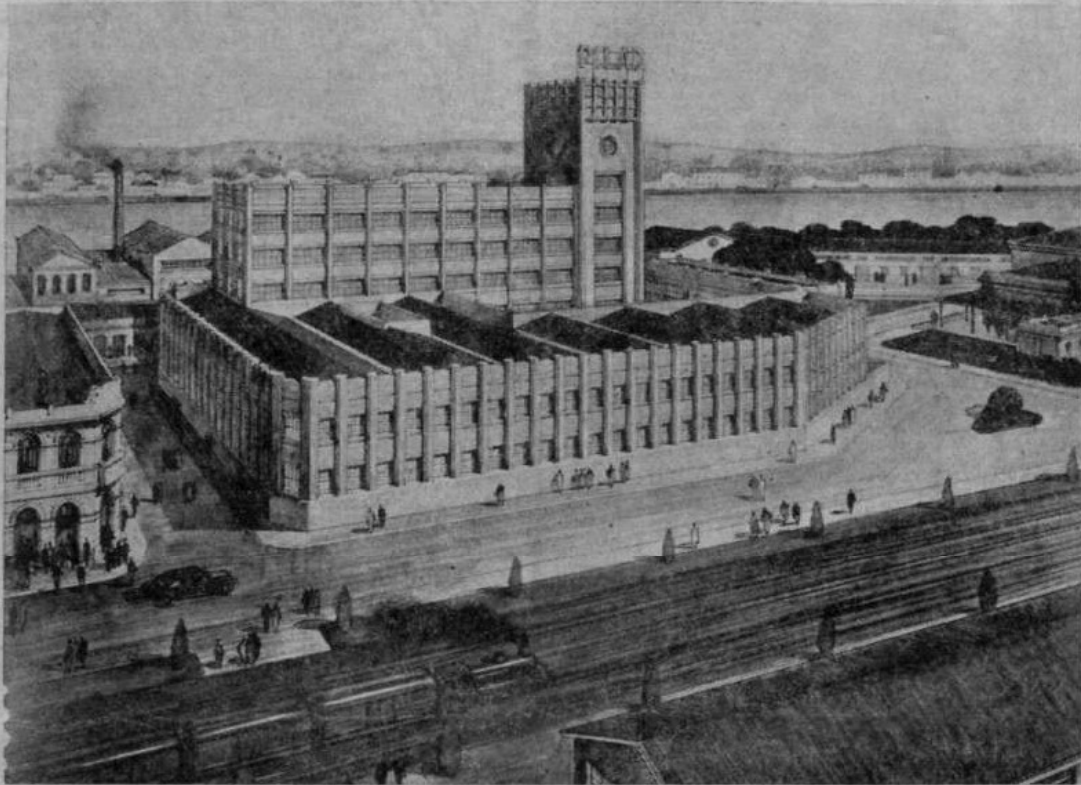
Distribue:-

Jóias
Rádios
Cristais
Baixelas
Relógios
Faqueiros
Porcelanas

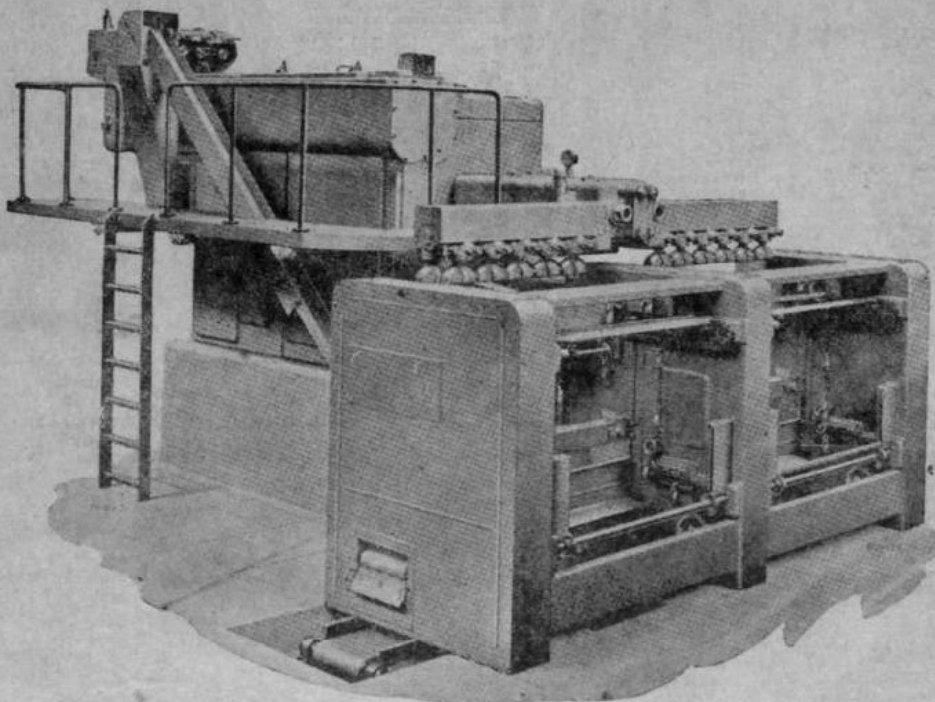
Refrigeradores
Cortes de linho
Canetas automáticas
Objeto de adorno
Perfumes
Artigos para homens
Artigos para presentes

Companhia Produtos Pilar S. A.

ESTABELECIDADA EM 1875



A FÁBRICA DO PALÁCIO DE VIDRO



MODERNA INSTALAÇÃO PARA MASSAS ALIMENTÍCIAS
(A MAIS MODERNA NO MUNDO) QUE SERÁ INAUGURADA
DENTRO DE POUCOS DIAS

Um Conto de Aventuras

sem dificuldades aos que a sentem, em qualquer parte do mundo em que se encontrem. — Pois vou contar-lhes a aventura do barão Rosenthal, se é que já a não conhecem pelos diários, que naturalmente transcreeveram o resumo das notícias publicadas sobre o assunto nos jornais do Rio. O mar estava gelado e poucos tinham o valor de arriscar-se ao res-

imensa, que atraía todos os olhos e lhe dava o ar aturdido de ídolo asiático. O marido estava cheio de satisfação. Aquela curiosidade brutal, aquele ar pesado de desejo, admiração e inveja, era uma saborosa homenagem à sua vaidade de homem rico e generoso, que possuía uma mulher bonita e podia enfeitá-la como se fosse uma cortês.

As curiosidades iam chegando por grupos. Todas as mulheres ociosas do Rio, a alta sociedade, se apartava naquele rendez-vous de luxo adventício. Os convites eram disputados, apelou-se às relações, surgiram empenhos, até entrou em jogo o dinheiro...

Um jornalista meu amigo me assegurou que uma família conhecida, os Silva Bastos, venderam por Cr\$ 200,00 o seu convite. Gente de bom senso, pois perdia o espetáculo, mas a Light não lhes cortaria a luz...

Até se improvisou um revendedor, como para os bilhetes de teatro...

Quanto exagerei, meu Deus! Enfim, os salões de Anita Rezende se achavam repletos de gente amiga de "patine", impacientemente atraída aquela cerimônia de apresentação do colar à sociedade. E as visitas mal

os quais, por falta de classificação mais precisa, se apresentavam como "sportsmen", e se encontram em todos os grandes centros do mundo. Rezende nunca soube de onde ele veio, para onde ia, nem qual era a sua missão que o fizera descer a este planeta de alguma nebulosa.

Parcia rico, gastava muito, ria com superioridade. Conhecia intimamente os hábitos típicos da França.

Inteligente, alegre, servicial, com uma noção muito precisa do pino, fazia-se necessário em cinco minutos depois de tê-lo conhecido. Em todos os casos de ofensa, de dignidade ferida, a primeira pessoa em quem se pensava, em Paris, era no barão, que sempre encontrava um jeito especial para regular essas contendas e era uma testemunha soberba, quando o duelo se fazia necessário.

Rezende, recém-enriquecido por uma herança quase improvista, aturdido em Paris, onde não conhecia ninguém, falando com dificuldade um francês colonial, deu-se conta imediatamente de que o barão era a pessoa providencial. E o atraiu.

Rosenthal o acompanhava ao teatro, levava-lhe a última novidade literária, apresentou-o a um excelente professor de línguas e facilitou a entrada da senhora nas grandes casas de modas. Deram a entender mais tarde a Rezende que o barão recebia comissões de diversas casas de negócio, para as quais encaminhava os estrangeiros. Rezende não compreendeu bem ou não quis acreditar. O fato é que cada vez sentia pelo barão maior entusiasmo.

Falou-lhe vagamente de uma joia com a qual desejava presentear à sua mulher, coisa que chamasse a atenção, que deslumbrasse aos seus compatriotas, quando regressasse ao Rio. O barão aconselhou um colar de pérolas. Era o mais distinto e o que convinha para adorno da senhora, em cujo colo moreno e bem modelado, a brancura da pérola ressaltaria como em um estuque.

— Mas não tenho pressa — declarou Rezende — vou procurá-lo com calma e, por seu lado, se souber

lha, o aniversário era celebrado com amizade, o colar deixava a todo o mundo embrutecido de admiração e inveja e rutilava, admirado e despertando cubucas quando, de repente, um curto circuito. A música para. Há um murmúrio de contrariedade, algumas vozes se elevam, nervosas, aqui e ali se acendem fósforos. Pouco a pouco vão surgindo criados com candelabros.

Um dos convidados, entendendo em electricidade, se ofereceu; vai ao quadro e examina os fusíveis: perfeitos!

— Só se existisse algum defeito na instalação. Talvez um curto-circuito geral...

— Não, olhe: a rua, neste caso, deveria estar às escuras...

Tampouco é uma interrupção nas casas deste setor, o vizinho da frente tem uma lâmpada acesa...

Telefonam a central elétrica. Enquanto se espera, se conversava. De repente: paf! toda casa se ilumina.

— Graças a Deus!

— Que sorte!...

— Isto sim que é curioso — diz o tal convidado meio electricista —, apertei o comutador, sem querer, e tudo se ilumina. Não tem nada, alguém apagou a luz expressamente...

Um estupor corre por toda a sala. As mulheres instintivamente tocam nas suas joias. Madame Rezende dá um grito:

— Desapareceu o colar!

Um dos convidados interrompe:

— Bom, é uma vulgar história policial. Desde que se falou no tal colar sabia que ele ia desaparecer, e desse mesmo modo, com uma pressão no comutador e a casa às escuras. É clássico. O que você quer é embromar-nos...

— Esperem, vamos ver a coisa é mais interessante do que parece — replicou o narrador. Um dos convidados que era, por coincidência, autoridade policial, cre que se deu dever intervir sem tardança. Muito nervoso bateu palmas e de um grito fez calar a orquestra. Chamou o dono da casa e ordenou que fizesse vigiar as portas, impedindo que saísse alguém. O pobre sujeito estava cheio de literatura policial e ia proceder como era costume nessas ocasiões: revistar a todos os presentes.

Imagine-se o horror de semelhante fato, entre gente de sociedade, num ambiente esquisito! Rezende, o pobre, estava fivido com aquela dupla catástrofe: perdia o colar e perdia os amigos. Quem seria capaz de voltar àquela casa depois de haver sido ignominiosamente revistado?

Num momento de lucidez resolveu Rezende embarcar o trabalho da polícia. O ladrão não teria a ingenuidade de guardar o objeto roubado, sendo assim inútil o vexame a que se queria submeter os seus convidados e se a polícia entendesse de revistar os bolsos faria mesmo contra sua vontade...

Opondo-se ele, não alterava o curso dos acontecimentos e ficaria bem com todos. Chamou um homem da polícia e fez ver que não permitiria que se realizasse os seus propósitos.

— Meu querido senhor, a polícia está obrigada a intervir.

— A polícia faça o que quiser, porém lá fora. Não consinto que revista a meus hóspedes. Aqui na minha casa, quem manda sou eu!

O outro ia replicar com energia, quando notou que entre os presentes além de destacadas figuras, se encontrava nada menos que o ministro da Justiça.

Revistar o ministro! E revistar os outros deixando o ministro de lado, tão pouco seria possível. O infeliz suava, numa verdadeira agonia. Aquilo era atroz. A dona da casa estava entendida sobre um sofá, entre amigos, quasi desmaiada. Algumas pessoas acercaram-se da polícia oferecendo-se para que as corresse. Rezende irrompeu atropeladamente na sala, gritando: — Senhora, ninguém se aborreça, a festa continua. Maestro, faça favor, uma música qualquer! As portas que comunicavam com o salão de baile e as demais dependências da casa, estavam apinhadas de gente, atraídas pelo escândalo. A ordem do dono da casa o jazz deixou ouvir sons harmoniosos. Rezende deu o exemplo, convidando a senhora que estava mais perto, saltando os largos passos do fofo. Outros pa-

(Continua na página 18)



ARSENIO LUPIN NO BRASIL?

CONTE-NOS alguma coisa interessante de sua terra...
— De minha terra!
— Sim. Os brasileiros têm fama de grandes conversadores...

— Como queira. Não vale a pena discutir, porque vamos terminar, como a semana passada, aborrecidos.

— Mas foi o "señorito" quem me ofendeu, querendo demonstrar, com muito pouco tato, que Copacabana era superior a Mar del Plata...

— Retifico o meu juízo: Copacabana só será superior a Mar del Plata quando as ondas de suas praias, maravilhosas tiverem a ventura de acariciar o corpo de uma certa ondina...

— Chamada Maria de la Concepcion, mais conhecida por Minchinha. Não há dúvida. Agradeço o elogio, não obstante sua razoável falta de originalidade...

— Olhe, quer um conselho? Cale-se, embora não seja senão por patriotismo. Os brasileiros começam a perder muito em meu conceito...

— Calar-me-ei. Mas é uma pena; estava pensando em um caso curiosíssimo, sucedido no Rio, e que talvez as divertisse...

— Hum... já perdi a confiança. Enfim, vamos a ver uma vez mais. Se promete que não dormimos...

— Aquela parte da praia Brasileira é mais animada da estação. A família González Baustegui, composta de três formosas e inteligentes meninas, entre os 16 e 22 anos e de sua mãe viúva, esplêndida senhora, tipo da grande dama argentina, reunia diariamente à hora do banho um número limitado, mas extraordinariamente distinto de suas velhas relações. Todos da alta sociedade, mas de uma alta sociedade sem misturas bastardas de arrivistas, o que justificava plenamente o seu alto conceito: culta, discreta, encantadoramente cortês, de uma cortesia natural, sem chocantes expressões pieblicas e sem ênfase. Gente de raça.

Além disso, cheia da alegria da saúde e da alegria que dá a prática habitual dos esportes.

Claudio Seabra, jovem e já notável advogado brasileiro, se fez amigo de um primo dos González Baustegui, seu colega, quando este esteve no Rio em uma caravana jurídica. Depois de uma ligeira apresentação, foi imediatamente acolhido naquele círculo de privilegiados. Simples questão de afinidade social, impossível de assinalar, por sutil e imprecisa, mas que reúne

friamente que o banho produziria. Além disso convinha prolongar a hora da praia e retardar, quanto possível, a hora do almoço, pois que, depois dele, nada havia o que fazer se não dormir.

A conversa de Claudio, sempre atraente, era o remédio contra o tédio que, às vezes, começava a apoderar-se daquele ambiente.

O que lhes vou contar aconteceu em um grande baile, dado por madame Rezende, aquela maravilhosa Anita Rezende, que tanto furor causou em Buenos Aires, há coisa de dois anos.

Décimo aniversário de casamento, no que me parece. O mais distinto do Rio ocorreria aos seus salões, não só para felicitar o casal, como também e principalmente, para apreciar o colar comprado em Paris, cuja estréia Anita fez habilmente anunciar por uma amiga íntima, juntamente com o preço: 800.000,00 cruzeiros, aproximadamente 250.000 pesos!

— Caramba, que colar!

— Pérolas como nunca vi, como nunca pensei pudessem existir...

— Seriam muito grandes...

— Enormes, mas não só isto — de uma regularidade de forma que nem artificialmente se conseguiria obter e todos iguais e de um oriente poderoso: em cada uma delas se resumia o incomparável fulgor do arcóris.

Aquêle grupo dispendente, que recebera as primeiras palavras de Claudio com um ar de mofo e provocação, se pôs a escutá-lo com mais atenção do que um pregador de Quaresma.

Não podia deixar de ser atraente a história de uma mulher, dona de semelhantes pérolas...

— Anita perdeu um pouco de ser natural com aquela joia

ensaiavam umas felicitações adequadas ao aniversário com um apertado abraço ao dono da casa, dirigindo-se furiosamente para a senhora, olhando avidamente para o colo carregado.

Formaram-se grupos, começou o baile. Rezende foi conversar com os amigos.

Podia deixar o salão, pois naquela hora não era muito provável que chegassem mais convidados.

Onde alguém da casa estivesse, as conversações se arrastavam pesadamente: só se queria saber do colar e ninguém se sentia com valor para fazer perguntas às pessoas da família. E era uma lástima, porque Rezende só esperava um pretexto para desembuchar, para contar tudo: onde encontrou aquela estupenda jóia, as peripécias que ocorreram, o dinheiro que desembolara...

Por fim, não pôde conter-se e a um elogio do ministro da Polónia, que achava as pérolas "epatantes, mon chér, epatantes", foi narrando a nona história daquele colar sem história.

Comprou-o em Paris na rua de La Paix. Quem descobriu a jóia magnífica, única, foi o barão de Rosenthal, presente à festa.

O barão lhe fora apresentado no Touring Club por Sousa Lima e pouco depois já eram íntimos. O barão, judeu francês, um desses homens indefiníveis, com negócios raros de minas, bancos e sociedades anônimas,

POR CRISTOVAM DE CAMARGO



de algo que me convenha, avise-me. Olhe, eu não fixo preço...

Só meses depois, apertado por Rezende, que tinha a intenção de viajar por outros países da Europa e não podia dispor de tempo para ocupar-se seriamente do que desejava, o barão falou-lhe de um colar fantástico, que, por acaso, vira em uma joalheria.

Rezende, em vésperas de partir, comprou aquele colar, aquela maravilha que todos estavam contemplando. E viajaram pela Europa, ele e sua mulher, andando por hotéis cerca de um ano. Fazia pouco que se encontravam no Rio, quando Rezende teve a surpresa de receber a visita de Rezende, que chegara ao país, encarregado por um sindicato de madeiras para comprar todos os bosques disponíveis no Paraná...

Rezende estava jubiloso de sua festa que unia três objetivos: o colar, o aniversário de casamento e a apresentação à sociedade de seu grande amigo o barão de Rosenthal.

Tudo corria às mil maravilhas,

Especial para "Nordeste"

Arsênio Lupin no Rio de Janeiro

(Conclusão da página 17)

res, para agradá-lo, acompanharam-no.

Mas não havia entusiasmo, — sentia-se um tremendo mal-estar, a atmosfera era sufocadora. Havia no ambiente vago terror: entre toda aquela gente fina, selecionada, havia um ladrão! Seria este, seria aquele? Todos desconfiavam, uns dos outros. E o ministro da Justiça? Pois o ministro da Justiça... se tinha visto tanta coisa! Havia medo, havia esse vago temor que suscita um suspeito e desconfiado. Todos se encontravam nervosos; todos desejavam sair, sair daquele pesadelo. E nenhum dos convidados, ainda que dele dependesse a salvação do outro, se atreveria a despedir-se. Ninguém cederia, ninguém ousava chamar sobre si a atenção, por um gesto que concentraria todas as desconfianças dissesas.

De repente um grito: — Ali está o colar! — Era o tal electricista, que zolava a exclamação, um grito triunfal. Com efeito, debaixo de uma cadeira, meio escondido pela dobra de uma almofada, estava a joia, causa de tanta emoção. Todo o mundo se precipitou, nervoso e, quando o feliz descobridor levantou do solo sua preza, se levantou uma chuva de aplausos.

Os corações se desoprimiram e todas as fisionomias revelaram um sorriso de alívio.

Foram procurar o dono da casa, que acompanhava a sua senhora aos seus aposentos, vítima de uma crise nervosa. A feliz notícia fez com que ela ficasse imediatamente boa e quando o casal apareceu no salão, rebentou uma nova salva de palmas e todos felicitaram-na pela sua boa sorte, dando demonstrações de agradecimento pela delicadeza de Rezende, impedindo a vergonha a que a policia pretendia submetê-la.

O pobre Cláudio não sabia como se sair diante do desopantamento que a sua história estava causando a suas ouvintes. Esperavam um desenlace sensacional e não lhe perdavam a aparição das pérolas, o que fazia com que a história terminasse assim sem nenhuma peripécia.

Mas, meu Deus! não me deixam acabar, esperem o final. Não ver o curioso...

— Já estamos fartos do colar, dê-nos outra história...

— Deus nos livre! O que queremos é que se cale!

— Silêncio, meninos! — interveio a senhora — um pouco de paciência, deixem-no terminar. Vai depois dizer em sua terra que somos umas selvagens...

— Se vocês permitem, vou continuar, pois falta pouco...

A festa acabou alegremente, em meio de calorosas expansões. Rezende triunfava. O barulho que os jornais faziam do ocorrido, não podendo deixar de referir-se ao seu gesto cavalheiresco, recompensaria de sobra o susto que passara. Aquê-lo caso que a imprensa publicaria amplamente, tornar-se-ia quasi inverosímil. Fora uma coisa verdadeiramente providencial, pela notoriedade que adquiriria, tornando a ele, Rezende, cheio de fama.

Que sorte — dizia à mulher ao recolher-se aos seus aposentos — toda cidade vai falar do colar e elogiar a minha serenidade!

Realmente os jornais se ocuparam durante alguns dias do suposto furto, atribuindo todos a desaparecimento da joia incomparável a um mero acidente. Um colar que fora pôsto com negligência, que caíra e depois fora encontrado. Nada de extraordinário.

Apenas algum cronista fizera aludões um tanto misteriosos...

Mal colocado um colar daquele preço e que pela primeira vez era mostrado ao público... Não, não podia acreditar-se em semelhante descuido de sua dona. E as luzes apagadas, não podia ser senão um fato premeditado. Um curto circuito não era nada extraordinário, não há dúvida, mas o fato do colar cair no momento em que as luzes se apagaram, era uma coincidência muito suspeita...

A não ser que tudo aquilo fosse uma comédia preparada para chamar a atenção sobre as pérolas...

— E se não for assim? — perguntavam ao cronista.

— A não ser assim... tenho aqui uma idéia. E desejaria no de uma joalheria meu amigo, homem discreto, mas cujos reticências iluminaram as minhas dúvidas, permitindo-me tudo compreender.

Uma Empresa que vela pelo bem estar de seus operários



Refeitório em construção

A SABOARIA GLOBO, de Alimonda Irmãos & Cia. Ltda., situada no Largo da Paz 82, nesta Capital, apesar de ter iniciado suas atividades há poucos anos, já cuida de manter para seus operários um refeitório higiênico, onde eles possam ter uma alimentação sadia. A gravura acima nos mostra parte do refeitório que Alimonda Irmãos & Cia. Ltda. estão construindo para seus operários :

... muito conversar particularmente com os infelizes proprietários dessa preciosidade...

Rezende não prestou a menor atenção à impertinência. Triunfava plenamente. O episódio do colar lhe dera maior notoriedade. Fazia-o mais discutido do que se houvesse derribado um ministro ou ganho o prêmio Nobel de literatura.

A curiosidade do público terminou por cansar-se. Os jornais passaram a se ocupar de outros assuntos e não se falou mais do colar.

Muito tempo depois, soube a verdade conversando com o do-

... e o que apareceu na poltrona não passava de uma perfeita imitação do verdadeiro! — E como foi isto possível? — Não se recordam do barão de Rosenthal? Antes de indicar o colar ao seu amigo Rezende, encomendam uma imitação do mesmo. Nada há neste de extraordinário. O barão não passava de um cavalheiro de indústria, ao qual não era difícil conceber e realizar a troca do colar.

— Assim, a sua chegada ao Brasil... — Não teve outra finalidade senão a de apoderar-se do colar.

— De modo nenhum, o colar que fez presente a sua senhora era legítimo.

— E então?

— Só uma hipótese pode explicar a situação: o verdadeiro colar foi furtado naquela noite

... e o que apareceu na poltrona não passava de uma perfeita imitação do verdadeiro!

— E como foi isto possível? — Não se recordam do barão de Rosenthal? Antes de indicar o colar ao seu amigo Rezende, encomendam uma imitação do mesmo.

— Assim, a sua chegada ao Brasil... — Não teve outra finalidade senão a de apoderar-se do colar.

— De modo nenhum, o colar que fez presente a sua senhora era legítimo.

— E então?

— Só uma hipótese pode explicar a situação: o verdadeiro colar foi furtado naquela noite

... Levem em conta que Cr\$ 800.000,00 é uma soma capaz de fazer atravessar oceano no mais displicente "cambrioleur".

— E não o prenderam? — Já não era possível segui-lo... Nunca mais se teve notícias de sua lustrre pessoa...

— Então o seu amigo não se queixou à policia?

— Para que? Seria inútil, o homem se pusera a bom resguardo e onde ir buscar um tipo de sua espécie por todo o mundo?

Depois os donos do colar descejavam continuasse ignorada a substituição das pérolas...

INCERTO

José Carlos Cavalcanti Borges

(Conclusão da 5.ª página)

Diva Maria no braço de Maria Leticia, até caladinha; a preta Nominanda, de confiança, junto, com um embrulho; as bolsas menores, a valise de lona, tudo em ordem; menos a maleta grande, a das roupas de cama e dos agasalhos de Diva Maria!

O relógio, no alto, marcando 3 e trinta e oito; Marcelino lá comprando as passagens...

— Deixe, meu filho, eu compro, tenho mais prática. O pai formou na fila, contando o dinheiro. Aumentava o povo da praça — Marcelino olhava a praça em frente — gente que vinha para a saída dos outros trens, e cadê seu Manuel!

— Minha gente! — Maria Leticia não compreendia a demora.

— De noite, numa cidade estranha, num hotel que a gente não sabe, como é que se pode arrumar agasalho para a menina?!... Só não seguindo hoje...

Ah, Maria Leticia, não!

— Não, isso não! Arranja-se, dá-se um jeito, lá.

Homens e mulheres se cruzavam, carregadores agita a borboleta de aço gritando, só seu Manuel não aparecia.

— E o senhor?

— Entre, meu filho, escolha os assentos, acomode a bagagem, agasalhe a menina.

— Decidi. Tomo um carro, toco a toda, vou ver se encontro seu Manuel pela rua, até chegar à sua casa.

— E se não encontrar?

— Amanhã mando a maleta no trem.

— E se encontrar?

— Bolo no carro de qualquer modo, corro. Bem que tinha sido bom papai ter vindo...

Maria Leticia se colocava num canto da

sombra, Nominanda ia mesmo no lado do sol, os bancos quase todos tomados, Marcelino p'ra lá, p'ra cá.

Seu Manuel surgiu sorrindo: — Num disse que estava aqui na hora, patrão?

— Ora, seu Manuel, ora! Papai já foi atrás do senhor!

— E precisava, seu doutor? — O trem se movendo, tomava velocidade.

Pronta, a arrumação: em baixo do banco, enfim, a maleta grande; o embrulho de Nominanda; a valise de lona listrada ao alcance da mão de Maria Leticia. Corriam. Que era que faltava?...

Diva Maria, caladinha, dormindo? Maria Leticia de olhar mais cheio de vida — Diva-Maria vinha melhorando desde a véspera.

Faltando o que?... Marcelino sentia que faltava. Papai não encontrava seu Manuel, voltava no automóvel, descia na estação, não falava mais com ninguém. Dentro de três dias, Marcelino viajava de novo p'ra Recife, regressava a Caruarú no mesmo dia; amanhã, amanhã escrevia a papai, ele respondia pelo correio da tarde; escrevia a papai p'ra saber...

O condutor pedia as passagens.

— Partiu atrasado?

— Partiu não, seu doutor.

— A que horas chega a Caruarú?

— Oito e meia.

— Chega mesmo, tem chegado?

— Eu sei, seu doutor...

— Olhe, tem carro restaurante? A que horas passa em Vitória?

Maria Leticia cabeceava não para o marido, um sorriso à flor dos lábios — quanta pergunta, meu Deus!

Recife, 1945

A Democracia Socialista

(Conclusão da página 6)

ry. Zusammenbruch), junto com a teoria da concentração constituem o baluarte do marxismo, uma vez que Marx estava convencido de que essas crises destruiriam toda a sociedade capitalista, trazendo a aurora da economia socialista, aquilo que Sombart denomina de "Frühsozialismus". Esse desabrochar do socialismo seria o verdadeiro crepúsculo, o ocaso do capitalismo e de sua democracia burguesa, e o grandioso advento da era da democracia socialista.

1. Karl Marx, Zur Kritik der Politischen Ökonomie, Berlin, 1830, Vorwort, p. 5: "Es ist nicht das Bewusstsein der Menschen, das ihr Sein, sondern ihr gesellschaftliches Sein, das ihr Bewusstsein bestimmt."
2. Karl Marx, Das Kapital, I Band, Berlin, 1828, p. 132: "Die Arbeit ist zunächst ein Prozess zwischen Mensch und Natur, ein Prozess worin der Mensch seinen Stoffwechsel mit der Natur durch seine Eigene Tat vermittelt, regelt und kontrolliert. Er tritt dem Naturstoff selbst als eine Naturmacht gegenüber."
3. P. A. Sorokin, Sociocultural Causality, Space, Time, Durham, 1943, pp. 38-96. — Talcott Parsons, Structure of Social Action, New-York, 1937, pp. 488-93. — Sötre a nova teoria do campo social: Florian Znaniecki, The Method of Sociology, New-York, 1934 e J. F. Brown, Psychology and the Social Order, New-York e London, 1936, p. 44.
4. Maurice Hauriou, Principios de Derecho Público y Constitucional, Madrid, 1937, p. 200. — H. F. Jolowicz, Roman Law, E. B. London, 1939, pp. 448 e. — Lewis Lawin, Class Struggle, in Encl. of the Social Sciences, New-York, 1935, III, pp. 533 e. — Nikolai Lenin, The State and Revolution, Detroit, 1924.
5. Werner Sombart, Kapitalismus, in Handwoer-tebuch der Soziologie, Stuttgart, 1931, p. 260. "Die Wirtschaftsförderung (refere-se ao capitalismo) ist eine grundgesetzlich freiheitl. cf. a sua Wirtschaft, Handw. d. Soziol., pp. 654-57, onde esclarece que a mentalidade do capitalismo é dominada pela idéia do ganho e do lucro.
6. Alfred von Martin, Kultursociologie des Mittelalters, in Hwb. d. Soz., 1931, p. 371: "In solchem im Spiegelschen Sinne gleichzeitigen Zeitaltern findet man einen starken grundsätzlichen Adel, Naturwirtschaft, starken Genossenschafts- und Ständebrauch; die geistige Kultur zeigt einen mythischen und epischen Stil..."
7. G. Jellinek, Allgemeine Staatslehre, 4. Aufl., 1922, cap. X, em um estudo decisivo sobre os tipos de Estado grego, que se desenvolveram na esfera de influência de Atenas, mostra como poucas vezes na história os ideais de liberdade floriram com tanta grandeza. — Cf. Robert von Polmann, Geschichte der sozialen Fragen und des Sozialismus in der antiken Welt, München, 3. Aufl., p. 397-98. — Alfred Zimmern, The Greek Commonwealth, Politics and Economics in Fifth Century Athens, Oxford, 1924, pp. 71 e. 115 e.
8. M. Rostovtzeff, A History of Ancient World, I, The Orient and Greece, Oxford, 1926, pp. 379-72, 374-76; a respeito do capitalismo, Plan-democracia em Roma v. ainda Rostovtzeff, The Social and Economic History of the Roman Empire, Oxford, 1926, pp. 16-23, 450 e.
9. A respeito das novas tendências da "democracia planificada" é fundamental o trabalho, recentemente em preparo, do prof. Mirko Ilins. — V. também, Mirko-Guetzévitch, Les Nouvelles Tendances du Droit Constitutionnel, Paris, 1931. — Lenine, La Révolution Bolcheviste, Paris, 1931, p. 22. — K. Mannheim, Menschen und Gesellschaft im Zeitalter des Umbaus, Leiden, 1935, cap. III, pp. 92-207. — Amaro Quintas, Reflexões sobre o Destino do Mundo, 1944, formosa síntese sobre os rumos da democracia cristã, esp. em National Economic Planning, E. S. S., 1935, XI, pp. 137-205.
10. Karl Marx, Das Kapital, I Band, Berlin, 1828, p. 550. — Oscar Jassé, Socialismo, in E. S. S., 1933, p. 200. — Werner Sombart, Der proletarische Sozialismus, Jena, 1924, 2 Bde, I, p. 10 e Der Moderne Kapitalismus, 6. Aufl., 1924-29, 6 Bde, Teil III, Cf. Das Wirtschaftsleben im Zeitalter des Hochkapitalismus, I, p. XII e cap. final. Djaer Mensch, Economia Política, 1959.

Recife, Janeiro de 1945.

“Como Era Verde O Meu Vale...”

(Conclusão da 13.ª página)

Quem é o médio-direito, que pelo “geitão” parece que gostava de queimar um carvãozinho? Pela estampa bem que éle podia jogar duro. E, pela posição, dizem os entendidos que jogador de defesa que não “entra forte” — jogador “leve”, que é como éles chamam... — não dá certo não. Pelo visto, o médio e o zagueiro direitos eram bons, isto é, eram “pesados”... Pobre da ala esquerda do Varzeano...

Mas sim, como iam dizendo, o médio-direito, que pelo “geitão” aparece que gostava de queimar um carvãozinho, quem é éle? O médio-direito, meus amigos, se de-fato gostava de “beliscar” os adversários, continua na mesma linha para não quebrar o padrão e manter a tradição. O titular da ala direita, que aí está ajoelhado, com o braço esquerdo descansado na perna esquerda, e com a mão direita repousando sobre o pu-

nho esquerdo, já foi deputado várias vezes e é o atual procurador dos Feitos da Fazenda: dr. Osvaldo Lima.

O médio-esquerdo foi também deputado, e tem seu nome profundamente ligado aos desportos pernambucanos, que viveram fases das mais luminosas nas suas gestões de presidente da entidade superior. É o conhecido advogado de nossos auditórios, dr. Carlos Rios. Que canja, o trabalho daquele engenheiro e jornalista de São Paulo, jogar de centro-médio com o apêlo de assa batutas como Cavaldo Lima e Carlos Rios.

vero de Albuquerque Maranhão. Dois advogados e um médico. Não era possível passar nada...

De todo o quadro somente dois elementos não podem mais recordar aquêle encontro: dr. Mavieal do Prado, causídico dos mais cotados que militavam no seu tempo, e que manteve inúmeras assembleias suspensas pelo seu poder oratório; dr. Antônio Fasanaro, que faleceu há dois meses em Caruarú, depois de largos anos de clinica que lhe grangearam um largo e merecido conceito.

Juiz da peleja: Rui Gouveia, campeão pelo Sport quando o Sport tinha time p'ra engalanar...

Qualquer que seja o defensor do antigo quadro da Imprensa de Recife, se tiver desejo de recordar suas tardes de 1922 e fôr aos nossos campos assistir ao desenrolar de uma partida de futebol, suspirará melancólico: — “Como era verde o meu vale”...

No triângulo final o zagueiro esquerdo, como dissemos, era estranho. O guarda-vals, que saiu de campo sem permitir que sua meta fosse vasada uma única vez, é Antônio Fasanaro. E o zagueiro direito, Mário Se-



NAS LIVRARIAS:

Biografias

A Livraria José Olympio editou a biografia do Barão do Rio Branco, escrita pelo sr. Alvaro Lins para as comemorações do 1.º centenário do nascimento daquele grande brasileiro. A edição em dois volumes foi incluída na “Coleção Documentos Brasileiros”.

Traduções

“Trustes e Cartéis”, — suas origens e influências na econo-

mia mundial, em tradução do sr. Silvio Rodrigues, é apresentado pela Livraria do Globo como um assunto de atualidade que o sr. Richard Lewinsohn, especialista no assunto, escreveu. Emil Ludwig, em artigo de critica, confessou-se discípulo de Lewinsohn em assuntos internacionais.

AGUARDE NO 2.º NÚMERO DE

“NORDESTE”

UMA REPORTAGEM SOBRE “O INTELLECTUAL E O APOS-GUERRA”

Fazendas finas e de preços baratissimos

Só nas

LOJAS PAULISTA

Rua Estreita do Rosario -- Rua Nova e Largo da Encruzilhada

Recife — Pernambuco

FAZIO & FAZIO

DISTRIBUIÇÕES -- COMISSÕES

AVENIDA MARQUÊS DE OLINDA, 192

Filial - Rua Torquato Bahia - Edificio Magalhães - Bahia

Agentes em todo o Norte

Sanitas do Brasil Ltd. - Produtos Roche S. A. - Laboratorio Biosintetica S. A. - Laboratorio Exactus Ltd. -- Quimica Bernel Ltd. - Instituto Vital Brasil S. A. - Laboratorio Crinosedá.

**Os
Novos
Modêlos
Para 1946**



“STUDEBAKER”

O MAIS ALTO PADRÃO DO CARRO DE CLASSE MUNDIAL

Studebaker

Unico distribuidor para o Norte do Brasil

IBRAHIM NEJAIM

RUA IMPERIAL, 1173

Tel. 6980 -- End. Tel. IBRAHIM

RECIFE

PERNAMBUCO



Falsos Temores De Inflação

Jaime Ferreira dos Santos

VENHO falar-vos de uma história real e de gente viva que, repetidamente, tira o retrato e pinta a fisionomia dos fatos em presença do original. Não vos cito nem vos citarei jamais autores estranhos de nomes difíceis, nem as memoráveis obras que produziram num afã de pôr dentro de formas estanques e padronizadas, quais milagrosas píluas para todas as curas, as doutrinas imutáveis do seu tempo.

Ninguém que tenha a consciência do dever e a noção da sua responsabilidade pessoal, se aventurará a falar do tão delgado quanto complexo problema da inflação com a pretensão de resolvê-lo ou indicar soluções capazes de eliminá-la da vida dos povos ou das nações.

É se hoje, para cumprir uma obrigação de notariar em obediência à designação que me foi feita pela Comissão de Programas, ouso ocupar-me de semelhante tema, tenho em mente robustecer antes a fé que sempre animou meu espírito na grandeza do futuro deste Brasil imenso, do que propriamente pretender elaborar princípios ou doutrinas tendentes a estabelecer medidas e decisões à maneira de muitos historiadores econômicos, que, com maior ou menor desenvoltura literária, chegam a determinar as fórmulas algébricas do A - B - C causadoras do mal que pretendem apontar.

É nem me seria possível, nos traçados limitados de 15 minutos desta palestra, desenvolver trabalho mais profundo de análises e contrapontos, como era mister se fizesse para firmarmos com uma idéia exata de que tão grave problema não nos deve, por ora, levar a temores exagerados nem a preocupações demasiadas desde que com êle se ocupe séria e ponderadamente, o Governo Nacional, com almas de algum modo já o vem fazendo através de certos atos e medidas de elevada significação política e econômica, medidas essas que também não podem ser precipitadas nem devem ir além dos limites da maior serenidade administrativa, pois é isto e disso, segundo a minha desautorizada compreensão — e mais de que de quaisquer outras causas ou motivos — depende o alaxamento das dificuldades ou o seu maior ou menor agravamento.

Em maio de 1944, quando num período de estabilidade financeira, se falou acidentalmente de INFLAÇÃO, fui entrevistado por uma

Publicidade do Sul (que, me parece, não caí no a entrevista) e tive então oportunidade de falar que, ao invés de "inflação" o que há em nosso país era uma grande transição a ramerrão da sua vida passada para um novo modo de maior felicidade material que iria chegando a todas as classes à medida que se desenvolvesse o aproveitamento das nossas riquezas em potencial. E acrescentei: E se, no muitos o julgam, a inflação é um derrame excepcional de cédulas papel sem lastro correio, sente em ouro ou crédito no Exterior, então

o Brasil teve a sua moeda tão baseada quanto a vossa mantendo agora, excedendo a sua "contagem-base, quase no dobro do que é exigido pelas leis universais que regem a matéria, tanto afirmava mais: Mas mesmo que essa forma de reserva não existisse, como essa "contagem-base, este país estaria em condições de ser tão fértil e tão grande que ainda agora o Ministro João Alberto, fazendo descer, pela primeira vez na História, um avião da FAB lá nos contrafortes do Roncador e do Rio das Mortes, nas longínquas e ignoradas regiões até então virgens do Brasil-Central, disse em telegrama dirigido ao sr. Presidente da República que a terra completamente desconhecida, vendida pelos expedicionários chefiados pelo Cel. Flaviano Vanique representa um imenso território incorporado definitivamente à nossa pátria e que apenas as regiões atingidas, já garantiam o êxito da Colonização Pecuaría.

São agora decorridos quase dez meses e, como é natural num assunto de sua relevância, os debates continuam. É bom que se discuta e se agite em seus vários aspectos para que, com êle, nos possamos melhor familiarizar e nos habituemos a encarar-lo sem "carrogonhos do lado do sobrecenho e darmos à fisionomia do tético aspecto de estarmos diante de um bicho-papão que nos vai engulir de um trago.

E logo para "desabafar" esta informação recentíssima. Na edição de 11 do corrente, do "Diário de Pernambuco" este telegrama: "Segundo dados publicados na imprensa, em 1940 existiam em circulação 5.155.000.000 de cruzeiros e em 1944 Cr\$ 14.462.000.000,00. No período de 1940 a 1944, a circulação fiduciária aumentou de 178,9% e as reservas ouro no Tesouro Nacional aumentaram de 549,7%.

Antes de outra qualquer apreciação aparentemente mais lógica, lancemos mão, desabrida e arbitrariamente, de um elemento que, ocasionalmente, tenho à minha frente: Em 1940 somente os principais Bancos sediados na praça do Recife, excluídos os estrangeiros e o Banco do Brasil, possuíam entre as rubricas de Descontos e Empréstimos, aplicada a soma de Cr\$... 101.196.000,00. Em 1944 essa soma elevava-se à quantia de Cr\$ 542.133.000,00.

A diferença para mais em quatro anos é de Cr\$ 440.937.000,00, isto é, de 438,8%.

Cito, propositalmente, esta exemplo para dar elementos claros aos críticos autorizados e estudiosos honestos destes problemas, porque há que reconhecer os Bancos como veículos propulsores da inflação, tese a que me opoio inequivocamente, mormente nestas agrestes regiões do norte, onde a dureza da vida corresponde à austeridade e dignidade do trabalho comum, destacando-se a ação e o labor dos estabelecimentos bancários por uma ajuda franca e constante a todas as iniciativas louváveis, orientados por um alto sentido humano e patriótico e livres do espírito de aventura ou de descobido arrojado; e porque, no caso, estes Bancos não são emissores, não fabricam cédulas, e o dinheiro, que teve origem certa, somente quando aplicado na indústria, na lavoura ou no comércio e tudo o que for para criar e desenvolver, é que pode gerar a riqueza. E, segundo o que me é dado entender, a riqueza é fator contrário à inflação. É através dela, da criação e do aumento da riqueza, da elevação do nível de vida e do poder

aquisitivo do povo, e da luta contra o desperdício, que se deve procurar eliminar a inflação, ou os seus efeitos, obtendo-se o equilíbrio dos valores em giro por essas moedas e minúcia pela deflação, cujos males, na maioria das vezes, são muito maiores, mais graves e mais ruins do que os da própria inflação.

Almeiro Alcântara, técnico de finanças dos mais luminosos, a deduzir da clareza e simplicidade com que aprecia e põe em equação os seus estudos, na sua "Pequena História do Papel Moeda" (REVISTA BANCARIA BRASILEIRA, n. 145, edição de janeiro de 1945) dia, a respeito da inflação, em síntese, o seguinte: "Se a circulação normal e necessária for (por exemplo) de 200.000 contos de papel e o governo, por meio de retiradas parciais consecutivas, reduzi-la sensivelmente, (isto é praticar a deflação), os mesmos fenômenos (crise, depressão, baixa de preços e salários, abalo e desequilíbrio de toda a vida econômica) se realizarão porque os efeitos ruins da escassez do instrumento necessário à atividade econômica se farão notar do mesmo modo e com a mesma força". E continua, adiante: "O equilíbrio portanto reaparecerá por duas formas: "Ou o Governo arrenderá-se e restituirá a circulação o que dela retirou imprudentemente, como se tem feito numerosas vezes em diversos países, inclusive o nosso, ou o Governo persevera no erro, as dificuldades aumentam dia a dia, os preços baixam até um nível inferior ao custo da produção, o comércio paralisa-se, tudo enfim se abate e empobrece, tudo entra em estado de crise, tudo deflata, e a procura do numerário, chega a momento em que o equilíbrio se restabelece em nível muito inferior ao existente, mas nesse caso é o equilíbrio da miséria e da destruição." (Art. cit. REVISTA BANCARIA BRASILEIRA, n. 145).

Mas vejamos ainda um outro aspecto da circulação fiduciária atual. Arredondando-a mesmo para 15 milhões de contos e dividindo-a, per capita, pela população do Brasil (45 milhões de habitantes). Cabe a cada um o encargo de Cr\$ 333,33, o que se me afigura positivamente baixo, face à população das forças econômicas nacionais.

Isto se comprova ao considerarmos o grau a que já atingiu, tanto em volume físico como em valor, a nossa produção industrial, comercial e agrícola, o que se deve atribuir não ao aumento do consumo interno, cuja capacidade absorção cresce constantemente, mas também às necessidades da guerra, que determinam uma procura ascendente de certos produtos de origem vegetal, mineral e animal que o Brasil possui em abundância.

A produção extrativa mineral e metalúrgica, triplicou de valor passando de 429 milhões de cruzeiros em 1937 para 1 bilhão e 239 milhões em 1942. A produção extrativa vegetal (borracha, babaçu, carot, castanhas, castanha, carnauba, etc.) teve o seu valor duplicado no mesmo período, pulando de 373 para mais de 700 milhões de cruzeiros. A matança de gado em 1939 alcançara a cifra de 9 milhões e 27 mil cabeças contra 10 milhões 519 mil em 1941 e assim por diante." (Art. cit. REVISTA BANCARIA BRASILEIRA, n. 145).

Também merece destaque a posição da nossa balança de comércio exterior, cujos saldos favoráveis têm crescido animadoramente. Em 1942 importamos 4 bilhões 644 milhões de cruzeiros e exportamos 7 bilhões 495 milhões, dando-nos um saldo positivo de quase três bilhões de cruzeiros. (Art. cit. REVISTA BANCARIA BRASILEIRA, n. 45).

E o que mais nos conforta quando expendemos a nossa opinião pessoal sobre este assunto de tanta magnitude brasileira, é que a não vemos apenas corroborada pelos autorizados técnicos nacionais aqui citados e outros mais, também de grande saber e mérito, a que não tememos tempo de referir, mas principalmente porque, igualmente, nos altos centros financeiros do exterior, prevalece, não apenas por palavras mas por atos e fatos de destaque econômico, a opinião que esposamos. E o caso, por exemplo, da valorização acentuada dos títulos brasileiros cotados no estrangeiro.

A revista do Banco Português do Atlântico, pujante e acreditada organização financeira de expressão internacional, sediada num grande mercado de títulos como é a cidade do Porto, em Portugal, publicação de muitos anos especializada no mercado de todos os valores estrangeiros, encabeça no número de março de 1944, o seu artigo sobre o Brasil, com a seguinte frase: "Os empréstimos desse país asinalam alta de cotação." E do comentário extraiamos apenas estes tópicos, porque o tempo urge: "Entretanto o enorme saldo de dólares vem permitindo a continuação da compra de ouro nos Estados Unidos para efeito da estabilização cambial em tal jeito que o valor do conjunto do ouro adquirido e de dividas, constituía no penúltimo mês de 1943 a garantia de 86,6% das notas em circulação — garantia que no ano anterior era apenas de 48,3%. Esta forte posição das notas em circulação representará, como é natural, fator essencial para o estabelecimento dum sistema bancário central, também sistema fiscalizador do crédito interno, recomendando pelo citado Congresso Econômico".

No seu número de julho de 1944 (sendo estes os únicos exemplares que nos chegaram às mãos) diz a mesma revista em idêntico artigo e sob o título "Os empréstimos externos continuam em boa situação no mercado": —

"Em sucessivos" números deste Boletim têm vindo a produzir-se fatos, dados e cifras, todos atinentes a comprovar a posição do Brasil cada vez mais firmada em termos de prosperidade." Eis, seguida (faz um comentário sobre o nosso comércio em geral, aprecia declarações do Ministro da Fazenda sobre os empréstimos no país e no estrangeiro e termina dizendo: "58 em dólares as reservas acumuladas, informa por sua vez o chefe do Departamento do Comércio, ascendem atualmente a 750 milhões, contando-se que atinjam a um bilhão no final da guerra. O Brasil reúne, pois, condições para aguentar-se no momento, com pleno sucesso, mas para afrontar amanhã as piores contingências. E hoje talvez no mundo uma das mais sólidas armaduras econômico-financeiras. Compreende-se, pois, graças às condições circunstâncias e à regularidade agora posta no serviço da Dívida que os empréstimos externos brasileiros continuam sendo objeto de larga procura — procura não somente verificada no nosso mercado, mas sim em especial e em maiores proporções, nas praças onde esses empréstimos foram emitidos".

Não tenho à mão dados que me habilitem a pôr em confronto a divisão per capita da nossa circulação fiduciária com a média da de outros países cujas idéias e planos estão hoje sendo tomados como tipo-padrão do acerto econômico mundial, para ser alcançado o tão decantado "clima" de paz para a humanidade. Preconiza-se todavia oficialmente a necessidade de o nosso país "adaptar sua vida financeira interna aos princípios e normas que nos países de velhas civilizações não constituem mais motivo de debate".

Acho contudo que no caso especialíssimo do Brasil, nem uma nem outra destas coisas se torna premente e indispensável para conseguirmos bases mais altas a construção da economia nacional tal a marcha ascendente já notada do seu progresso material e a vastidão dos recursos de que dispomos ainda à espera de serem transformados em fontes de abundante riqueza. Apresenta-se-nos assim uma solução brasileira.

Evidentemente que não aconselho o isolacionismo econômico e financeiro, antes pelo contrário, entendo que agora mais do que nunca se deve procurar maior expansão para os nossos produtos exportáveis nos mercados internacionais ainda que mediante convênios de troca ou modalidades semelhantes com aqueles países de cujas manufaturas e produtos, por nossa vez, necessitamos e enquanto não nos aparelharmos suficientemente na industrialização e na produção de tudo o que for necessário à nossa própria economia.

É claro que para podermos atingir tão ampla finalidade, teríamos que acabar definitivamente com os preconceitos, exagerados às vezes, da repulsa à valiosa experiência dos técnicos, dos capitais e até, em muitos casos, do mão de obra estrangeiros, que se obtiverem um tratamento condigno e esperando, confiadamente, uma remuneração equitativa, — para aqui se dirigiam preferencialmente atraídos ainda pela mística brasileira — povo bom — clima bom — terra abundante e rica — que faz deste país admirável um verdadeiro oásis da Felicidade no Mundo.

E já agora não é este um ponto de vista exclusivo, pois eis o que, em sua notável conferência sobre os "Problemas do Planejamento Econômico do Brasil" pronunciada em 26 de outubro último, no Rio de Janeiro, disse o ilustre sr. João Daudt Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio, e nome sobejamente acatado como profundo conhecedor dos problemas econômicos nacionais: "Precisamos dispor-nos decididamente, sem injustificadas ponderações nativistas, a utilizar a cooperação estrangeira de capitais, técnica e braços."

"Em área aproximadamente igual nos termos 1/3 (um terço) da população americana, dispoño de espaço para um bilhão de habitantes. Não podemos efetivar a ocupação de imensos trechos desertos do nosso território nem desenvolver qualquer programa agrícola e industrial contando apenas com o crescimento vegetativo da nossa população."

Outro trecho: "Necessários do afluxo de imigrantes e a ocasião é oportuna para revermos nossa política imigratória adaptando-a às realidades e necessidades brasileiras."

E m outro tópico, sob o título: "O Petróleo," disse outro importante trabalho, que me permito recomendar ao estudo e meditação de todos os que se interessam sinceramente pelo progresso e grandeza do Brasil, depois de aludir à existência em larga escala de petróleo brasileiro e declarar que a produção de petróleo, em cada região do Globo é diretamente proporcional não à sua existência nessa região mas à intensidade da pesquisa que se fizer," afirma o sr. João Daudt de Oliveira: "Os Estados Unidos constituem somente 5% da superfície do planeta e contém apenas 15% das camadas terrestres sedimentárias apropriadas à formação de campos petrolíferos. Entretanto fornecem até hoje 54% de todo o óleo descoberto na terra. Isto significa, que os técnicos descobriam em seus países vinte vezes mais óleo do que o resto do mundo. Por que? Porque simplesmente pesquisaram muito mais, tendo perseguido quase uma milhão (um milhão!) de poços. O Brasil importa petróleo: antes da guerra pagava por êle cerca de vinte e cinco milhões de dólares, ou sejam quinhentos milhões de cruzeiros."

Adiante insiste: "Para a exploração indus-

trial do petróleo no Brasil faltam-nos capitais, máquinas e técnicos. Há esse outro período feliz: "Precisamos agir com inteligência e aproveitar nas oportunidades. Aos temerosos de que a cooperação dos técnicos e capitais estrangeiros possa um dia constituir ameaça à soberania do país, bastará recordar que o Brasil é uma nação adulta, com suficiente confiança em si e meios para impor sua jurisdição e vigilância a qualquer indústria que se desenvolva dentro de suas fronteiras e que deverá ficar sob o exclusivo império das leis brasileiras." (O Economista — n. 296 — ed. de nov. de 1944).

Não há como podermos discordar de tão justos conceitos e úteis ensinamentos. Nefes e na sua aplicação a todos os demais ramos da grande produtividade a que precisamos e precisamos atingir, encontramos incentivo para robustecer os anseios de fé na grandeza do Brasil, como de início vos falei.

E já que não referimos ao petróleo, oportuno é falar também de outro problema, tão equivalente na sua grandiosidade e naquilo que também virá representar como fator permanente de riqueza, de prosperidade e de economia para a vida da nação e sim especialmente para o acertoimento, progresso e bem estar de todo o nordeste brasileiro: É o aproveitamento do potencial hidráulico de Paulo Afonso.

Para não exceder por mais tempo o prazo que me é permitido, citarei apenas uma opinião abalizada de alta patente do nosso Exército, o sr. general Valentim Benício, ao falar ultimamente, por ocasião de uma homenagem ao ministro da Agricultura, que tanto interesse vem demonstrando pela rápida consecução deste novo empreendimento: "Ninguém poderá compreender a enormidade da obra que surgiu de Paulo Afonso industrializada, sem haver antes computado cifras que se alinham exprimindo lamentável pobreza que ela se propõe transmutar em promissora riqueza."

E outro trecho, tendo aludido à importância estratégica da região e demonstrado que o capital empregado voltará multiplicado em prazo restrito: "Da convergência de suas energias, caprichosamente instalada na confluência de quatro Estados (Pernambuco, Bahia, Sergipe e Alagoas) irradiam natural e imperiosamente linhas de força que irão alcançar, em centenas de quilômetros de raio, mais outros Estados próximos. E muito mais longe irão, ao longo das vias férreas, eletrificadas, as energias dominadas em Paulo Afonso e orientadas para os quatro ventos em giro de horizontes de 360 graus limitado em outros empreendimentos que lhe vierem estender novos braços, em limitada ansia de progresso pelo Brasil imenso, transpondo fronteiras, prolongando-se em novas forças que do exterior se lhe venham somar, em nobre empenho de colaboração internacional, unindo povos, confundindo em um mesmo amplo, civilizações, religiões, nacionalidades, idiomas, interesses americanos que se completam em comum consórcio. E a hulha branca fará nascer fábricas, multiplicará indústrias, enriquecerá os parques de produção, fará surgir pequenos núcleos que se transformarão em povoados, vilas e cidades."

Outros aspectos importantes de palpante vitalidade brasileira, poderiam ser citados concretamente para demonstrar que são por enquanto falsos ou pelo menos prematuros os temores da inflação. O espantoso desse terrível mal não está ainda, felizmente, forçando os alarbes do grande monumento que o Brasil vai construindo para segurança do seu futuro econômico e garantia do seu prestígio político.

Isso preocupa, sim, e preocupará cada vez mais aqueles países que já atingiram a meta de sua capacidade de expansão, — a super-exploração de tudo o que possuem, obrigando-os a bruscos movimentos de atitudes alterações apressadas e, conseqüentemente, prejudiciais em seus vastos planos sempre que qualquer fator foi sub-estimado ou previsto com menos realidade.

Mas o panorama que se apresenta ao cenário brasileiro é diferente. É um panorama de trabalho, não há dúvida; porém, trabalho também significa riqueza; enquanto outros povos se vêem a braços com o dilema em que se acham de não terem trabalho ou de não terem, mesmo de épocas normais, não aqui, graças a Deus, precisamos sempre de maior número de braços e de cérebros, que se dediquem ao labor fecundo e construtor do nosso promissor futuro. Será um trabalho duro e penoso aquele que temos diante de nós para realizar e a sua execução custará certamente muitos esforços e talvez sacrifícios de natureza material para esta e para a geração vindoura. Contudo, se permitirem os propósitos do Governo no tocante às obras planejadas e em vias de andamento, — e a nos só resta confiar na sua palavra e no seu pacto — então podermos, desde logo, desistirmos — em fundo da larga estrada a percorrer, o rumo certo, a aurora redentora da Felicidade do Povo brasileiro.

(*) — Conferência pronunciada em uma das sessões semanais do Rotary Clube de Recife, na capital pernambucana.

Preço dêste exemplar: CR\$ 2,00